Diário de Lisboa

Agosto 1978
Sábado
5
ANO 58.º
N.º 19 724
7$50

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Cinco dias para achar um Primeiro-Ministro

Depois de uma semana preenchida com sucessivos encontros com os partidos parlamentares, Ramalho Eanes terá este fim-de-semana para se debruçar sobre as diferentes propostas antes de, na segunda-feira, reunir mais uma vez em Belém os «parceiros políticos» num encontro que deverá ser decisivo para se poder dar resposta à interrogação que nestes dias se coloca: vai ou não surgir o Governo de «mediação presidencial»? A maioria dos quatro grandes partidos parlamentares parece inclinar-se nesse sentido, mas o PS continua a jogar na reserva e, sem o seu «sim», pouco ou nada se poderá avançar.

Joaquim Ortiz, porta-voz da UDP

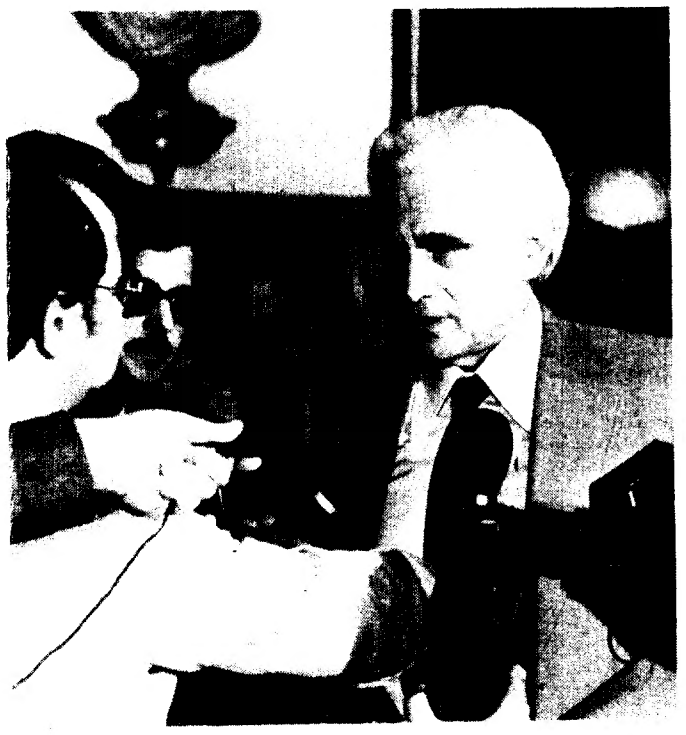
Antes de terça-feira da próxima semana os socialistas não deverão quebrar a expectativa. É para esse dia que está marcada uma reunião conjunta do Secretariado Nacional e da Comissão Directiva, que deverão dar resposta a Eanes. Para estes dois órgãos das cúpulas socialistas Soares levará o resultado da entrevista da véspera com o PR, bem como os dados obtidos numa série de movimentações de bastidadores que vêm decorrendo. Nestas inscrevem-se encontros informais que se realizaram com Basílio Horta (CDS) e Sousa Franco (PSD-Opções Inadiáveis) e com Freitas do Amaral, conforme damos conta noutro ponto desta edição.

Fonte socialista bem colocada dizia-nos esta manhã que não é de esperar qualquer alteração substancial às posições definidas no comunicado do Secretariado Nacional emitido a meio desta semana. Isto significa que, independentemente dos contactos entretanto realizados, não será possível repor o acordo PS/CDS sem recuos totais de uma ou de outra das partes, não tendo também viabilidade os rumores sobre um entendimento envolvendo aqueles dois partidos mais a facção social-democrata das «Opções Inadiáveis». «Está a tentar fabricar-se o tal Governo de «mediação presidencial» e vão lançando-se hipótese para «ver se cola» – dizia-nos ontem à noite uma outra fonte do PS.

Para já Eanes terá de conseguir acertar, na segunda-feira, as diferentes propostas dos partidos. E dado que nem todas coincidem, parece inevitável que pelo menos uma fique de fora. Até ao momento a posição do PSD parece ser a que mais se afasta das restantes, designadamente quanto à base parlamentar do próximo Executivo.

Desacerto existe igualmente quanto à figura do Primeiro-Ministro, parecendo aqui certo que as hipóteses que o PS colcca não coincidirão com as do CDS e, muito menos, com as do PSD, enquanto no que ao PCP concerne será difícil avaliar da sua resposta até que os nomes sejam oficialmente colocados. Nesta altura é pura especulação avançar com figuras. Pode no entanto adiantar-se que, em termos do PS, não colhe a maioria dos nomes que têm sido ventilados pela Imprensa (só o semanário «Expresso» adianta hoje 10!).

Uma vez que se espera que Eanes consulte já na quarta-feira o Conselho da Revolução sobre a escolha do Primeiro-Ministro, é de esperar que esta questão seja o fulcro dos seus próximos contactos com os partidos. A conseguir chegar-se a acordo, é possível que quinta ou sexta-feira da próxima semana o País conheça o nome escolhido.



Álvaro Cunhal revela aos jornalistas a posição do PCP perante as alternativas propostas por Belém

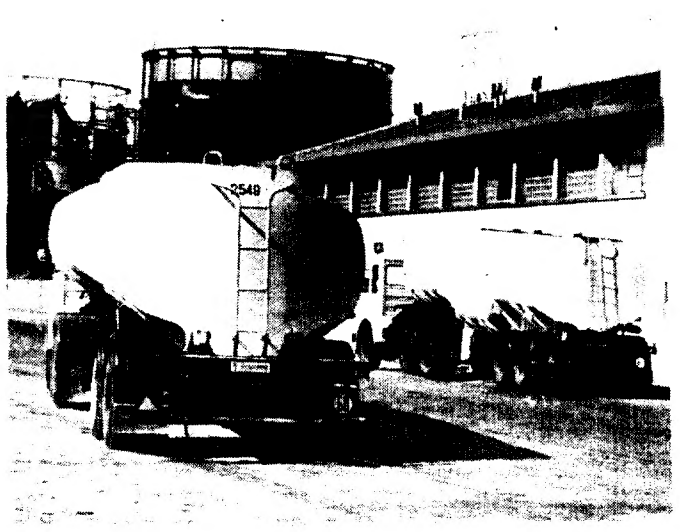
Atacada outra missão da OLP: quatro mortos

Três homens armados assaltaram esta manhã a missão da Organização de Libertação da Palestina em islambad, capital do Paquistão, matando quatro pessoas: um polícia, dois estudantes palestinianos e um guerrilheiro que recebia treino naquele país. Essas indicações foram dadas directmente a Yassar Arafat, líder da OLP, por Youssef Abu-Hantash, o chefe da missão visado no ataque, mas que conseguiu sair ileso. Abu-Hantash, na mesma mensagem, disse que a identidade dos assaltantes ainda era desconhecida e até ao fim da manhã não se conheciam mais detalhes.

Este foi o segundo ataque do género registado no Paquistão em quatro dias. Na passada quarta-feira, dois homens assaltaram o consulado do Iraque em Carachi. Um deles foi atacado a baioneta e morto a tiro por um guarda paquistanês, que anteriormente havia sido atingido por balas no peito e no estômago e que ontem viria a morrer. Na mesma ocasião, um diplomata iraquiano foi ferido a tiro, mas está a recuperar num hospital.

No dia seguinte dois árabes invadiram a missão da OLP em Paris e mataram o seu representante, Ezzedine Kalak, com 16 tiros, estrilhaçando as pernas do seu adjunto, Adnan Ahmmad, com uma granada.

Nesta «chuva de balas» que vai de Londres a Islambad, os guerrilheiros da «Al Fatah», braço armado da OLP, e os radicais pró-iraquianos, comandados por Abu Nidal, parecem estar metidos numa verdadeira «guerra civil palestiniana». E, como não existe Palestina, por enquanto, as hostilidades são travadas em todos os países estrangeiros. A disputa não é nova e, segundo Ned Temko, da UPI, as razões podem ser encontradas num misto de rivalidade político-ideológica e de ódio pessoal entre Arafat e Nidal, este um dissidente, da «Al Fatah» que tem o seu QG em Bagdad. Até os anos 60 ambos estiveram intimamente ligados.



Um autotanque saindo hoje de Cabo Ruivo com destino ao Aeroporto de Faro

ALGARVE COM GASOLINA QUASE ESGOTADA

Aeroporto de Faro (prioritário) recebe hoje duzentos mil litros

Esta manhã, nas instalações de Cabo Ruivo, seis autotanques com uma capacidade de 35 mil litros cada um, começaram a carregar gasolina para o Aeroporto de Faro, considerado prioritário em matéria de abastecimento, na zona do Algarve.

A Petrogal, para fazer face às perturbações causadas pela greve da Marinha Mercante, já que aquela zona é abastecida pelo mar por barcos vindos de Leixões carregados na refinaria do Porto, aumentou a sua frota habitual para o Sul com mais quatro unidades. Mesmo assim, dada a demora dos transportes, continua a ser irregular o abastecimento para a zona algarvia. Muitas bombas fecharam já por falta de combustível, ainda que elementos ligados à Petrogal nos tivessem garantido hoje que é muito remota a hipótese de alguém ficar retido no Algarve por falta de combustível.

Entretanto este esforço extra para assegurar o abastecimento do Sul começa a fazer-se notar já em outras zonas do País onde, a continuar a actual situação, haverá esgotamentos de combustível.

Como informava hoje um semanário, a Petrogal, caso não seja possível desbloquear nos próximos dias o terminal do Norte, encara seriamente a hipótese de vir a alugar barcos estrangeiros para fazerem o abastecimento de gasolina ao Algarve.

Outra alternativa que se poê ao Conselho de Gerência da Petrogal será a importação de gasolina do estrangeiro, com prejuízos evidentes para a economia nacional.

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

VIAGENS E TURISMO
Av. da Liberdade, 233
Tel. 536121 LISBOA

RENTIFIX

Neves de Sousa
enviado especial "DL"
viaja com
AVIS Rent a Car

REPORTAGEM NAS PÁGINAS DE DESPORTO

TOP ROSS
MAIS MODA
POR MENOS PREÇO!
Rossio 85 - Tel.365018

Câmara de Vila Franca vai propror abolição da portagem na ponte

Com o apoio de outros concelhos da região, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, decidiu propor à Assembleia Distrital de Lisboa um entendimento para a exigência da abolição da portagem da ponte sobre o Tejo naquela localidade

Na opinião da edilidade vilafranquense, esta medida, além de proporcionar, um amelhor resolução dos problemas económicos da região, «permitiria significativa melhoria no escoamento do tráfego que todos os dias atravessa o rio naquele ponto».

Recorde-se que este pagamento de portagem está em vigor desde 1951, sendo certo que na perspectiva de utentes e edilidades já é tempo de acabar com ele. A proposta está a ser muito bem recebida pelas populações locais, que a consideram um avanço na melhoria de certos problemas regionais, com reflexo noutras partes do País, mais adjacentes.

Câmara de Évora funciona só com os vereadores eleitos da APU e do PSD

ÉVORA, 5 – Numa conferência de Imprensa ontem realizada o presidente da Câmara Municipal, Abílio Fernandes, considerou de «grave para a democracia», a insólita tomada de posição dos membros do Partido Socialista que, eleitos para aquela edilidade, a abandonaram subitamente há dias com a acusação da existência de «graves anomalias» no seu funcionamento.

Todavia Abílio Fernandes, salientaria perante os órgãos da Comunicação Social, o facto de «a Câmara trabalhar o mais possível em democraticidade», estranhando-se assim «por que razão os vereadores demissionários do PS não apresentaram ainda as suas causas que os levaram ao abandono das suas funções no município há cerca de 15 dias».

O presidente da Câmara, que se encontrava acompanhado pelos outros dois elementos eleitos da APU, referiu ainda que a demissão dos vereadores socialistas está a prejudicar profundamente o funcionamento da edilidade que entretanto, e com as dificuldades surgidas, tem prosseguido com o «quorum» existente: três elementos da APU e um do PSD. A população, segundo o vereador Jorge Silva, sente-se prejudicada por estas intempestivas demissões, ocorridas ao fim de ano e meio de mandato, isto é, quando os trabalhos da vereação começavam a mostrar os seus resultados mais positivos.

Durante a referida conferência de Imprensa, aberta à participação dos munícipes, focou-se também o caso dos Serviços Municipalizados, cuja situação é alarmante visto que denuncia um défice rondando os 40 mil contos, situação que é alheia à actual edilidade, posto que se trata de um défice acumulado ao longo dos anos anteriores e que resulta em grande parte das várias secas verificadas.

Calhariz de Benfica não cede na sua "guerra" ao gasómetro

A Comissão de Moradores do Calhariz de Benfica, durante uma reunião efectuada ontem, com mandato da população local, reiterou a firme decisão de contrariar a instalação do reservatório de gás de 40 mil metros cúbicos, que a EDP teima em querer construir naquela zona. Esta comissão, com o apoio dos habitantes da populosa freguesia, está disposta a desenvolver várias formas deluta legais relativamente à anulação das possíveis autorizações para a continuação das obras já em curso, e que tinham sido embargadas em Agosto de 1977, graças aos protestos então levantados.

De facto, os motivos que determinam a oposição dos habitantes da zona à construção do gasómetro (a qual, se levada a cabo, atingirá a altura de um edifício de sete andares) foram expostos a 1 de Agosto do ano passado ao director-geral dos Combustíveis. Este responsável ordenou o imediato embargo da obra que agora, com grande espanto das gentes da freguesia, foi subitamente recomeçada.

A Comissão de Moradores e o grupo coordenador desta luta desenvolvem contactos a nível judicial, no intuito de conseguirem que as obras continuem embargadas até uma decisão final que cubra os interesses da população.

EM LITÍGIO COM MONDIM DE BASTO

Ribeira da Pena apela para a A.R.

A Câmara Municipal de Ribeira de Pena protestou contra o facto de o Concelho de Mondim de Basto, para ser elevado a comarca, haver recorrido à integração das freguesias ribeirapenenses de Cerva e Limões, «sem prévia auscultação dos seus órgãos democraticamente eleitos».

Num ofício a propósito dirigido a várias entidades oficiais, nomeadamente o presidente da Assembleia da República e o ministro da Justiça, a Câmara Municipal de Ribeira de Pena acusa o Governo de «infingir os princípios mais rudimentares da vivência democrática».

O município declara-se disposto a iniciar um processo para a criação da comarca de Ribeira de Pena, englobando todas as freguesias so concelho, mesmo as aproveitadas pela recém-criada comarca de Mondim de Basto.

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

PODER LOCAL

Venda ambulante tem de respeitar artigos fixos da lei

A venda ambulante, actividade tradicional prevista na legislação e em posturas municipais, apresenta ainda hoje, desde que legalmente praticada, aspectos positivos, pois é, muitas vezes, através dela que determinados produtos, géneros e mercadorias chegam a certas regiões e camadas populacionais, como também pode exercer uma função moderadora nos preços de venda ao público, fomentando uma concorrência, salutar quando honesta, o comércio fixo. Reconhecendo isso, embora levando em linha de conta um surto indisciplinado da venda ambulante, causador de graves problemas, entre os quais avultam os que se relacionam com a saúde pública, o trânsito de viaturas e pessoas, a estética e a limpeza dos locais do seu exercício, bem como a concorrência desleal a certas actividades comerciais, o Governo, então presidido por Vasco Gonçalves, regulamentou, pelo Decreto-Lei 383/74, de 24 de Agosto, a prática da venda ambulante em todo o País. Nesse decreto foram traçadas as linhas gerais que permitem aos órgãos de administração central e local enfrentar os problemas inerentes. Assim...

Assim, a lei deixa às Câmaras Municipais margem para tornar mais objectivo o articulado do diploma, nomeadamente ao que se refere às zonas de venda e aos produtos a comercializar, cabendo-lhes também o registo dos vendedores no respectivo concelho, sendo, entretanto, da competência da Direcção-Geral da Fiscalização Económica, de GNR, da PSP e da GF, além das autoridades sanitárias, administrativas e fiscais a prevenção e acção correctiva das infracções das normas constantes do referido diploma e dos regulamentos aprovados pelas autarquias locais.

UMA CERTA INDISCIPLINA

No que diz respeito ao concelho de Almada, a Comissão Administrativa da CMA regulamentou, em 13 de Setembro de 74, o exercício da venda ambulante na área da sua competência, calculando-se actualmente em 400 o número de vendedores inscritos e em mais de 600 os que operam à margem da lei.

Mas...

Mas esse regulamento não teve os efeitos desejados, em consequência da indisciplina geral que se gerou nesse sector da comercialização, o que transformou o exercício da venda ambulante, em ruas de grande movimento, em autênticas feiras/mercados.

Para arrumo (arrumo com base na compreensão...), a Câmara Municipal de Almada viu-se na obrigação de alterar a redacção do Regulamento da Venda Ambulante no concelho, tendo em consideração a necessidade de disciplinar o sector, numa perspectiva de defesa da saúde pública.

Ora como é o novo regulamento...?

Bem – novo regulamento, entre outras coisas, interdita a venda na via pública de quaisquer animais vivos ou abatidos; carnes frescas ou preparadas (sejam verdes, sejam congeladas); peixe congelado, lacticínios e seus derivados; etc. Além disso, o regulamento limita o exercício aos vendedores credenciados pela CMA, residentes na área do concelho, numa tentativa de evitar a proliferação.

Ainda mais: o novo texto, que já mereceu a aprovação da Assembleia Municipal, agrava as taxas de multa a aplicar aos infractores, dentro dos limites previstos pela lei.

URGE FAZER CUMPRIR A LEI

Numa intervenção na Assembleia Municipal foi posta uma questão que, na verdade, é importante: o cumprimento da lei.

Para ilustrar o desrespeito pelo que está regulamentado, vejamos o que se passa, em breves palavras, na Avenida da Fundação...

Artéria principal da Cova da Piedade, aquela avenida mostra bem (e o caso não é ímpar no concelho) o desinteresse ou relaxe das autoridades administrativas ou policiais no tocante ao cumprimento da lei em vigor.

Inicialmente incluída nas zonas interditas de venda ambulante (essa interdição seria levantada posteriormente), a venda exerce-se aí em dois quarteirões (esquinas dos prédios 13 ao 23 e 16 ao 24). Todavia...

Todavia, esse exercício, na maioria dos casos, é praticado em completo desrespeito pela lei e regulamento vigentes.

Provas...%

Aqui vão as provas: não são respeitadas as dimensões máximas dos tabuleiros (1m por 1,20), nem a altura mínima de venda (40 cms acima do solo); impede-se e dificulta-se a livre circulação de pessoas e veículos, assim como o acesso aos meios de transporte públicos e às paragens dos respectivos veículos; conspurca-se a via pública; não é identificado o preço nem a morada do vendedor; a venda faz-se sem qualquer condição de higiene, chegando mesmo a vender-se junto dos contentores do lixo produtos alimentares; vende-se (ainda) a menos de 50 metros das paragens dos autocarros; são utilizados para as transacções, em certos dias, altifalantes e megafones, provocando irritante poluição sonora; vendem-se produtos que concorrem com o comércio fixo junto a estabelecimentos que, como se compreende, saem prejudicados do confronto; e (para terminarmos) procede-se à venda de animais vivos e abatidos, peixe congelado e outros artigos considerados como interditos no regulamento acima mencionado.

Embora, nos últimos dias, as autoridades tenham cumprido com o seu dever (nos últimos dias, isto é, há cerca de um mês...), a verdade é que uma certa indisciplina continua a habitar a Avenida da Fundação, assim como quem diz que a lei é lei – e a venda é venda...

Avenida da Fundação (Almada): passeios sempre ocupados

Venda de peixe junto de uma escola

Oferta e procura em todos os espacos

Conselho Municipal de Almada

Por lapso, noticiámos há dias que o Conselho Municipal do Porto tinha sido o primeiro a ser implantado no País.

Não foi o primeiro, não. Lembra-nos a Assembleia Municipal do Concelho de Almada, que, naquela cidade da Outra Banda, já em 20 de Maio passado, se procedera à implantação do respectivo Conselho Municipal.

E mais: após a instalação, realizou-se a primeira sessão pública daquele órgão nos termos legais – e, posteriormente, o CM de Almada reuniu-se de novo, «tendo inclusive aprovado o seu próprio regimento».

A título de curiosidade, o citado Conselho reúne 33 elementos, em representação de um vasto leque de organizações locais, tendo a sua constituição sido aprovada por unanimidade em sessão pública da Assembleia Municipal de Almada, a qual integra diversas forças políticas.

Festas de Gouveia

GOUVEIA, 5 – O Município local vai realizar, de 10 a 15 de Agosto próximo, as Festas da Vila, que são tradicionalmente dedicadas ao Senhor do Calvário.

Integrado nos festejos, será realizado no dia 12 o «III Festival Internacional de Folclore», organizado pelo rancho local, e no qual participam nove grupos nacionais e dois estrangeiros.

Além das diversas actividades religiosas, o programa prevê ainda a inauguração de duas exposições, uma de pintura e outra de desenho, ambas sobre motivos de Gouveia.

No último dia das Festas, o Parque Natural da Serra da Estrela organizará o «VIII Concurso de Cães da Serra»

ponto a ponto

Vítor Cunha Rego declarou ontem à tarde à ANOP que a «isenção» da sua actuação pessoal, profissional e política poderia obrigá-lo «a assumir perante o Partido Socialista, de que o dr. Salgado Zenha é um dos mais altos dirigentes, a atitude mais adequada». Não explicitou se esta sua demarcação em relação ao PS, de cuja Comissão Nacional faz parte significa solidariedade para com o chamado grupo «Mateus Rosé», acusado por Zenha de querer «espanholizar» a vida política portuguesa.

O embaixador de Portugal em Espanha que se encontra no seu posto em Madrid, disse ainda que não poderia provavelmente comparecer à reunião conjunta da Comissão Directiva e da Comissão Nacional do Partido Socialista, marcada para a manhã da próxima terça-feira. Compromissos anteriormente assumidos, no âmbito das relações bilaterais entre os dois países ibéricos, poderiam retê-lo na capital espanhola.

Chegou ontem a Lisboa, o sr. Fritz Pirkl, dirigente do CSU de Franz Joseph Strauss, para debater aspectos relacionados com a fundação Hans Seidel e o chamado «Instituto de Estudos Portugueses» ligados ao MIRN e ao PDC.
No aeroporto, o visitante era esperado pelo arquiduque Otão de Habsburgo, conselheiro da fundação, e pelo general na reserva Silvino Silvério Marques, presidente do «instituto», que foi criado por iniciativa do antigo ministro salazarista Adriano Moreira.
A fundação Hans Seidel é uma instituição que, entre outras actividades de igual teor, apoia financeiramente a candidatura de grupos de extrema-direita às eleições para o Parlamento Europeu. Significativamente, o director financeiro da fundação acompanha o sr. Pirkl nesta sua visita a Portugal.

O presidente do PSD recebeu uma carta pessoal de Adolfo Suarez, primeiro-ministro espanhol, convidando-o a assistir ao congresso da UCD, que se realizará em 19, 20 e 21 de Outubro.
O dr. Sá Carneiro, no dia 13 do corrente, vai também ao pinhal do Pontal, nos arredores de Faro, comemorar o aniversário da implantação do seu partido no Algarve.

Recado para o pássaro Trrim-Trrim

ISABEL DA NÓBREGA

Ouve lá, meu inocente, meia dúzia de verdades que tenho para te dizer.

Desculpa a rudeza – não me és extraordinariamente simpático porque no teu papel deverias, parece-me, mostrar mais vivacidade e imaginação. Mas também não és antipático, com esse teu rosto de gilette romba.

Penso e que deverias ter-te interrogado, quando te encarregaram desse serviço, se não haveria uma contrapartida, uma garantia, digamos, a oferecer ao utente dos TLP lado a lado com as regras de comportamento de que eras, és, emissário.

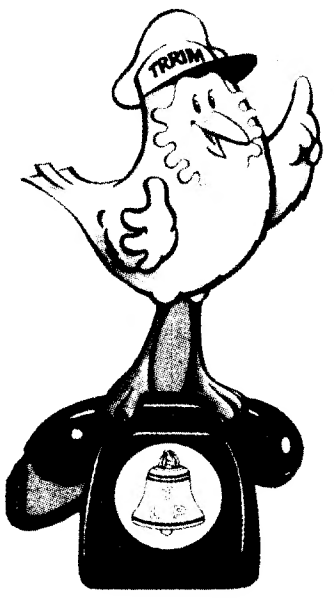
Não te ficaria mal. Assim é como se nos tomasses por parvos. (Que somos e não somos).

Passo a explicar, e podes transmiti-lo na Andrade Corvo. Começo a recapitulação das tuas indicações.

1.º – **Aguardar o sinal e marcar os números pausadamente.**

Nenhuma objecção, embora me pareça umaalínea inútil. A prática é essa, na generalidade.

Mas... a quem podemos nós pedir contas pelos erros técnicos, pelo mau funcionamento do «automático», que nos põe em ligação com números diferentes dos que (pausadamente) marcámos, e às vezes **completamente** diferentes, sem deixar margem a concluirmos de erro no rodar de **um** algarismo. Isto acontece todos os dias, **em chamadas para Lisboa e para fora de Lisboa.** Agora, com o



aumento do preço de cada impulso, torno a perguntar: quem nos indemniza dessa despeza forçada, a de um engano que não é culpa nossa? Das avarias respondem-nos que só podem anular uma chamada – mesmo que o automático tenha marcado três e quatro vezes o número errado. (E quem nos prova que ao menos essa chamada foi realmente anulada? E quem prova às meninas que não estamos a mentir?)

2.º – **Se a chamada não é urgente faça-a depois das 8 horas da noite ou de manhã cedo.** Isto faz é encolher os ombros. Se as chamadas a essas horas fossem menos caras, **metade do preço, por exemplo,** o portuguesinho tentaria adoptar essa hora, mesmo que lhe fosse absurda. Assim... telefona quando pensa apanhar a pessoa no escritório, no consultório, na loja, enfim nos locais de trabalho a funcionar em horário normal; ou em casa, evitando fazê-lo de madrugada, para não ser mal recebido...; e nunca depois do jantar, porque nessa altura já as pessoas foram para casa de outras... ou ao cinema, ao teatro, ao sindicato, ao café, as aulas, à reunião do partido. Dedução elementar.

3.º – **Chame o serviço de despertar às horas de menos movimento evitando o fim da emissão da TV.** Por caridade! A qualquer hora do dia «as meninas» do «12», do «16» e sobretudo do «180», levam «horas» para nos atenderem! Já tenho lido o jornal de ponta a ponta antes quedo «180» me respondam. Estão muitas funcionárias de férias? Ah, mas no Inverno é o mesmo! Em Fevereiro passado marquei certo dia o «180» às três e às sete da tarde **e nunca obtive resposta.** Um sábado de Março, às 6 e às 8 da noite, **a mesma coisa.** Quando mais tarde tornei a ligar e fui atendida, barafustei. Sim, não era com certeza, ao sábado, o movimento de escritório a chamarem as avarias o que lhes empatava o serviço. Então o que é? O que causa esta desesperante espera que leva uma mãe de família minha conhecida a segurar o telefone com o ombro enquanto passaja peças de roupa porque a família é grande e ela não pode perder tempo? (Também há quem arranje as unhas, reveja provas, ou faça palavras cruzadas só para não se sentir estúpido perante uma demora que tem seu quê de insolente). A impressão é de que o edifício dos TLP se esvazia nessa altura, de que não está lá ninguém.

E as linhas cruzadas, Trrim-Trrim? – Para as descruzar... nova chamada, já se sabe. Verba duplicada. E as linhas cruzadas em que uns se calam para melhor se esgueirarem na intimidade de outros? Com um tal funcionamento dos TLP deixou de haver privacidade.

Olha, num artigo escrito em 1970, que intitulei «Não telefone – vá!» expus, além doutros temas, uma lista de queixas do mesmo género. Na altura as meninas acharam pertinente o que eu dizia. Uma delas telefonou para o jornal para me informar de que vários recortes do

Continua na pág. 4

O PRESIDENTE, A CONSTITUIÇÃO E A CRISE

Este País não pode estar suspenso dos silêncios ou das palavras, das reflexões, das hesitações ou das decisões de **um homem.** Seja ele quem for; seja esse homem o Presidente da República. E seja este, um Presidente da República livremente eleito por sufrágio directo e universal.

Não desconhecemos a «natureza do mandato» que «foi directamente confiado pelo Povo Português» ao cidadão António Ramalho Eanes, mas «os objectivos democráticos que estão na base do nosso projecto colectivo» impõem que a participação dos cidadãos na vida pública não seja passiva, sequer expectante, se não reduza ao exercício do voto, que o «projecto colectivo» não dependa das flutuações e das «crises» da vida dos «partidos políticos», e, muito menos, por acidente do «percurso democrático», da decisão de **um homem,** das suas palavras, dos seus silêncios.

De resto se a expressão «percurso democrático» deverá ser entendida como normal itinerância na construção progressiva de um «Estado democrático» mais amplo e mais consolidado, não poderá, no nosso léxico político, substituir a noção de «democracia efectivamente participada».

O que realmente define e caracteriza o nosso «projecto colectivo» é o exercício da soberania democraticamente participado. No Povo reside a soberania. O Povo é quem mais ordena. E nenhum «órgão de soberania» se lhe poderá substituir. Por seu turno, os «partidos políticos», como se diz na Constituição, «concorrem para a organização e para a expressão da vontade popular», mas não podem pretender a ocupação total do espaço político, nem limitar a creatividade política dos cidadãos, nem privilegiarem-se do exclusivo exercício democrático da soberania.

Distinguiremos, igualmente, a comunicação directa com o conjunto dos cidadãos, o monólogo informativo, a consulta plebiscitária, de uma participação democrática. Dintinguiremos, também, em termos de participação democrática, uma informação de uma declaração.

Mesmo ao mais alto nível, a democracia deverá caminhar para fórmulas participadas, para estruturas colectivas, para órgãos colegiais. A nossa Constituição individualiza – essa é a nossa tradição – o Presidente; não contempla a «Presidência». Dá sim, ao Presidente, um órgão de conselho que nuns casos o assiste e noutros casos o controla: o Conselho da Revolução. A este compete uma tripla garantia: a do regular funcionamento das instituições democráticas, a do cumprimento da Constituição, a da fidelidade ao espírito da Revolução Portuguesa de 25 de Abril de 1974. O Presidente da República garante o cumprimento da Constituição e jura, por si, cumpri-la.

A solução desta «crise» – mesmo que verifiquemos que ela pode evoluir para uma «crise do sistema» – não deverá ter como consequência uma «concentração de poderes» que seria contrária à letra e ao espírito da Constituição e à melhor inspiração da Revolução de Abril. No nosso quadro constitucional a presença do Conselho da Revolução é marcada pelo seu carácter provisório. Deste facto e de condições circunstanciais, derivam funções cumulativas que pesam sobre o Presidente da República e deformam o seu perfil cívico.

O general Ramalho Eanes disse-nos: «A crise política só encontrará solução na democracia e na prática integral das suas regras». E a alguns, «saudosos de um passado que nunca quiseram analisar profundamente ou de que já se esqueceram», e a outros, entusiastas de uma «liderança institucional» que não está prevista na Constituição e que não cabe no nosso «projecto colectivo», declarou: «... recuso e recusarei sempre todas as formas de intervenção pessoal que possam, ainda que com a melhor das intenções, sob o rótulo ambíguo de «liderança institucional» a «intervenção presidencial» na esfera de um outro «órgão de soberania»: o Governo.

Não seria apenas o princípio da separação dos poderes que sofreria desrespeito; também, a dupla responsabilidade política do Governo, perante o Presidente da República e perante a Assembleia da República, seria atingida. No articulado constitucional o «Primeiro-Ministro é responsável politicamente perante o Presidente da República e, no âmbito da responsabilidade governamental, perante a Assembleia da República» (Artigo 194, N.º 1).

A conjugação dos princípios constitucionais permite estabelecer uma hierarquia dos «órgãos de soberania»: o primeiro dos quais, no nosso sistema constitucional, será a Assembleia da República. Com efeito, o Presidente «representa a República Portuguesa» (Art.º 123.º) e a Assembleia da República «é a assembleia representativa de todos os cidadãos portugueses» (Art.º 150º). Este princípio articula-se necessariamente, com o da «soberania una e indivisível» que «reside no povo» (Art.º 3.º). O Presidente da República **representa;** a Assembleia da República **é representativa.** A diferença é clara, precisa, não escapará aos constitucionalistas e é evidente para os cidadãos. A teoria distingue a «funcionalidade da soberania» e a «titularidade da soberania». Portanto, **titular da soberania** (e não só funcionalmente representativa da soberania) **é** a Assembleia da República.

Na sinuosa, longa, paciente e obstinada cabala presidencialista, o «mandato directo» tem servido de argumento, especiosamente, para a dignidade de uma função (representar a República Portuguesa) ser ampliada à plenitude de uma representatividade. Eleito, por sufrágio directo, o Presidente da República – como bem e oportunamente recordou Mário Soares – é o Presidente da República Portuguesa, é o Presidente de todos os Portugueses. Todavia, nem directamente, nem indirectamente, está investido noutro «mandato» que o exercício das competências do seu alto cargo, as que para ele estão constitucionalmente definidas e as que lhe são atribuídas por inerência. A «soberania, nua e indivisível» (Art.º 3.º) tem na Assembleia da República a sua expressão. Ela «é a assembleia representativa de todos os cidadãos portugueses» (Art.º 150).

Poderá ser essa «representatividade» melhorada? Pensamos que sim. Poderá ser alcançada uma mais directa e mais larga participação popular no exercício da soberania? Pensamos que sim.

Por agora, impõ-se, como condição prévia da recuperação económica e financeira, como condição primordial e básica para a solução da «crise social» – e estamos a recordar o que o Presidente disse – encontrar uma solução rápida, democrática e constitucional para a «crise política» que resultou da operação de «cerco» a que o CDS não soube, ou não quis, resistir.

Mantemos a hipótese de que o dr. Freitas do Amaral foi o último a saber, mas o adultério do CDS vinha de longe. O «casamento de conveniência» com o Partido Socialista não era uma ligação amorosa, era uma «ligação perigosa». A burguesia foi sempre especialmente sensível às «liaisons dangereuses». E sempre falsamente severa para alguns adultérios.

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

Assembleia Geral Extraordinária

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo da alínea a) do n.º 1 do artigo 33.º dos Estatutos deste Sindicato, convoco a Assembleia Geral do Sindicato, a reunir em Sessão Extraordinária, no Teatro Variedades (Parque Mayer) em Lisboa, pelas 15 horas do dia 10 de Agosto de 1978, com a seguinte, **Ordem de Trabalhos:**

PONTO ÚNICO: Eleger os Candidatos a Juízes Sociais nos termos do Decreto-Lei n.º 156/78 de 30 de Junho.

Lisboa, 3 de Agosto de 1978
O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
MARIA MANUELA BARRETO

PLENARIO GERAL DOS TRABALHADORES

De acordo com o deliberado pelo Secretariado da Federação Nacional dos Sindicatos da Indústria de Hotelaria e Turismo, convocamos todos os nossos associados para um Plenário a realizar no Teatro Variedades (Parque Mayer), no próximo dia 10 de Agosto, pelas 16 horas, com a seguinte **Ordem de Trabalhos:**

PONTO ÚNICO: NEGOCIAÇÃO DE NOVO CONTRATO COLECTIVO:
a) Ponto da situação actual
b) Discussão de eventuais formas de luta a adoptar, a manter-se a actual situação de impasse.

Lisboa, 3 de Agosto de 1978
A DIRECÇÃO

Electricidade de Portugal, EDP /Empresa Pública

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para a realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo domingo, 6 de Agosto, será interrompido o fornecimento de energia eléctica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DO SEIXAL: Casal do Sapo, das 06.30h às 13.00. Bela Vista, Paivas, Velosa, Vito, Inglesinhos, Preciosa, Comuda, Brigadeiro, Amora, Conde, Lomelino, Quatro Caminhos, S. Tomé, Monte Sião, Borja e Qta. da Atalaia, das 06.00 às 15.00.

CONSELHO DE SESIMBRA: Alfarim, Aiana de Cima e Cabeço do Meco, 08.00 às 12.00h.

Lisboa, 5 de Agosto de 1978
ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.P.
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL
Manuel Fernandes Camacho

CAMPANHA "CIRCULAR É VIVER"

Criados postos de apoio nas estradas do País

Por iniciativa da campanha de segurança rodoviária «Circular é Viver», agora em fase experimental, desde o dia 14 de Julho que os automobilistas que transitam nas estradas de Portugal, para passar ou não férias, têm à sua disposição postos de apoio. O objectivo da criação destes postos de apoio é proporcionar a cada condutor um local de repouso tendo em conta que, para uma condução segura, deverá descansar cinco minutos após duas horas de percurso.

Assim os condutores nacionais e estrangeiros que circulam nas estradas de Portugal dispõem para já de postos de apoio na Mata de Valverde (eixo de Alcácer do Sal), Silveiras (eixo de Montemor-o-Novo). Aguada de Baixo, (eixo de Coimbra). Cova das Faias (eixo de Pombal), Mangualde e Mindelo (eixo de Vila do Conde), onde lhes são fornecidas informações sobre itinerários e condições das estradas, além de folhetos informativos sobre as normas necessárias para a circulação em segurança. Nestes postos são também oferecidos às crianças «posters» sobre o tema «Brinca Longe da Estrada».

Paralelamente aos postos de apoio nas estradas a campanha de segurança rodoviária desenvolve nas fronteiras, com a colaboração da Guarda Fiscal, uma acção de sensibilização, entregando a cada automobilista um desdobrável quadrilingue, (Português, Francês, Inglês e Alemão) onde constam diversas normas de segurança rodoviária.

Os postos de apoio estão localizados junto aos parques gasolineiros, com uma pré-sinalização indicativa dos mesmos, e funcionam até Setembro, entre as 9 e as 20 horas, sendo os contactos garantidos por estudantes finalistas que falam francês, inglês ou alemão, e actualmente em férias. A Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana concede o apoio logístico.

CONSELHOS PRÁTICOS

Uma paragem de duas em duas horas, por cinco ou dez minutos, aconselhada pela campanha de segurança rodoviária «Circular é Viver», é fundamental para o condutor na medida em que lhe permite relaxar os músculos, reduzindo assim os efeitos do cansaço.

De referir ainda que, na opinião dos especialistas, ao fim de duas horas de condução de um modo geral o esforço exigido à vista diminui a percepção, causando sonolência, o que poderá dar azo a um acidente. Porém, há outros factores que também poderão contribuir para a diminuição de reflexos, tal como tomar bebidas alcoólicas em excesso ou ingerir refeições abundantes.

A campanha de segurança rodoviária, com o objectivo de alertar os automobilistas para estes perigos, distribui nos referidos postos panfletos elucidativos, facultando ainda outras normas de segurança, nomeadamete referente à utilização do cinto de segurança, excesso de carga, estado de conservação da viatura e distâncias a manter entre veículos quando em estrada.

Avistado incendiário na serra da Lousã

LOUSÃ, 5 – O violento incêndio que teve início na manhã de anteontem na serra da Lousã, perto de Castanheira de Pêra, e que destruiria uma grande zona de pinhal, acabou por ser extinto por completo esta madrugada graças aos esforços de várias corporações de bombeiros da região, dos Serviços Florestais e duma unidade do Regimento de Tomar para ali destacada.

No entanto, em contacto esta manhã com o comandante dos Bombeiros Voluntários de Castanheira de Pêra, foi-nos dito que não é possível garantir que não haja uma súbita reactivação dos focos, uma vez que, para além do mais, muitos dos bombeiros que combatiam o incêndio avistaram, longe da frente do foco, um indivíduo que tratava de lançar fogo ao matagal, o que parece provar a tese de tudo ter começado através de mão criminosa, pormenor que as autoridades investigam.

O incêndio, que chegou a ameaçar perigosamente as localidades de Sarnadas e Carniçal, próximas de Castanheira de Pera, estendeu-se em quatro frentes com cerca de quilómetro e meio de extensão. Seis aviões e dois helicópteros dos Serviços Florestais da Lousã e Arganil e oito corporações de bombeiros, além da já citada companhia do Regimento de Tomar, tomaram parte no árduo combate ao sinistro. Embora não se registassem acidentes pessoais graves, alguns bombeiros tiveram de receber tratamento a ferimentos ligeiros.

Ainda segundo o comandante dos B.V. de Castanheira, todo o pessoal das corporações e dos Serviços e autoridades da região continua de prevenção, visto que existe a ameaça duma súbita reactivação, tanto mais que o presumível incendiário não tinha sido apanhado até à hora de fecho do nosso jornal.

Socorro na estrada de Vilar Formoso

GUARDA, 5 – A partir da próxima segunda-feira vai decorrer uma campanha de socorro permanente na estrada Guarda-Vilar Formoso, a cargo dos Bombeiros Voluntários desta cidade.

A campanha tem a duração de três meses e coincide com o período de maior tráfego rodoviário. Para o efeito o Serviço Nacional de Ambulâncias enviou uma viatura para a corporação dos bombeiros guardenses.

O piquete de socorro permanente ficará instalado em Pínzio, a meio da estrada para Vilar Formoso, funcionando 24 horas por dia.

Portugal faz-se representar do 23.º centenário da morte de Aristóteles

A Universidade de Coimbra estará representada no 23.º centenário da morte de Aristóteles pelo prof. Cruz Pontes.

O congresso mundial comemorativo daquela efeméride terá lugar em Salónica, Grécia, de 7 a 14 do corrente. A comissão organizadora recebeu já cerca de duas centenas e meia de adesões de congressistas além de representantes de academias e sociedades científicas de 36 países.

Os temas do congresso dividem-se em três secções: estudo da obra do filósofo, sua apreciação na História e análise das suas doutrinas à luz do pensamento contemporâneo.

«Pedro hispano-portugalense, o Papa João XXI, comentador de Aristóteles no século XIII» é o título da comunicação do representante português.

Luís Casanovas no Conservatório

Por despacho do ministro da Educação e Cultura, enviado para publicação em «Diário da República», foi nomeado gestor do Conservatório Nacional o inspector-superior eng.º Luís Efrem Elias Casanovas.

Técnico americano trata problemas da qualidade do ambiente

Encontra-se em Portugal, em missão patrocinada pela UNESCO, o professor norte-americano Henry Wohlers, consultor em assuntos do Ambiente.

A missão do professor Wohlers destina-se a prospectar, com técnicos da Comissão Nacional do Ambiente, metodologias apropriadas para a definição e prossecução de padrões de qualidade do ambiente, objectivo em que está empenhada a secretaria de Estado do Ordenamento Físico e Ambiente.

Embora outros países tenham já desenvolvido trabalhos semelhantes torna-se necessário considerar os condicionalismos económicos e sociais portugueses que infuenciarão o desdobramento no tempo das sucessivas fases de avanço para os objectivos de qualidade do ambiente que venham a ser fixados.

D. Eurico fala no Seminário de Valadares

PORTO, 5 – «Desafio dos tempos novos à igreja em Portugal» é o tema da XV Semana de Estudos Missionários que decorrerá entre amanhã e o dia 11 no Seminário da Boa Nova em Valadares (Vila Nova de Gaia).

Serão conferencistas desta semana o arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, o bispo de Setúbal, D. Manuel da Silva Martins, Paul Tihon, Manuela Silva, Fernando Micael e o padre Jardim Gonçalves.

Recado para o pássaro Trrim-Trrim

Continuação da pág. 3

artigo circulavam pelas secções e tinham mesmo ido parar ao gabinete de um dos administradores (Recordo-me do nome dele). Haverá desta vez por lá a mesma receptividade? Hummm...

Bem, talvez tenhas reparado que saltei um dos teus conselhos. Queria deixá-lo para o fim, era essa a ordem que convinha ao fio do meu recado.

4.º Não retenha a linha muito tempo. Horas ao telefone prejudica toda a gente!

De acordo. Penso apenas que essa admoestação ao egoismo geral resulta frouxa e pouco eficaz. Um pequeno documentário na televisão onde vissemos por que e como nos estávamos a prejudicar uns aos outros – as linhas, os cabos, as fichas, os bornes, as cavilhas, e os diversos bloqueios **a acontecerem** seria com certeza mais eficiente. E mais justo do que a fita da linda menina risonha a ocupar a linha ao homem impaciente e sizudo.

E isto liga-se á segunda objecção ao teu 3.º parágrafo. – Reparaste, Trrim-Trrim, na composição gráfica desse terceiro quadro? Não, não reparaste. E se reparasses não te chocavas. O mesmo não direi. Escuta lá: por que é que na referência às linhas longamente ocupadas aparece a imagem... de uma mulher? Na Lista Telefónica é a de uma Trrim-Trrim toda Pom-Pom, com duas rodelas de rouge e um doméstico avental. A síntese perfeita desses seres vazios, frívolos e chatos, úteis apenas para cozinharem e tratarem da casa. Isto é, do homem. Na televisão só a vi uma vez, e de raspão, já no fim do spot, e pareceu-me tratar-se de uma jovem sem rouge mas com lindos cabelos, elegante, e... naturalmente muito faladora. Enfim, todas umas empatas, não e?

Os homemzinhos, esses, nunca se demoram ao telefone. Firmes, práticos, concisos, mesmo sem barba dura falam por sim-sim, não-não, e nunca ultrapassam os três minutos. Qualquer secretário de empresa poderá confirmá-lo...

Ora vamos lá reconhecer que se todas as outras alíneas são exemplificadas por figuras masculinas, esta 3.ª deveria sê-lo também. Quando muito empregavam-se duas, umas masculinas e outras femininas, no mais estrito espírito de pluralidade...

Quem fala de poleiro, Trrim-Trrim, deve, antes, assegurar-se de que não erra, do ponto de vista da colectividade. Não basta julgar-se cheio de razão... Que, tu, de poleiro falas, embora, reconheço-o, sem expressão opiniosa nem um ar demasiado convicto. Tomas à letra o papel de mandatário. Por isso te dizia que não eras verdadeiramente antipático. Inofensivo mas insonso, – o que não é obrigatório ir a par. Sim, apesar da tua morfologia tens, a meu ver, mais semelhanças com o avô da Heidy do que com o sabidão do Pato Donald.

Termino com outro protesto aos TLP. – Até há pouco tempo quando um telefone estava avariado (ou desligado pela companhia) o sinal que se ouvia não deixava dúvidas a ninguém. Agora, uma linha avariada toca como se estivesse «a chamar», induzindo em erro quem marcou o número e julga não se encontrar ninguém em casa. Isto causa transtornos – e até mal-entendidos -tanto a nível particular como profissional. Quem defende o assinante? Ajuda-nos tu, Trrim-Trrim, recomendando aos TLP que utilizem eles como devem a maquinaria para poderem servir-nos melhor. Nos agradecemos.

Inquérito em França conclui que os portugueses são os melhores emigrantes

Segundo os resultados e um inqérito efectuado pelo Ministério do Trabalho francês agora divulgado, «os emigrantes portugueses são aqueles que entre todos os trabalhadores estrangeiros radicados em França, beneficiam de melhor nível profissional.

O inqérito concluiu que 53,6 por cento dos imigrados portugueses têm habilitações profissionais superiores `agenerali-dade dos operários estrangeiros, cuja maioria se situa no grupo dos não-especializados.

Depois dos portugueses constata-se que o melhor nível profissional é possuído pelos espanhóis (42,5 por cento e pelos italianos (35,1 por cento), situando-se no grau intermediário os jugoslavos, turcos e polacos e, nos graus inferiores, a mão-de-obra oriunda do Magreb e dos restantes países africanos.

No entanto, os resultados obtidos confirmam que os trabalhadores estrangeiros continuam a ocupar os lugares mais baixos da hierarquia laboral francesa, havendo apenas 10 por cento dos inquiridos que escapam a essa posição, ou seja, não são operários.

De referir ainda que o sector da limpeza continua a ser aquele que emprega mais estrangeiros (30,2 por cento). Seguem-se a construção e a engenharia civil (27,2 por cento), industria automóvel (20,1 por cento), turismo e estabelecimentos hoteleiros (5,4 por cento) e por ultimo a Imprensa e a edição (3,2 por cento).

O contingente de trabalhadores portugueses radicados em França diz o inquérito, eainda o maior com 27,7 por cento do total de trabalhadores estrangeiros que ali se instalaram.

Marie-Anick volta à prisão do Porto

A companheira de Georges Bertoncini, o principal dos três fugitivos da Prisão-Hospital de Caxias, que se admite estar implicado no caso do rapto do barão Empain, foi transferida da cadeia das Mónicas, em Lisboa, para a secção feminina dos Estabelecimentos Prisionais do Porto (Custoias).

Marie-Anick Martine Le Gayan e Georges Bertoncini foram detidos em Junho passado num hotel de Lisboa, sendo há muito procurados pela Policia Judiciária francesa por implicaçao no rapto do barão belga.

Transferida há mais de um mês para o Porto, Marie-Anick esteve de novo em Lisboa a fim de ser ouvida no processo de extradição que diz respeito aos dois implicados e que corre pela Relação da capital

Regressaram 21 portugueses detidos em Angola

De acordo com uma fonte ligada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, chegaram a Lisboa no passado dia 29 de Julho 21 portugueses que haviam sido detidos em Angola após a independência daquele país.

A mesma fonte salientou que se trata de libertações na sequência das negociações em Bissau entre os presidentes Ramalho Eanes e Agostinho Neto. A chegada destes portugueses, que vieram acompanhados por dez familiares, constitui uma «redução muito considerável» do número dos que se encontram detidos em Angola.

A fonte do MNE disse ainda que continuam a existir discrepâncias entre as listas de detidos que ambos os governos possuem, mas, salientou, tal facto não vai impedir a libertação progressiva de portugueses ainda presos em Angola.

A identidade dos libertados é a seguinte: Pedro José Ferreira Pereira, António Campos, Carlos Fernando Seabra Gonçalves, Joaquim José Santos, Francisco Pinheiro Ramos, Manuel Alonso de Carvalho, Eduardo Araújo Pereira, José Manuel Leitão Serra, Luís Ferreira Esteves, António Gomes Rodrigues, Fernando José de Alpoim, Carlos Eduardo Heitor Carmo, António Pinheiro da Silva Vasconcelos, José Antunes Fernandes, João Alberto Pires, José Fernando Moreira Brito, Eduardo de Jesus Pinho, José Carlos Soares da Fonseca, José de Sousa Pereira, Henrique Jorge Pedreira da Silva e Ana Cristina Costa Pedreira da Silva.

Quanto aos familiares que acompanham estes 21 portugueses, são eles Isaura de Jesus Silva, Carlos Manuel de Jesus Teixeira, Sandra Cristina de Jesus Pinho, José António de Jesus Teixeira, Elsa Cláudia da Silva Fonseca, Maria Fernanda Mendes Pires, Francisco Jorge de Jesus Teixeira, Abílio Alberto de Jesus Teixeira, Ana Cristina de Gouveia Gonçalves e Alexandre do Carmo Gouveia Gonçalves.

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalurgica e Metalomecânica do Distrito de Lisboa

INFORMAÇÃO CCTV

PATRONATO TENTA DIVIDIR O ÂMBITO DO NOSSO CONTRATO

As associações patronais do sector automóvel apresentaram uma proposta de contrato específica para o sector, procurando assim abrir um grave precedente na divisão dos trabalhadores da metalurgia por pequenos contratos.

Os Sindicatos responderam de imediato a mais esta manobra do patronato.

O Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa, tem vindo a realizar plenários de esclarecimento em várias empresas, designadamente no sector automóvel: GM, Entreposto Comercial, Soc. Portuguesa de Automóveis, FIAT, etc.. Em todos estes plenários ficou bem claro o repúdio dos trabalhadores pelas manobras divisionistas do patronato, mostrando-se dispostos a apoiarem as formas de luta que a CNS entender necessárias para defender os interesses dos trabalhadores da Metalurgia e Metalomecânica.

SITUAÇÃO DAS NEGOCIAÇÕES

A contraproposta apresentada pelo patronato representa em linhas gerais:

a) Um aumento de 12,9% em relação à tabela salarial, contra 26,5% proposto pelo Sindicato;

b) A eliminação do regime de promoções automáticas;

c) A restrição da participação das organizações de trabalhadores nas empresas, pretendendo ainda impedir a regulamentação do controlo operário;

d) A inexistência de efeitos retroactivos em relação à tabela salarial, etc..

As negociações decorrem desde 4 de Julho. Está prevista a sua interrupção durante o mês de Agosto, por se tratar do período de férias. Nas reuniões de negociação as associações patronais procuram ganhar tempo, para mais tarde entrar em vigor o novo contrato, nomeadamente a tabela salarial e as cláusulas com incidência pecuniária. Continuará, assim, a degradar-se o poder de compra dos trabalhadores. Daí a dificuldade em aprovar qualquer cláusula.

O Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa continuará a realizar reuniões e plenários de empresa e plenários de delegados sindicais para esclarecer e mobilizar os trabalhadores, com vista a dar uma resposta firme às manobras patronais.

Só a força organizada e unida dos trabalhadores em acções de luta, permitirão a conquista de melhores condições de vida e de trabalho

– EM FRENTE PELO CCTV NACIONAL!

Lisboa, 4 de Agosto de 1978 A DIRECÇÃO

PUB.

Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos

Av. Duque d'Ávila, 193, 7.º – Telefones 58792/536208 – Lisboa

OS DIVISIONISTAS NÃO TÊM FUTURO A UNIDADE TEM RAÍZES PROFUNDAS

Como já afirmámos a confiantes voltamos a referir, as iniciativas de divisão dos trabalhadores da metalurgia e metalomecânica estão votadas ao fracasso por muito que se esforcem os divisionistas por muitos apoios financeiros que recebam.

E se o afirmamos não é de ânimo leve. Há condições objectivas que forjam e estreitam a unidade dos trabalhadores, que se inicia no próprio processo produtivo, se amplia na luta comum por melhores condições de vida e de trabalho e se agiganta na luta pela liquidação da exploração do homem pelo homem.

Épor isso que afirmamos que as iniciativas dos divisionistas, a sua acção conjugada com os ataques do patronato, estão votadas ao fracasso porque contrariam a dinâmica da classe que reflecte a unidade na acção concreta e comum e que exprime a unidade orgânica da estrutura sindical do mais importante sector produtivo.

Não obstante, os divisionistas não cessam as suas investidas, começando por as desenvolver ao serviço de partidos acabam, invariavelmente, por prestar serviços ao patronato.

Isto é o que acontece no nosso sector: a manobra parte de uma estratégia partidária que visa dividir e destruir o movimento sindical unitário, traçada por senhores que têm dado provas de grande preocupação na defesa dos interesses do patronato. Partindo do exterior a acção divisionista procura instalar-se no nosso seio e tenta pela via partidária encontrar adeptos ou assenta nalguns poucos elementos corruptos que existem na classe.

Em Aveiro, nos dias 27 e 28 de Maio, teve lugar uma reunião partidária dinamizada por três secretários nacionais do Partido Socialista, Maldonado Gonelha, Marcelo Curto e Manuel Alegre a que se procurou dar a amplitude do 2.º Encontro Nacional de Trabalhadores Metalúrgicos Socialistas, visando a criação de um sindicato paralelo para o nosso sector.

Convém recordar que a actividade daqueles dois primeiros senhores na pasta do Trabalho se caracterizou pelo agravamento das condições de vida dos trabalhadores, pelo congelamento de salários, pelo aumento dos despedimentos, pelas ingerências no movimento sindical e por uma especial deferência para os grandes patrões.

Os trabalhadores têm interesses e aspirações comuns que os identifica, sejam socialistas ou de qualquer outro partido, por isso recusamo-nos a acreditar na representatividade de tal reunião. Por outro lado, temos conhecimento de que naquela reunião, parte dos presentes repudiaram a manobra divisionista da criação do sindicato paralelo, por se virar contra os interesses dos próprios trabalhadores, por enfraquecer a organização sindical e virar-se contra a unidade da classe.

Não entrando em questões partidárias – essa não é a finalidade dos sindicatos, que são organizações representativas de todos os trabalhadores, independentemente da sua ideologia – só queríamos salientar que acreditamos que esta iniciativa divisionista não envolve os trabalhadores metalúrgicos filiados naquele partido, mas sim elementos que são alheios à classe e foram, igualmente, os estrategas do movimento divisionista da chamada «carta aberta», designadamente o sr. Gonelha.

Beneficiando, provavelmente de grandes facilidades, já que os processos constitutivos de outras organizações sindicais estão emperradas à espera de publicação, foi inserido no Boletim do Trabalho e Emprego, no dia 8 de Julho de 1978, os estatutos daquela agremiação paralela e divisionista.

Aí se encontram os estafados argumentos dos «princípios do sindicalismo democrático». Mas, quanto a isso temos uma palavra a dizer: basta ver que essa autoproclamada «democracia» é cozinhada em reuniões à porta fechada e contra a maioria dos trabalhadores que, em plenários, assembleias gerais ou eleições, debatem e analisam os seus problemas ou elegem os corpos gerentes que entendem representá-los. Mas aqueles «democratas» da escola do sr. Gonelha não aceitam as decisões da maioria, querem um sindicato onde possam mandar e onde, por seu intermédio, mandem os patrões.

Quanto à autonomia de que o sindicato paralelo se reclama, basta verificar que a sua criação tem base em reuniões partidárias e que três dos secretários nacionais do Partido Socialista, Gonelha, Curto e Alegre, utilizam a organização partidária para tentar causar a divisão dos trabalhadores, de um dos mais importantes sectores da actividade económica.

No que se refere à independência, que também proclamam, só salientamos que enquanto os processos jazem nas gavetas e arquivos do Ministério, sem qualquer solução, o sr. Gonelha recusa-se a dialogar com os representantes dos trabalhadores na tentativa de os atirar contra as organizações sindicais, assim abrir caminho aos sindicatos paralelos e aliciar os trabalhadores com falsas promessas de que os seus problemas serão resolvidos.

Por último, só queremos sublinhar mais um aspecto. Quando afirmam que promoverão «a defesa dos direitos e dos interesses dos seus associados» não fazem mais do que proclamar uma grande mentira.

Com efeito, basta analisar a política de recuperação capitalista de Marcelo Curto e Gonelha, enquanto titulares da pasta do Trabalho, para chegarmos a essa conclusão linear. Foi durante a sua vigência no Ministério que as conquistas, direitos e interesses das classes trabalhadoras foram mais duramente atingidos.

O sindicato paralelo aparece vestido com pele de cordeiro para tentar iludir os trabalhadores.

Não basta uma bonita proclamação de princípios; é necessário dar provas consequentes do que se afirma. No caso daqueles senhores, as provas que deram não permite apenas afirmar que não defenderão os interesses dos trabalhadores – já os estão a negar com as manobras divisionistas – como, a sua prática nos permite concluir que os interesses que defendem são os do patronato explorador.

Alertando para os perigos desta manobra repudiamos a tentativa divisionista e o estilo de trabalho antidemocrático, na dependência de interesses particulares e exteriores aos trabalhadores, com objectivos partidários que nada têm a ver com a organização sindical. Neste sentido, a Federação Nacional dos Sindicatosd Metalúrgicos, já tomou a iniciativa de impugnar juridicamente a legalização do sindicato paralelo e tomará todas as iniciativas para impedir que se instale a divisão na organização sindical dos trabalhadores da metalurgia e metalomecânica.

Apelamos para a unidade de todos os trabalhadores do sector e apelamos ao diálogo fraterno que solucione os problemas secundários e reforce a nossa unidade em torno de objectivos comuns.

Estamos convictos de que os divisionistas não têm futuro. A unidade dos trabalhadores da metalurgia e metalomecânica têm raízes profundas.

A unidade é a nossa força. Unidos poderemos resistir aos ataques do patronato e impor a satisfação das nossas legítimas aspirações.

Lisboa, 4 de Agosto de 1978

O SECRETARIADO

AEROFLOT CONVIDA-VOS PARA AS OLIMPÍADAS-80, EM MOSCOVO.

Aeroflot, a maior companhia aérea do mundo, proporciona a todos que vierem a Moscovo para as 22.as Olimpíadas o impecável serviço dos seus rápidos e confortáveis aviões IL - 62

A CARREIRA AÉREA OFICIAL DAS OLIMPÍADAS-80

Informações detalhadas sobre os voos poderão ser obtidas nos escritórios da Aeroflot em Lisboa

AEROFLOT Hotel Ritz — Apartamentos 50 e 52 TEL. 68 03 41

REUNIÃO DECISIVA EM BELÉM NA SEGUNDA-FEIRA

Eanes apresentará "solução" até ao fim da próxima semana

«É desejo do Presidente da República apresentar uma solução ao País até ao fim da próxima semana» – admitiu ontem à noite ao «DL» fonte próxima de Belém.

Eanes, que continua a mostrar-se decidido a «lutar» pela «sua» solução (o chamado Governo de «mediação presidencial»), convocou para segunda-feira os dirigentes dos partidos parlamentares com vista a um aprofundamento das respectivas posições, dadas a conhecer esta semana em comunicado de órgãos dirigentes e declarações dos seus líderes.

Depois desta reunião, Eanes apresentará o seu projecto ao Conselho da Revolução (possivelmente na quarta-feira) aventando-se a hipótese de nessa altura ser discutido o nome do futuro Primeiro-Ministro. Como o «DL» noticiou o CR tem-se manifestado unanimemente contra a possibilidade de a escolha recair sobre um militar, tendo também feito uma abordagem a algumas das figuras civis mais faladas.

Movimentações de «última hora» ao nível do PS e CDS não deverão alterar a solução que ganha vulto, ou seja, a de um Governo de «mediação presidencial». No entanto há ainda diversos ajustamentos a fazer, designadamente no âmbito das propostas dos partidos que apresentam diversos aspectos não coincidentes. Assim que enquanto o PSD defende um Governo de competências, da exclusiva responsabilidade do Presidente da República, o CDS, aderindo à proposta presidencial, mantém a necessidade da adesão do PS à ideia e faz passar esta saída por diversos arranjos no quadro parlamentar. O PCP, por seu turno, mostrando-se resolvido a examinar a solução de Eanes, insiste na primazia do Parlamento em quaisquer arranjos com Belém, enquanto o PS aguarda que o Presidente se pronuncie em concreto sobre o novo Governo antes de voltar a pronunciar-se.

Quanto à figura do Primeiro-Ministro o PS e o PCP não se pronunciam publicamente, nem deixam transparecer os seus interesses. Sabe-se, contudo, que o assunto tem sido ventilado pelos socialistas, que têm já uma ideia quanto aos nomes que eventualmente mereceriam a sua aprovação. No que ao CDS e ao PSD diz respeito, também aqui existem algumas discrepâncias, designadamente quanto à eventualidade de se tratar de uma personalidade civil ou militar. Para o CDS terá de tratar-se de um elemento civil, enquanto para o PSD poderia ser um militar, parecendo ser esta a solução que mais lhe agradaria se o (ou os) nome (s) passassem pelos «inscritos na sua agenda».

Um novo elemento lançado nos últimos dias pode, contudo, vir a trazer algumas alterações, isto em vésperas da reunião decisiva dos partidos com o Presidente da República. Trata-se dos encontros que Mário Soares tem realizado com elementos do grupo «Opções Inadiáveis» (PSD) e do CDS. Além de um encontro hoje com Freitas do Amaral, Mário Soares tem-se avistado com Basílio Horta, um dos ministros com quem os socialistas consideraram ter sido mais fácil trabalhar, tendo havido mesmo um encontro na Rua da Emenda, além de um jantar em Nafarros. Nesta série de encontros aparece também o prof. Sousa Franco que, por seu turno teve ontem um longo encontro com Sá Carneiro, já depois da conversa com Soares e Horta. Estará a «conzinhar-se» um entendimento a três, não envolvendo directamente Sá Carneiro e o actual PSD, mas apenas elementos das «Opções Inadiáveis»? E a concretizar-se um entendimento deste tipo irá vigorar sob a égide da «mediação presidencial»?

Estas as dúvidas que se colocam neste momento. A despeito, no entanto, dos indícios a opinião dos círculos socialistas é a de que não haverá cedências da parte do PS, mantendo a posição definida no comunicado do Secretariado Nacional, emitido na sequência no discurso presidencial de 1 de Agosto. Contudo, o PS convocou para a próxima terça-feira uma reunião conjunta do Secretariado e da Comissão Directiva, aguardando-se o que dali sairá.

PUB

Sindicato dos Técnicos de Desenho

ASSEMBLEIA GERAL CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 28.º dos Estatutos e ao abrigo do Artigo 26.º alínea *b)*, convoca a Assembleia Geral do Sindicato dos Técnicos de Desenho, nos locais e horas abaixo indicados, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1 – Eleger os candidatos a Juízes Sociais nos termos do Decreto-Lei N.º 156/78 de 30 de Junho

2 – Informações

NOTA: Ao abrigo do Artigo 29.º – 1 "as reuniões da Assembleia Geral têm início à hora marcada com a presença da maioria dos sócios ou 30 minutos depois com qualquer número (...)"

LOCAIS:

Porto – 21h de 8/8/78 (3.ª feira) no Sindicato do Comércio – Rua Fernandes Tomás, 626

Lisboa – 21h de 9/8/78 (4.ª feira) no Sindicato dos Rodoviários – Av. Visconde Valmor, 34, 2.º

Lisboa, 28/7/78

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 62 198 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE UMA COMPOSIÇÃO ANTIMICROBIANA, EM PARTICULAR ANTIMICÓTICA E SUA APLICAÇÃO PARA O TRATAMENTO DE MICOSES.

Trata.

CLARKE, MODET & C.ª LDA
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.ºEsq.
LISBOA - 1

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente N.º 62 109, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DUMA COMPOSIÇÃO PARA INFLUENCIAR O CRESCIMENTO DE PLANTAS»

Trata

CLARKE, MODET e C.ª, Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º Esq.
LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente N.º 62 182, para «SUB-TERMINAL DIGITAL/ANÁLOGO».

CL[illegible]ODET e C.ª Lda
Patentes e Marcas
R. Castilho 201 - 3.º Esq.
LISBOA

AO EMIGRANTE

Se sabe ler e escrever e necessita da carta de condução, pois o seu exame será antecipado!

Dirija-se à
ESCOLA DE CONDUÇÃO
MONUMENTAL
Av. Manuel da Maia, 11-r/c LISBOA
Telefs. 572535-539712

CARLOS BRITO NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

PCP considera ainda viável um Governo de núcleo socialista

Uma eventual intervenção directa do Presidente da República «nas responsabilidades do Governo e na acção governativa» foi considerada desfavorável para a democraia portuguesa por Carlos Brito, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, na intervenção que efectuou ontem à noite no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, num espectáculo de apoio à próxima festa do jornal «Avante!».

Carlos Brito, porém, defendeu a formação de um Governo de iniciativa presidencial e base parlamentar, caso se verifique a inviabilidade de um outro que tenha o Partido Socialista como núcleo fundamental. O dirigente comunista sublinhou que o PCP continua a defender prioritariamente este segundo tipo de Executivo: «Insistimos nesta solução e achamos que continua aberta a possibilidade de concretizá-la» – disse Carlos Brito.

Quanto à eventualidade de um Governo de iniciativa presidencial, Carlos Brito adiantou que tal hipótese «será má ou boa, conforme a concretização que lhe for dada. Tudo depende do Governo que for formado e do seu Programa».

Sobre esta última solução, o dirigente comunista sublinhou ainda: «A última palavra do nosso partido será dada sempre depois de conhecermos a composição do Governo e o seu Programa».

GOVERNO PS/CDS «NÃO DEIXA SAUDADES»

«O Governo PS/CDS caiu, criou uma situação perigosa, mas é um Governo que não deixa saudades» – sublinhou Carlos Brito a dado passo da sua intervenção, acrescentando, porém, que «não é altura de se adensarem conflitos no campo democrático» e antes se torna necessário «reunir para a defesa da democracia, todos aqueles que estão empenhados em defendê-la».

No que respeita à possibilidade de eleições antecipadas, o dirigente comunista salientou que a realizaçaõ das mesmas não oferece tantas dificuldades como em alguns sectores se está a pretender provar, na medida em que a Assembleia da República pode votar um nova lei eleitoral com relativa brevidade e apenas a actualização do recenseamento seria um pouco mais demorada. A actual lei eleitoral, disse Carlos Brito, pode ser adaptada à Constituição e resultam mínimas as alterações que se torna necessário introduzir-lhe.

Carlos Brito dirigiu ainda críticas indirectas à posição que o PS tem vindo a assumir no desenrolar da actual crise, mormente no que respeita à fricção existente entre a direcção do partido e Ramalho Eanes.

«Mais do que polémicas brilhantes – acentuou – interessam atitudes construtivas e actos responsáveis. (...) Não é altura de criar conflitos e causar novas rupturas no campo democrático. (...) Para se encontrar uma solução democrática é necessário o Presidente da República e é necessário o Partido Socialista».

Na sua intervenção, Carlos Brito diria também que «neste momento não há ainda uma perspectiva clara sobre como e quando se encontrará uma solução para a crise», o que, no entender do PCP, «é perigoso e só favorece as forças da direita e da reacção que criaram e pretendem explorar as condições que hoje se verificam».

No desenvolvimento deste tema, o presidente do grupo parlamentar do PCP destacaria depois «a justeza dos alertas» frequentemente feitos pelo seu partido, adiantando que a «tendência para ceder à direita acabou por pôr em perigo as conquistas da Revolução».

Carlos Brito considerou a actuação do CDS no Governo como de «cavalo de Tróia que surgiu, no momento que julgou oportuno, com a cara verdadeira de um partido reaccionário».

A delegação do PCP ontem em Belém: Álvaro Cunhal, Joaquim Gomes e Octávio Pato

O PRÓXIMO GOVERNO SEGUNDO O PCP

"Mediação presidencial" mas com o apoio da A.R.

Para o PCP, segundo Álvaro Cunhal, a melhor solução para a actual crise política seria a encontrada numa base parlamentar, mas uma vez que esta hipótese «se não está inviabilizada, tem quase esgotado o prazo de solução», será necessário encarar a segunda hipótese avançada pelo Presidente da República.

Cunhal, que chefiava uma delegação do PCP, integrando Joaquim Gomes e Octávio Pato, em declarações prestadas aos jornalistas depois de se avistar ontem à tarde como o general Ramalho Eanes, afirmou que a hipótese da formação de um Governo de mediação presidencial «deve ser aprofundada com vista a que seja uma solução democrática».

Enumerando as condições necessárias para a viabilidade de uma tal hipótese, Álvaro Cunhal referiu ser necessário «considerar que o PS é o partido que tem a desempenhar um papel importante na solução de qualquer Governo».

Para o secretário-geral do PCP, também é indispensável o apoio da Assembleia da República e de uma larga base social: «Esta última condição – sublinhou – é indispensável para que um Governo, este ou qualquer outro, possa, na situação de crise que atravessamos, assegurar a administração dos negócios públicos.»

Álvaro Cunhal esclareceu ainda que um Governo nos moldes da segunda hipótese apresentada por Eanes «deve aparecer aos olhos do País como um Governo de estabilização da situação democrática, procurando, portanto, quer na sua política, quer nas omissões dessa política, evitar os pontos mais conflituosos existentes na sociedade portuguesa e procurar, pela sua política e pela sua composição, aparecer como um Governo moderador dos mais graves conflitos e tranquilizante no que respeita à confiança do nosso povo no sistema democrático».

Quanto à política do Governo à sua composição, Cunhal adiantou que o PCP «terá ocasião de se pronunciar se para tal for solicitado».

Joaquim Ortiz, Nuno Crato e Vieira Lopes, da UDP

EVITAR CONFLITOS MAIS GRAVES

O dirigente comunista acrescentou que neste momento interessa sbretudo que as forças democráticas trabalhem para evitar conflitos ou divisões mais graves entre todos os que defendem o regime democrático português.

«Pelo nosso lado – prosseguiu – procuramos dar uma solução construtiva para que a saída da crise seja democrática».

«Não estamos – especificou Cunhal – a apresentar uma proposta no concreto, mas a aproveitar todas as potencialidades de uma proposta feita pelo Presidente da República, para que esta proposta contenha uma saída democrática para a crise».

Instado a fazer comentários sobre o comportamento do Partido Socialista Cunhal escusou-se, dizendo que «não era ocasião de acrescentar qualquer factor que aprofrunde discordâncias ou divisões, numa altura em que é necessário que os democratas se entendam».

Posto perante a hipótese de outras saídas para a crise, o secretário-geral do PCP considerou necessário trabalhar dentro de perspectivas realistas e, portanto, encarava a segunda hipótese apresentada por Eanes.

Interrogado também sobre uma maior aproximação entre socialistas e comunistas, Cunhal disse ser «um movimento irresistível na sociedade portuguesa a aproximação dos democratas».

UDP QUER ELEIÇÕES

Segundo Joaquim Ortiz, porta-voz da delegação da UDP que ontem, ao fim da tarde, foi recebida em audiência pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, a solução para a crise é a convocação de eleições gerais antecipadas.

Ortiz, que se encontrava acompanhado de Vieira Lopes e Nuno Crato, disse aos jornalistas que a UDP considera «demasiado perigoso deixar a centralização dos poderes nas mãos da Presidência da República e que é possível convocar já as eleições gerais antecipadas».

Para isso, acrescentou que se deve convocar a Assembleia da República, de modo a criar os necessários mescanismos eleitorais.

Joaquim Ortiz disse ainda que seria «criminoso deixar o movimento operário e sindical na expectativa» e defendeu que os trabalhadores «deviam participar directamente na escolha dos seus representantes».

PUB.

S. R.

VILA DO SEIXAL

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

COMUNICADO À POPULAÇÃO DO CONCELHO DO SEIXAL

A Câmara Municipal do Seixal debate-se com graves problemas de incidência urbanística e social provocados pela actividade ilegal de alguns indivíduos que a coberto da total imunidade com que contaram durante o regime fascista retalharam o solo do concelho, lotearam vales e terrenos agrícolas, sem qualquer outra preocupação que não fosse a dos lucros chorudos. Desta actividade resultou para o concelho uma taxa de ocupação excessiva e uma expansão urbana anárquica ofendendo da forma mais gritante interesses de ordem pública e os interesses dos particulares compradores que caíram em tal logro, por justamente necessitarem de habitação.

Assim, sugiram na área do concelho grandes núcleos urbanos sem zonas verdes, sem infra-estruturas e sem os equipamentos mínimos necessários.

A Câmara Municipal do Seixal actuando de acordo com as disposições legais em vigor tem intervindo nessas zonas num esforço para regularizar urbanisticamente a situação criada, tendo obtido progressivamente resultados positivos e está disposta a responsabilizar os loteadores clandestinos como principais responsáveis pelas enormes despesas que a recuperação urbanística e a realização de infraestruturas e construção de equipamentos estão a acarretar.

Nesse sentido aqui se recorda que até Julho de 1978 foram accionados judicialmente os seguintes indivíduos e firmas:

- CIPRIANO & PEREIRA, L.DA a quem se pede uma indemnização de 27 170 000$00 por ter loteado uma vasta área em Pinhal de Frades.
- JOAQUIM DELGADO GRILO a quem se pede uma indemnização de 4 015 000$00 por ter loteado uma vasta área em Pinhal de Frades.
- AMÉRICO DA COSTA SIMÕES a quem se pede uma indemnização de 660 000$00 por ter loteado uma área em Pinhal de Frades.
- LEONOR LINO E DANIEL GANÂNCIA PAIS a quem se pede uma indemnização de 220 000$00 por terem loteado uma área em Pinhal de Frades.
- LEONOR LINO, AMÉRICO DA COSTA SIMÕES E DANIEL GANÂNCIA PAIS a quem se pede uma indemnização de 1 320 000$00 por terem loteado uma área em Pinhal de Frades.
- J. CAETANO, L.DA E JOSÉ CARVALHO BERNARDO JÚNIOR a quem se pede uma indemnização de 28 655 000$00 por terem loteado a Quinta de Aniza em Vale de Milhaços – Corroios.

À população em geral, nesta época de férias, **muito especialmente aos emigrantes**, vítimas preferidas dos loteadores, a Câmara Municipal do Seixal alerta para que antes de comprarem qualquer lote de terreno se dirijam aos Serviços Técnicos desta Câmara onde lhes será fornecida toda a informação sobre a legalidade ou ilegalidade dos loteamentos, a possibilidade ou não de construir com indicação das respectivas zonas.

Aos compradores ou promitentes-compradores de tais lotes a Câmara Municipal do Seixal apela à colaboração com sua intervenção regularizadora e reitera a sua firme disposição de levar até ao fim os processos que move e continuará a mover contra os loteadores clandestinos para que assumam as responsabilidades da sua actuação criminosa, que só os energúmenos do passado fomentavam e protegiam e hoje os saudosistas pretendem vivificar, denegrindo a democracia, apelando à revisão da Constituição da República que já hoje não cumprem.

Seixal, 2 de Agosto de 1978

O Presidente da Câmara,
Eufrázio Filipe Garcez José

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia

MENDES Tel. 76 84 23

R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE

dos amortecedores «J. M.»
FILIAL

Av. Gomes Pereira, 61-B
(A Benfica)

2 SENSACIONAIS EXCURSÕES

AVIÃO TAP, AUTOPULLMAN, BONS HOTEIS ACOMPANHADAS POR DELEGADO abreu

SUIÇA ÁUSTRIA

Lago Constança - Munique - Salzburg
Viena - Villach - Cortina d'Ampezzo
Innsbruck - Zurique

Partidas: 20 e 27/7; 3, 10, 17, 24 e 31/8; 7/9.

8 DIAS DE VIAGEM

SUIÇA ITÁLIA ÁUSTRIA

Lagos da Suiça - Interlaken - Geneve
Milão - Pádua - Veneza - Cortina d'Ampezzo
Innsbruck - Zurique

Partidas: 20 e 27/7; 3, 10, 17, 24 e 31/8; 7/9.

8 DIAS DE VIAGEM

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu Fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 Telef. 317921
COIMBRA Rua da Sota, 2 Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 Telefs. 25035/6
FUNCHAL Rua do Gorgulho, 1 Telefs. 31077/8

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

PUB.

SINDICATO
DO COMÉRCIO
DE LISBOA

Assembleia geral 3.ª feira, 8 Agosto às 21 horas na Voz do Operário

Nos termos do n.º 1 (alinea b) do art.º 34.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral do Sindicato para reunir em sessão Extraordinária no dia 8 de Agosto de 1978 — 3.ª feira, na Voz do Operário, pelas 21 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1. Eleger os candidatos a Juízes Sociais, nos termos do Dec. Lei n.º 156/78 de 30 Junho;

2. Informações

Observações:

a) Os Juizes Sociais foram criados na Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais, como forma de participação popular na administração da justiça, admitindo-se a sua intervenção nas causas que tenham por objecto, entre outras questões, acções da competência dos Tribunais de Trabalho;
b) Todo e qualquer Sindicato pode e deve eleger os seus candidatos a Juiz Social.
Tal é o objectivo da sessão extraordinária da Assembleia Geral convocada.

Não faltes!

Lisboa, 24 de Julho de 1978

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Manuel Barros

Sindicato dos trabalhadores de Escritório do Distrito de Setúbal
Av. 5 Outubro, 87-1.º Setúbal

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 39.º dos Estatutos e a solicitação da Direcção conforme dispõe o Art.º 33.º alínea b) dos referidos Estatutos, convoca-se a Assembleia Geral deste Sindicato para reunir em sessão [illegible] no Hotel [illegible] Setúbal, pelas [illegible] horas do próximo dia [illegible] de Agosto de 1978, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

PONTO ÚNICO: ELEGER OS CANDIDATOS A JUÍZES SOCIAIS NOS TERMOS DO D.L. 156/78, de 30 de Junho

Setúbal, 2 de Agosto de 1978
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(Francisco Ventura Soares Feio)

Há profissões difíceis quanto a tempos livres, cabeleireiro é uma delas, por tal, sábados de Agosto estamos fechados e fazemos a ponte de 12, 13, 14 e 15 de Agosto.

Sérgio e Margarida Cabeleireiros

Av. da República, 5 (Metro Saldanha) Lisboa

UEDS aponta condições para um Governo democrático

«A luta contra a direita terá de passar pelo empenhamento das forças democráticas, e nomeadamente do PS, nas soluções que o Presidente da República deixou abertas» – afirma o Secretariado da União de Esquerda para a Democracia Socialista em comunicado ontem divulgado.

Para a UEDS, «no estado actual da crise, a única hipótese viável é a segunda alternativa proposta pelo PR», isto é, um Governo de mediação presidencial.

Para evitar que um tal Governo venha a assumir uma dinâmica susceptível de conduzir a soluções anticonstitucionais, a UEDS aponta cinco condições.

A primeira é que o futuro Governo deverá «ser presidido por uma personalidade civil que dê inequívocas garantias de respeito pelos mecanismos constitucionais e pelo projecto constitucional».

A segunda é de que esse Governo não poderá «exprimir nem pela sua composição, nem pelo seu programa qualquer cedência às forças sociais e políticas que representam o regresso a formas autoritárias do poder, assim como qualquer tentativa que signifique a antecipação da revisão da Constitução».

Em terceiro lugar, o Governo deverá «congregar em seu torno os apoio parlamentares e sociais capazes de o defenderem contra a ofensiva da direita».

A quarta condição é a de que o Governo não poderá «incluir qualquer personalidade que, pela sua prática anterior ou pelas suas posições, possa ser identificada com as cedências às pressões da direita ou ao que vulgarmente se designa por «presidencialismismo».

Finalmente, na perspectiva da UEDS, um Governo de iniciativa e mediação presidenciais, deverá garantir «a realização de eleições, logo que a Assembleia da República e a administração pública tenham concluido o processo que permita eleições antecipadas, em condições que salvaguardem a sua representatividade».

Segundo a UEDS, não há, no discurso presidencial, «nenhuma afirmação que inviabilize acordos parlamentares ou soluções claramente mais progressistas do que a representada pelo PS/CDS».

Quanto ao PS, o seu recente comunicado, entende a UEDS, «coloca a eventual solução da crise e posiciona o PS de tal forma, ante outros partidos e face ao PR, que facilita o ascenso de soluções «presidencialistas» que o próprio general Ramalho Eanes excluira».

«O PS – acentua a UEDS – incapaz de uma prática política coerente com o projecto constitucional e com os interesses das classes trabalhadoras, vem agora dar mostras de um radicalismo e de ressentimentos pela exoneração de Mário Soares, que, aprofundando o impasse e exprimindo uma posição antagónica que a intervenção do PR não justifica, abre caminho a todas as pressões da direita sobre o Presidente da República e empurra o general para soluções que poderão criar uma dinâmica antidemocrática e fora do quadro constitucional.»

UEDS REJEITA PROPOSTAS AVANÇADAS PELA UDP E MES

«As propostas feitas pela UDP e pelo MES não contemplam o leque de forças políticas e sociais capazes de dar viabilidade e credibilidade a uma alternativa política global à política seguida pelos I e II Governos Constitucionais, assente no projecto constitucional de transição para a democracia socialista» – afirma a UEDS, num comunicado agora emitido a propósito de tomadas de posição pública feitas por aquelas duas organizações com vista à criação de uma frente comum para uma eventualmente próxima oportunidade eleitoral.

O documento da UEDS, é assinado pelo seu Secretariado Nacional e «recusa qualquer possibilidade de a UEDS vir a integrar quaisquer frentes ou movimentos com a UDP/PCP-R e MES, tal como decorrem das propostas tornadas públicas por estas organizações».

Mais, a UEDS, «lamenta que a UDP e o MES invoquem repedidamente a possibilidade de constituição de uma frente ou ainda a existência de conversações com esse objectivo, sem quaisquer consultas à UEDS, mesmo após se terem tornado públicos desmentidos formais sobre tais negociações».

Ainda sobre as propostas em questão: elas não tem – diz a UEDS – «aquele mínimo de identidade de projectos e práticas políticas entre a UEDS, a UDP/PCP-R ou o MES que pudesse justificar a formação de uma frente ou movimento unitário».

Posições do MIRN e PSD são convergentes

O MIRN, de Kaúlza de Arriaga. e o PSD, de Sá Carneiro, registam mais uma vez posições convergentes na cena política nacional.

Em nota assinada pelo próprio Kaúlza de Arriaga o MIRN pede hoje a formação «imediata de um Governo da confiança do Presidente da República, independente e eficaz» demonstrando que a «sua» saída para a crise vem uma vez mais ao encontro das posições de Sá Carneiro.

Kaúlza quer ainda a dissolução imediata da Assembleia da República e a «realização de referendos ou eleições com vigência real do pluralismo político». Dados estes primeiros passos, o MIRN exige nova Constituição e, de novo, eleições nos termos que este texto constitucional propuser.

Para o MIRN a actual situação enferma de «vícios democráticos» e «preciosismos constitucionais» a que, naturalmente, aquele movimento se mostra disposto a pôr termo com o regresso às «soluções» de antes do 25 de Abril.

MAIS DOIS EMPRÉSTIMOS

340 milhões de dólares aumentam dívida externa

O exonerado ministro das Finanças, Vitor Constâncio, que continua a gerir os assuntos correntes do seu departamento governamental, assinou ontem em nome do Governo português mais um empréstimo, este concedido pelos Estados Unidos.

No valor total de 40 milhões de dólares, o financiamento americano servirá para possibilitar a Portugal a importação de trigo e farinha de trigo, milho, sorgo e arroz. O empréstimo é amortizável num período de 15 anos a uma taxa de juro de 5%, sem amortização de capital nos primeiros três anos.

Subscreveu o empéstimo em representação dos EUA, o respectivo embaixador em Lisboa, Richard Bloomfield.

Entretanto também ontem terminaram as operações de colocação no mercado do empréstimo de 300 milhões de dólares, negociado entre o Estado português e um consórcio de bancos estrangeiros. Assim, para além das seis instituições bancárias que assumiram a responsabilidade de tornar firme o empréstimo e de o colocar no mercado europeu de capitais, mais 12 a 14 bancos estrangeiros o subscreveram, segundo afirma esta manhã o semanário «Expresso». Entre eles, três bancos portugueses, o Pinto e Sotto Mayor, o Totta e Açores e o Português do Atlântico, com dez milhões de dólares cada um.

O acordo forma será assinado no ròximo dia 16 deste mês.

O empréstimo é a 7 anos, com um período de graça de 4 anos, e a taxa de juro será superior em 1% à que estiver em vigor no mercado de capitais de Londres (libor).

Hugo dos Santos deixa Região Militar do Centro

O brigadeiro Neves Adelino será em breve nomeado comandante da Região Militar Centro, segundo informação já confirmada pelo Estado-Maior do Exército.

Hugo dos Santos, que até agora esteve à frente daquela Região Militar, desde que ali substituiu o brigadeiro Franco Charais, será nomeado em Setembro comandante da Escola Prática de Infantaria, em Mafra, cujo comando assumirá como coronel, já que entretanto vai ser desgraduado do posto de brigadeiro.

Entretanto, contactado pela ANOP, Hugo dos Santos recusou-se a confirmar ou desmentir a hipótese de ter sido instaurado um processo disciplinar ao coronel Casanova Ferreira, pelas declarações que este fez na cerimónia de juramento de bandeira de soldados da sua unidade – o Regimento de Infantaria de Abrantes.

Segundo Hugo dos Santos, o assunto das declarações públicas do antigo comandante da PSP de Lisboa, é puramente «interno».

Católicos apoiam documento dos dominicanos

O Movimento (Independente) de Leigos Católicos da Graça divulgou um comunicado público em que manifesta o seu apoio às posições assumidas por padres dominicanos sobre à situação da Igreja em Portugal (Ver «DL» de 3 de Agosto).

Um tal documento mostra, segundo estes leigos, «que na Igreja Lusitana continua a existir a coragem de alguns de enfrentar as novas correntes e deixar-se integrar nas novas soluções sociais».

Denunciando a actual situação religiosa e a hierarquia, os católicos da Graça afirmam que «A Igreja tem sabido transformar os crentes numa massa tão plástica, tão submissa que consinta em reduzir-se à simples condição de autómato, ao serviço da grandeza, do luxo, do mando e da riqueza».

Segundo os leigos da Graça, não são as pessoas que estão em causa, «mas toda uma estrutura arcaica, que só com muita humildade e autocrítica conseguirá derrubar-se para dar lugar a uma Igreja onde o Cristianismo não seja jamais uma etiqueta social».

MARN acha curto o prazo para candidaturas ao cargo de juíz social

O Movimento de Agricultores e Rendeiros do Norte (MARN) considera «extraordinariamente curto» o prazo para apresentação das candidaturas ao cargo de juízes sociais.

Esta posição foi tomada após análise do Decreto-Lei n.º 156/78, de 30 de Junho, que organiza o regime de recrutamento e funções daqueles magistrados.

O MARN entende, contudo, «ser positivo» que os rendeiros participem na resolução dos conflitos de arrendamento rural, uma vez que, «com a experiência e o seu conhecimento da vida nos campos», poderão contribuir no sentido de se encontrar a solução mais justa para cada caso.

Aquele movimento de agricultores e rendeiros refere ainda que irá desenvolver todos os esforços para apresentar candidatos ao cargo de juízes sociais e denuncia o que qualifica de desrespeito ao Artigo 104.º da Constituição, uma vez que as organizações de rendeiros não teriam sido consultadas para se pronunciarem sobre o Decreto-Lei n.º 156/78.

O INATEL EM QUESTÃO

Acesso à cultura ainda é privilégio só de alguns

— constatam os trabalhadores da ex-FNAT

«É urgente a definição de uma política de tempos livres para uma transformação cultural qualitativa que acompanha as transformações económicas consagradas na Constituição. Essa transformação só será conseguida se se aliar ao aspecto recreativo o aspecto formativo. Não se trata de defender formas de dirigismo cultural. Trata-se sim de contribuir para o acesso das classes trabalhadoras à cultura. De contribuir para que o desporto, a literatura, o canto, o teatro, as artes plásticas, a música, as artes gráficas cheguem àqueles onde antes do 25 de Abril não era possível, por exemplo através do aproveitamento integral das instalações do INATEL».

Esta é uma das conclusões do 1.º Encontro Nacional dos Trabalhadores do Inatel, recentemente efectuado em Lisboa com a participação de representantes de onze locais de trabalho de todo o País

Analisando «de dentro» os objectivos e o papel do Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (ex-FNAT, hoje INATEL), os trabalhadores deste organismo chegaram à conclusão de que muito há para fazer nesse campo. No documento então aprovado, começam por salientar:

«Não devem os trabalhadores limitar os seus objectivos ao campo das preocupações e ordem material, por muito graves e instantes que sejam as solicitações para os problemas da saúde, da segurança social, e de mais ampla forma, para os problemas de ordem económica. No momento presente, há que alargar os horizontes do nosso esforço, não esquecendo os tempos livres dos trabalhadores. Este aspecto, quantas vezes esquecido, pela sobreposição da premência de problemas cujas consequências se sentem mais depressa na carne – contratos colectivos de trabalho aumento do custo de vida, etc., não podem continuar a ser sistematicamente relegados para segundo plano.

«Compete ao INATEL, em princípio, levar a cabo a tarefa do aproveitamento dos tempos livres dos trabalhadores, tendo por finalidade providenciar no sentido de um adequado e racional aproveitamento dos seus tempos livres, de forma a melhorar a sua qualidade de vida e dos seus familiares.

A generalidade dos trabalhadores continua sem ter acesso às possibilidades de enriquecimento cultural que o Inatel deveria proporcionar

«No campo cultural tem o INATEL com objectivos essenciais a difusão do conhecimento em geral, o apoio a todas as iniciativas dos trabalhadores tendentes ao conhecimento da sua cultura, à dinamização e cimentar dos esforços das massas trabalhadoras para a sua emancipação e conquista de uma melhor condição humana.

«No campo desportivo compete ao INATEL assegurar aos trabalhadores as condições essenciais à organização da sua prática desportiva, encarando-a e estimulando-a sempre como um meio de preservação e manutenção da saúde, de promoção sociocultural e de consciencialização política das massas trabalhadoras.

«No campo socioeconómico compete sempre ao INATEL alargar a todos os trabalhadores os benefícios do turismo social através deuma a conveniente rede de Centros de Férias, Parques de Campismo e intercâmbio, quer entre os trabalhadores de várias zonas do País, quer entre os trabalhadores nacionais e estrangeiros. E dentro do âmbito socioeconómico cabe ainda o alargamento da rede de refeitórios, bem como outras actividades de hotelaria destinadas aos trabalhadores e suas famílias.

Assim, poderá o INATEL vir a contribuir, em larga escala para: melhoria das condições de vida; emancipação dos trabalhadores; promoção socio-cultural; prática desportiva massiva; consciencialização política das massas trabalhadoras.»

REORGANIZAÇÃO

Perante objectivos tão vastos, necessário será reorganizar o INATEL – adianta depois o documento aprovado neste 1.º Encontro. De facto, «tudo isto não é possível com a forma de gestão actual» daquele organismo. Explicam os trabalhadores do INATEL:

«Com o seu património de milhões de contos herdado do fascismo e adquirido portanto, com o dinheiro dos trabalhadores, com as suas receitas fundamentalmente provenientes das organizações de previdência (portanto também dos trabalhadores), a verdade é que a INATEL não serve actualmente senão uns sessenta milhares de utentes – e não se diz aqui trabalhadores – que são os inscritos com uma quota anual de Esc. 60$00. E quem são esses 60 milhares de sócios do INATEL?

«Alguns, efectivamente trabalhadores, que praticam desporto dentro das estruturas do INATEL. Outros, (muito poucos trabalhadores) que gozam as suas férias nos centros de férias e parques de campismo do INATEL. Mas a maioria dos beneficiados por essa actividade, especialmente dos centros de férias, são (já o eram no tempo do fascismo) provenientes de uma classe média, abrangendo só trabalhadores mais favorecidos, nomeadamente de profissões liberais, trabalhadores de conta própria, outros vivendo de rendimentos, etc. E isto apesar das taxas cobradas não serem até muito elevadas, mas fundamentalmente pelo desinteresse, pela desmotivação dos trabalhadores em relação ao INATEL.

«Estamos, assim, dentro de um círculo vicioso que urge quebrar em algum ponto.

«Os trabalhadores, uma grande maioria, mesmo alguns responsáveis sindicais, ou ignoram até a existência do INATEL, ou, se a conhecem, não lhe dão qualquer importância. E porquê? Exactamente porque os benefícios de que poderiam usufruir, lhes não chegam, chegam apenas àqueles 30 milhares. Quantos trabalhadores gozam férias? Quantos trabalhadores praticam desporto? Quantos têm acesso à cultura divulgada pelo INATEL?

«E no entanto, haveria aqui uma importante palavra a dizer. Os trabalhadores poderiam ver os frutos do INATEL a curto prazo, se a orientação do INSTITUTO fosse alterada; se os trabalhadores e os seus dirigentes sindicais se começassem a sensibilizar para o problema INATEL.

«O desporto que abrange 30 000 trabalhadores poderia alcançar mais de 100 000 no prazo de um ano. As férias que são proporcionadas a preços muito inferiores a metade dos custos actuais em unidades hoteleiras e que no momento presente não servem mais que 20 000 trabalhadores, poderiam servir 500 000 em três anos.

«Neste momento, pelo contrário, os dinheiros do Instituto destinam-se a pagar vencimentos aos funcionários (cerca de 150 000 contos anuais), a subsidiar férias e turismo aos associados, cuja qualidade atrás se referiu, e pouco mais.

«Voltado para si, enquistado na sua própria dimensão provinciana, fechado, sem chamamento à grande massa dos trabalhadores portugueses, complexado ante a imagem natista que pouco a pouco vai recuperando, conta com a incapacidade da transformação dos mais de mil trabalhadores, que sem organização e sem querer colectivo, se assumem impotentes e submissos aos rumos que as diferentes comissões administrativas, dos diferentes Ministérios do Trabalho e dos diferentes Governos aqui ordenam.

«Daqui, a indismentível importância, melhor se diria, o dever, que os de dentro, os trabalhadores de dentro, têm para com os milhares de trabalhadores do País, em lutar pela orientação correcta que o Instituto há-de ter, colocando-o, como de direito, ao seu serviço. Reorganizando-o para que sirva melhor! Dilatando-o para que sirva um maior número!»

Mineiros de Valongo recorrem à greve

A denúncia do acordo de trabalho interno por parte da administração da empresa Lousas de Valongo, determinou a decisão dos mineiros de iniciarem, a partir do próximo dia 9, uma greve de um dia por semana (quartas-feiras).

A decisão foi tomada em plenário realizado no passado dia 1, onde foi analisada a posição da administração, que tendo prometido um prémio de produção aos trabalhadores (que pagou regularmente durante as primeiras cinco semanas) deixou subitamente de pagar, após ter saído o decreto do salário mínimo nacional.

«Dos mil escudos do prémio a administração tirou o necessário para pagar o salário mínimo. Agora os trabalhadores acham que têm direito a receber o salário da lei além do prémio que os administradores se comprometeram a pagar», diz um elemento da comissão Intersindical. Perante a recusa ao diálogo por parte da administração, que durante uma reunião com a comissão Intersindical afirmou que «quer queiram quer não é assim que vamos fazer» os trabalhadores concederam um prazo de dois dias para que ela alterasse a posição. Como tal não aconteceu, optaram pela paralisação, podendo mesmo vir a endurecer as formas de luta.

MARINHA MERCANTE

Mobilização militar "seria um absurdo"

A hipótese de mobilização militar do tráfego marítimo entre o continente e os Açores, hoje aventada pelo semanário «Expresso», é um perfeito «absurdo», segundo afirmou ao «DL» um porta-voz da Federação dos Sindicatos do Mar, que considera essa alternativa absolutamente inviável.

Tal hipótese tinha sido levantada por Mota Amaral, presidente do Governo Regional dos Açores, há mais de uma semana, mas parece ter sido abandonada depois dos contactos que manteve com a Presidência da República. Aliás, a gravidade de uma medida dessas, a ser adoptada, teria reflexos bastante grandes a nível internacional, conhecida como é a orientação da Federação Internacional dos Trabalhadores dos Transportes em casos dessa natureza: generalização internacional do boicote aos navios que se encontram requisitados militarmente.

A frota mercante nacional continuava hoje integralmente paralisada, mantendo-se deste modo a greve de horas extraordinárias das tripulações, que desejam aumentos salariais capazes de repor minimamente o poder de compra perdido ao longo dos últimos três anos. Os Sindicatos do Mar continuam a aguardar que o Governo resolva o seu problema da competência e se decida finalmente a desbloquear a situação persistindo, pelo seu lado, numa atitude de abertura ao diálogo que permita pôr termo ao conflito.

Enquanto isso, o navio «Bandim», que estava fundado ao largo do porto de Ponta Delgada, viu-se forçado a levantar ferro, rumando para Lisboa, depois do Governo dos Açores ter boicotado os abastecimentos, numa atitude que os sindicatos consideram francamente ilegal.

PUB.

PRÉ-AVISO GREVE

AO MINISTÉRIO DO TRABALHO

C/CONHECIMENTO AO MINISTÉRIO DA INDUSTRIA E TECNOLOGIA E ADMINISTRAÇÃO DA SETENAVE

Os trabalhadores da Setenave, empenhados que estão na defesa da Setenave nacionalizada ao analisar os seguintes considerandos, como:

1.º — Crescente aumento do custo de vida e a diminuição do poder de compra dos trabalhadores;

2.º — Que a defesa da Setenave nacionalizada passa pelo manter nos seus efectivos os trabalhadores mais qualificados, a fim de assegurar a elevada qualidade de trabalho que é exigida pelos Armadores;

3.º — Que a administração da Setenave resolveu fazer uma revisão salarial aos quadros e à qual os trabalhadores não se opõem;

4.º — Que os salários praticados na empresa são inferiores à maioria das empresas do Distrito.

Decidiram:

Reivindicar um aumento geral de 1.800$00 (mil e oitocentos escudos), com efeito a partir de 1 de Junho de 1978, funcionando como adiantamento às tabelas do CCTV da Metalurgia e Metalomecânica actualmente em negociação.

Perante esta reivindicação, decidiu o Ministério da Indústria e Tecnologia com a administração da Setenave contraporem unilateralmente por despacho um avanço de 800$00 (oitocentos escudos) para a generalidade dos trabalhadores.

Assim as Associações Sindicais signatárias, em defesa dos interesses dos seus filiados ao serviço da Setenave, considerando as decisões da A. G. T. realizada em 26 de Julho de 1978, de se realizar uma paralisação de duas horas como manifestação de repúdio e para que o M. I. T. e Administração revejam a sua posição, declaram greve, na respectiva empresa no dia 8 de Agosto de 1978 durante duas horas. Os trabalhadores no horário normal das 8.25h e 9.00h às 17.45h paralisarão entre as 14.00h e 16.00h.

No horário das 17.05h às 01.40h paralisarão das 22.00h às 24.00h.

No horário das 01.00h às 09.00h pralisarão das 06.00h às 08.00h no dia 9 de Agosto de 1978.

O presente Pré-Aviso é feito no exercício dos direitos consignados no Art.º 59.º da Constituição da República Portuguesa e no Art.º 2.º, n.º 1, da Lei n.º 65/77, de 26 de Agosto, e para dar cumprimento ao disposto no n.º 1 do Art.º 5.º da mesma Lei.

Setúbal, 1 de Agosto de 1978

Sindicato dos Trab. Ind. Metalurgia e Metalomecânica D. Setúbal

Sindicato dos Transportes Rodoviários Distrito de Setúbal

Sindicato dos Técnicos de Desenho

Sindicato Trab. Transportes Fluviais

Sindicato Maquinistas Práticos, Aj. e Artifices da Marinha Mercante Dist. Lisboa

Sindicato dos Marinheiros Mercantes

Sindicato Trab. Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes

Sindicato dos Ajudantes de Framácia do Sul e Ilhas

Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Sul

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do D. de Setúbal

PUB.

CONTRATAÇÃO DE PESSOAL DOCENTE

A fim de preencher as vagas nas disciplinas de
Serviço Social
Sociologia
Economia
Direito e
Métodos e Técnicas de Investigação
em Ciências Sociais, aceitam-se candidaturas acompanhadas do respectivo curriculum até ao dia 10 de Setembro.

DUAS OU TRÊS COISAS SOBRE CABO VERDE

Um país que prosseg uma política própria cooperação e não-ali

«Queremos ter uma política própria, a nossa política, uma política de paz, de cooperação, e de entendimento» – afirmava recentemente o primeiro-ministro de Cabo Verde, Pedro Pires, num encontro com jornalistas (cabo-verdianos, portugueses, da Guiné-Bissau, e um da União Soviética) na cidade da Praia e por altura das celebrações do terceiro aniversário da independência da República de Cabo Verde.

Falava-se de política externa cabo-verdiana e nomeadamente dum tema escaldante para o arquipélago como de resto para qualquer Estado, nação ou país do mundo: a disponibilidade-indisponibilidade do território próprio para a instalação de bases militares estrangeiras.

Aqui, Pedro Pires foi claro: «O nosso país não ganharia com a instalação de bases no seu território. A instalação de bases no nosso território faria do nosso país um alvo de forças contrárias à política que queremos prosseguir. Somos um país pobre, não teríamos o controlo sobre quaisquer bases instaladas no nosso território. (...) recusamo-nos a admitir a possibilidade de instalação de bases estrangeiras em Cabo Verde».

São palavras que dizem bem da determinação dos dirigentes de Cabo Verde em prosseguir uma política de independência e não-alinhamento em relação aos grandes blocos. E, para quem porventura duvidar desta determinação, da sua força, há um facto que se pode evocar – e talvez se deva, porque pode não estar presente na escassa memória das pessoas.

Trata-se de que, quando da guerra que em Angola o MPLA teve de suportar contra a FNLA e a Unita, os aviões cubanos transportando homens e armamento para auxiliar o Movimento de Agostinho Neto não puderam, de Havana para Luanda, de Luanda para Havana, escalar o Aeroporto Internacional Amílcar Cabral, na ilha do Sal. O Governo de Cabo Verde não autorizou aterragens. «Por muito que isso nos tenha custado» – disse Pedro Pires.

RELAÇÕES DIVIDIDAS

É evidente que o facto de o Governo de Cabo Verde não ter autorizado escalas militares entre Cuba e Angola não significa que a Praia não tenha as melhores relações com Havana nem, muito menos, com Luanda. Os laços de fraternidade – e é nesta linguagem que os dirigentes africanos têm o costume de falar –, os laços de fraternidade entre o PAIGC e o MPLA são históricos e reforçaram-se ao longo dos anos num contexto de relações mais do que amistosas, muito estreitas, e envolvendo os restantes movimentos de libertação então em luta contra o colonialismo português e hoje dominando os respectivos aparelhos nos outros Estados africanos de expressão linguística oficial portuguesa.

O valor histórico dessas relações perdura hoje e ainda prevalece, preponderando, num certo mas exacto sentido, sobre as relações externas de todos e de cada um. No caso de Cabo Verde – de parte os demais, mesmo o da Guiné-Bissau, considerado estado-irmão há opção duma política externa de independência e não-alinhamento a prosseguir. Esta opção pode começar na noção grave e aguda duma posição geoestratégica mais do que difícil, alguma coisa melindrosa, passar pelo reconhecimento de inúmeras dificuldades materiais que as várias e sobretudo auxílios internacionais vão ajudando a resolver, e apontar para perspectivas muito mais largas.

Aqui cair-se-ia no âmbito já da especulação. Porque tudo, no futuro, é evidente que dependerá do desenvolvimento de situações onde as posições de independência e não-alinhamento aparecem actualmente como as mais correctas num determinado contexto mas não se sabe como é que este contexto vai evoluir. E os países pobres – de que Cabo Verde é um exemplo dos extremos – terão ou não energias mínimas para suportarem as pressões que sobre eles dia a dia e insistentemente se exercem.

Para já, Cabo Verde não tem apenas boas relações com os chamados países socialistas, e com países africanos da mesma linha: tem-nas também com outros países africanos com os quais não existe o que se pode chamar identidade política, europeus do, chamemos-lhe assim, bloco capitalista, e na América, com o Brasil e os Estados Unidos, por exemplo; (aqui os dirigentes cabo-verdianos não se envergonham de reconhecer o valioso e significativo de certos auxílios materiais). Portugal – não é questão: boas relações, evidentemente.

COMUNIDADE: PARA JÁ, NÃO

No encontro havido na Praia entre Pedro Pires e jornalistas notámos a pouca receptividade deste dirigente do PAIGC em relação à sugestão duma comunidade de países de língua oficial portuguesa, abrangendo Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Brasil.

A sugestão foi levantada por um jornalista português, que não fez mais do que dar voz a uma certa expectativa que domina os bastidores da diplomacia portuguesa voltada para o Terceiro Mundo (nomeadamente África, as antigas colónias de Portugal), desde que falada por Eanes num discurso perante Luís Cabral, Presidente do Conselho de Estado na Guiné-Bissau e quando da visita deste a Lisboa. A recente cimeira Eanes-Neto veio dar a essa expectativa as proporções de quase impaciente ansiedade. O esperado encontro de Eanes com Samora Machel, de Moçambique, oferece aqui perspectivas mais próximas. Fala-se já – e acrescente-se com justificada razão – numa cimeira a haver entre os chefes de Estado de todos os países de língua portuguesa (incluindo o Brasil). Mas, a comunidade – que comunidade?

«Não podemos pensar desde já, em termos uma comunidade» – palavras de Pedro Pires.

No entendimento do primeiro-ministro de Cabo Verde, comunidade – «só quando as relações atingirem um nível superior». Comunidade – «estamos ainda a uma grande distância disso» – afirmou.

Parecer dos dirigentes cabo-verdianos é que os Estados Africanos que se tornaram independentes de Lisboa nos últimos anos devem manter boas relações entre si e, cada um por si, com Portugal.

Algumas trocas feitas por nós na Praia deixaram-nos a impressão de que a pouca receptividade pareceu-nos que demonstrada por Pedro Pires releva mais dum sentido do prático e do concreto e não quer dizer grandes reservas quanto ao que sobre esse tema se fala em Lisboa. De resto, Pedro Pires não escondeu aos jornalistas portugueses (a quem o assunto particularmente interesava) o desejo que pelo menos os dirigentes cabo-verdianos têm de dialogar e aproximar-se duma convergência de interesses mútuos em relação a Portugal. Mais próximos dos outros países africanos de expressão portuguesa do que de Lisboa, os dirigentes do PAIGC em Cabo Verde podem ainda veicular que o desejo de diálogo é de igual modo partilhado por Bissau, S. Tomé, Luanda e Maputo. Questão é que – fez-nos notar notar um quadro da Praia – haja da parte de Lisboa a extrema lealdade que exigem as relações a criar e manter interessadamente. Quer dizer, não pode haver, da parte de Portugal, nenhuma espécie de sobranceria.

Por exemplo, ainda – e observado pelo mesmo quadro do PAIGC em Cabo Verde –, Portugal, nas iniciativas que empreender, não pode fazer nenhuma veiculação de interesses internacionais determinados.

E não é – ou não será muito, pelo menos – o facto de Portugal pertencer a um bloco militar, a NATO, que vai impedir que as melhores relações se desenvolvam (com as limitações decorrentes desse facto, já se vê). Tão-pouco, ou menos ainda, a eventual integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia.

Aqui pode lembrar-se que Cabo Verde tem boas relações com a CEE. E lembrar isto faz ocorrer também que Cabo Verde entrará ainda este ano para o Fundo Monetário Internacional.

APRENDIZAGEM

A revelação foi feita por Pedro Pires no encontro com os jornalistas a que nos reportamos. E é interessante referir este facto pelo que nele se prende – ainda que indirecta ou conflituosamente – com o desejo de independência e não-alinhamento de Cabo Verde.

Um jornalista quis saber se o Fundo fizera pressões sobre o Governo da Praia, a condicionar a entrada. Pedro Pires disse que não, e acrescentou que o ingresso de Cabo Verde se fazia por livre determinação do seu Governo e sem implicar concessões ou cedências de qualquer ordem. A lembrar (a lembrarnos, a nós, portugueses, pelo menos) Portugal (e não é caso isolado, como se sabe), o primeiro-ministro do Governo da Praia afirmou que só há concessões e cedências quando existe uma situação económica e financeira ruinosa.

O que não é o caso de Cabo Verde. Porque a verdade é que, sendo Cabo Verde um país pobre, não se pode dizer que o estado da sua economia e das suas finanças seja negativo – pelo menos no tocante à balança de pagamentos e à situação da moeda. Depois – Pedro Pires ainda – interessa a Cabo Verde ingressar no Fundo, ao menos para tomar conhecimento directo dos mecanismos e de como funcionam os mecanismos daquela organização internacional.

Uma explicação mais larga do que esta, e dois exemplos – dados pelo próprio Pedro Pires. A explicação: os países que entram no Fundo, não o fazem numa posição desvantajosa desde que não se encontrem numa situação crítica; não se expõem tanto que a segurança interna da sua política nos domínios económico e financeiros não lhes permita manterem a posição relativamente independente que têm à altura do seu ingresso. Os exemplos: a Jugoslávia e a Roménia – países considerados, pelo menos o segundo, do bloco socialista – pertencem ao Fundo.

Não é difícil notar que os responsáveis por Cabo Verde não se eximem a fazer aquilo a que se pode chamar aprendizagem quando se trata de aperfeiçoar a administração da vida pública, da coisa social. E o que se passa no âmbito das relações económicas e financeiras com o exterior passa-se igualmente noutros domínios e com o Direito, por exemplo.

Aqui ocorre que as leis em Cabo Verde estão a fazer-se sobre um fundo de referências onde têm lugar os direitos de outros Estados –Portugal, designadamente.

PENSANDO EM PORTUGAL

Naturalmente, não serão apenas os dirigentes cabo-verdianos os únicos, dos novos Estados Africanos, que foram colónias portuguesas, bastante reservados frente à sugestão de uma comunidade abrangendo os sete Estados onde oficialmente se fala português. A sugestão da comunidade deve merecer idêntico acolhimento por parte dos dirigentes dos outros Estados.

Comunidade, aliás, é coisa de que não se fala muito claramente ao nível oficial em Lisboa, e não é preciso pensar muito para admitir que a própria palavra tem para os africanos, inevitavelmente, conotações neocolonialistas.

Cabe talvez a Portugal, à política externa portuguesa, mas principalmente ao que em particular se refere às relações com África, quebrar as reservas que existem, criar um clima favorável ao desenvolvimento de relações do tipo das que uma noção de comunidade parece implicar.

Muito práticos, para além da sua inevitável sensibilidade às sugestões ideológicas (e isto de «práticos» significando aqui «mais realistas» e não tendo evidentemente nada a ver com a ideologia tecnocrática que informa e enforma o comportamento do «praticismo», do pragmatismo capitalista ocidental), os dirigentes africanos não escondem na sua aparente reserva nenhuma animosidade ou negativa impressão em relação ao actual regime português, às suas instituições e aos seus nomes mais representativos. Pelo contrário – seria de dizer, se não tivesse sido dito já tantas vezes e alguns factos recentes comprovam.

Sabe-se também a preferência que nos novos Estados Africanos existe, e não raro, por Portugal, quando se trata, por exemplo, de acolher colaboradores estrangeiros para as tarefas técnicas de reconstrução económica e social.

Naturalmente que não se pode registar nenhuma posição oficial a denunciá-lo – mas, no âmbito privado dos bastidores, pode detectar-se como a cooperação de Portugal, nomeadamente através de cooperantes portugueses, é desejada e bem-vinda.

Neste ponto deve notar-se que não é falar-por-falar quando se diz que o colonialismo deixou as sequelas que deixou mas os ressentimentos que ficaram não são muito sensíveis e tendem a apagar-se.

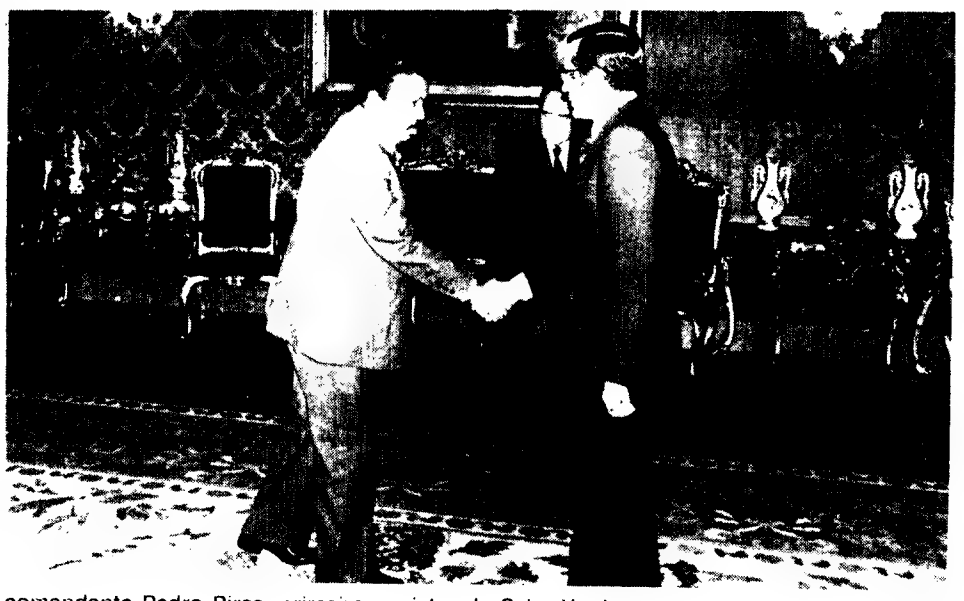
Não se deve avaliar as relações inter-Estados pelo grau de interesse mútuo que se verifica pela cooperação. Importa no entanto reter que esta cooperação se processa segundo acordos

«Somos um país pobre» — palavras de Pedro Pires. Todo o mundo sabe o que na gravura se vê: detritos vulcânicos, poeira acumulada, secura, rara vegetação, a imagem devastada duma terra onde as condições de vida são muito poucas. A cooperação do estrangeiro tem de traduzir-se em auxílios, fatalmente. Mas, aqui, a orientação política do PAIGC no arquipélago tem sido prudentemente criteriosa, defendendo os interesses nacionais numa recusa sistemática a cedências ou concessões políticas ou militares que possam ameaçar o futuro dum país dificilmente livre e independente

E (1)

gue de paz inhamento

Luís de Miranda Rocha (enviado do "DL")



O comandante Pedro Pires, primeiro-ministro de Cabo Verde, cumprimenta o Presidente portugues, Ramalho Eanes, no Palacio de Belem e durante uma visita feita oportunamente a Lisboa. A cooperacao entre Portugal e Cabo Verde e especialmente desejada no arquipelago. Mas os responsaveis cabo-verdianos nao querem ser dum optimismo excessivo, pelo menos dum optimismo cego, quanto ao futuro: e preciso desenvolver as boas relacoes que existem, de preferencia a perder tempo a procura de fórmulas teoricas que poderiam muito bem nao ter conteudo bastante para as preencher e justificar

existentes e assinados entre os dois Governos – e nesses acordos firmam-se as orientações e as linhas das políticas externas de um lado e doutro.

No caso de Cabo Verde, tem interesse referir que notámos, nas informações dadas tanto por responsáveis do PAIGC como por portugueses actualmente trabalhando naquele país, o empenho por parte dos responsáveis da Praia em relação aos cooperantes e à sua situação.

Este empenho não é uma abstracção, antes centra-se em problemas concretos, como o do alojamento, por exemplo. Em rigor, porém, trata-se de um problema praticamente resolvido, com a recente construção de novos blocos habitacionais numa parte da cidade da Praia, havendo apenas nesta altura dois casos de difícil situação mas para resolver brevemente.

Temos para nós que o português que vai para Cabo Verde trabalhar deve fazê-lo certamente com o conhecimento antecipado e uma consciência assumida de determinados problemas que vai defrontar. Nem por isso, no entanto, deixará de ser interessante registar a satisfação optimista em que os cooperantes se encontram. Isto de acordo com o testemunho de alguns deles.

Redundância? Certamente que não. Porque neste estado de espírito – de uma parte e doutra – podem estar incubadas as boas perspectivas – que há – de um entendimento entre os dois países que se estreite numa identidade mais forte de pontos de vista acerca de problemas comuns ou partilhados por idênticas sensibilidades.

MADEIRA E AÇORES

Pensando ainda em Cabo Verde em função de Portugal e Portugal em função de Cabo Verde, cabe aqui uma anotação acerca da Madeira e dos Açores.

Como se sabe, Madeira e Açores foram aqui há meses objecto de especulações que se desenvolveram quase até ao ponto de provocarem um conflito diplomático. Foi quando o líder líbio Kadhafi se pronunciou acerca daqueles dois arquipélagos em termos que feriam a soberania político-administrativa de Portugal sobre eles – a pretexto de que, pelo menos no caso da Madeira, tratar-se-ia de territórios africanos que, por isso, deveriam interessar a OUA. Posteriormente, o ministro argelino dos Estrangeiros Bouteflika preconizou ou sugeriu que Lisboa autorizasse a deslocação de uma missão da OUA aos Açores e à Madeira para aí inteirar-se da situação político-social no que respeitava designadamente ao fenómeno separatista e aos possivelmente chamados movimentos de libertação aí existentes.

Lisboa, lembra-se, reagiu com energia. Parece no entanto, passado algum tempo sobre as emoções, que não havia razão para tanto. Aliás se não Kadhafi, Bouteflika fez as afirmações que fez veladas de compreensíveis e compreensivas reservas, adiantando que a questão seria esclarecida oportunamente pela informação à organização dos dirigentes dos Estados Africanos que foram colónias de Portugal.

Pois bem, não tardou muito que pelo menos os digirentes cabo-verdianos se pronunciassem, tomando posição favorável a Portugal.

No encontro que tivémos com Pedro Pires no mês passado na Praia, a questão foi posta, inevitavelmente, e o primeiro-ministro cabo-verdiano voltou a dizer aos jornalistas que Cabo Verde considerava Açores e Madeira parte integrante de Portugal, e que, por isso mesmo, estes arquipélagos estariam fora de questão na reunião da OUA a haver dentro de dias em Cartum.

Pedro Pires lembrou inclusivamente um pormenor a reter, pela importância, digamos histórica, de que se reveste, pelo fundamento histórico com que se reforçam posições. O pormenor remonta aos primeiros passos dados pelos movimentos de libertação nos territórios então submetidos à administração ultramarina do Governo de Salazar. Realizaram-se reuniões, nestas reuniões participaram representantes dos actuais Estados Africanos, e ainda, como convidados, outros, como por exemplo, da India (Goa, Damão e Diu). A hipótese de as reuniões se alargarem a eventuais representações de Açores e Madeira não foi sequer considerada

FAÇA COMO 1 MILHÃO DE PORTUGUESES!
FAÇA VOCÊ MESMO COM Black & Decker®
E FAÇA A SUA MELHOR COMPRA DESTE VERÃO:

UM BERBEQUIM PRÁTICO E VERSÁTIL! VÁRIOS MODELOS! MUITAS UTILIDADES!
DNJ 50 899. DNJ 70 1099. DNJ 52 1699. DNJ 64 1899.
Furar em madeira plasticos tijolo, azulejo marmore vidro e muitos outros materiais. Fazer de serra lixadeira esmerilladora torno etc com os muitos dispositivos. Raspar polir, limpar etc com os varios acessorios

COM QUALQUER DELES GRÁTIS
1 LIVRO "FAÇA VOCÊ MESMO"
1 CONJUNTO DE ACESSÓRIOS
10 PLANOS DE CONSTRUÇÃO

LIVRO «FAÇA VOCÊ MESMO»
- Tudo sobre como se usam os berbequins.
- Todos os segredos de fazer furos em qualquer material sem problemas.
- Como montar e utilizar os famosos dispositivos e acessórios.
- Instruções de conservação e cuidado.

CONJUNTO DE ACESSÓRIOS PARA LIXAR E POLIR
- 1 flange de borracha
- 10 discos de lixa grossa, média e fina para desbaste e acabamento em madeira, plásticos, etc.
- 1 boina de polir para dar lustro ao seu carro ou aos seus móveis

PLANOS DE CONSTRUÇÃO
- Esquemas para ajudar a fazer imensas coisas novas para sua casa: armário de sala, mesa de centro, móvel de gavetas, secretaria, estante de módulos, etc.
- Completissimos, com desenhos das peças, medidas, indicação dos materiais a usar e instruções de construção, montagem e acabamento.
- Use-os tal e qual ou apenas como base para as suas ideias.

FAÇA VOCÊ MESMO COM Black & Decker ...E FAÇA UMA VIDA MELHOR PARA SI.

EUROPA

"AFFAIRE" THORPE

Novo escândalo sexual abala Parlamento britânico

Jeremy Thorpe, antigo secretário do Partido Liberal, é hoje acusado de uma conjura para assassinar um homem que afirmou ter tido uma vez com ele relações homossexuais.

Uma audiencia de 21 minutos num tribunal no Oeste de Inglaterra originou possivelmente o maior escândalo político que se regista na Grã-Bretanha, em décadas.

Thorpe, um elegante deputado, de 49 anos, cuja mulher, uma pianista de concertos, esteve ligada outrora por casamento à família da rainha Isabel, compareceu no tribunal com três sócios, David Holmes, antigo militante do Partido Liberal, e os homens de negócios John Le Mesurier e George Deakin.

Foram todos incriminados de conspirar para assassinar Norman Scott, antigo modelo e homossexual confesso.

Scott, que vive agora isolado no Oeste de Inglaterra, afirma que teve uma relação homossexual em começos dos anos 60, com Thorpe, que tem negado constantemente a alegação.

Parece certo que as repercussões do escândalo terão impacto numa eleição geral esperada no país, antes do fim do ano. Poderiam mesmo esmagar o pequeno Partido Liberal, que Thorpe chefiou, de 1967 a 1976, e que detinha nas suas mãos o equilíbrio de poder, na ultima sessão do Parlamento.

Thorpe e os três outros réus ficarão sob fiança de 5000 libras, até 12 de Setembro.

O escândalo surgiu, há um ano, quando, após meses de boatos e de insinuações, Andrew Newton, antigo piloto de uma linha aérea, contou aos jornais que lhe foram pagas 5000 libras (cerca de 450 contos) para matar Scott.

Contudo, prosseguiu, no momento crucial, durante um encontro no campo, faltou-lhe a coragem e matou o cão dinamarquês de Scott, em vez do dono.

Thorpe, cuja carreira parlamentar o levou, a receber um convite para se juntar a um governo de coligação com o primeiro-ministro conservador, Edward Heath, acha-se agora à beira do abismo, após anos de vida política austera, mas urbana.

Foi aclamado ontem à noite quando, após a audiência, apareceu numa festa numa circunscrição eleitoral do Partido Liberal no Oeste de Inglaterra. Entrou na sala de mãos dadas com a mulher, Marion Stein, que esteve antes casada com o conde de Harewood, primo da rainha Isabel.

Contudo, evitou firmemente perguntas dos repórteres acerca do seu futuro político ou demissão. Tecnicamente continua a ser deputado a menos que não seja eleito numa consulta às urnas ou considerado culpado num Tribunal.

Revelou que poderia fazer uma declaração, após o fim-de-semana, quando combinou um encontro com figuras de destaque do Partido Liberal e militantes da sua circunscrição eleitoral.

O episódio mais recente de acusações criminais sérias contra um deputado ocorreu há dois anos, quando o ex-ministro trabalhista John Stonehouse foi extraditado da Austrália para a Inglaterra. Foi condenado a sete anos de cadeia por fraude, roubo e conspiração. Stonehouse tinha simulado a sua morte em Miami e apareceu mais tarde na Austrália com um passaporte falso.

Entretanto, este que envolve Geremy Thorpe, trata-se do maior escândalo político a abalar a Inglaterra desde a demissão do ministro da Guerra, John Profumo, em 1963, depois de ter admitido uma aventura amorosa com uma prostituta chamada Christine Keeler, ligada também ao então adido naval da Embaixada Soviética em Londres.

Thorpe e os outros acusados são passíveis de prisão perpétua.

Jeremy Thorpe com a sua mulher, Marion Stein

EUA

Decisões sobre ajuda externa adiadas para o mês de Setembro

A Câmara dos Representantes dos Estados Unidos adiou ontem, após dois dias e meio de discussões o estudo do projecto de lei sobre ajuda externa, no valor de milhares de milhões de dólares, a qual voltará à Câmara provavelmente em Setembro.

O adiamento reflecte a sensibilidade sentida pela Câmara dos Representantes quanto ao assunto de ajuda ao estrangeiro, que não é considerado popular pelos «contribuintes rebeldes» em ano de eleições, e ao mesmo tempo é devido ao Senado não ter ainda emitido legislação similar.

As versões da Câmara dos Representantes e do Senado terão que ser ajustadas numa conferência de conciliação.

Carter tinha inicialmente pedido um orçamento de 8,4 mil milhões de dólares para ajuda ao estrangeiro, incluindo a assistência para segurança militar. No entanto as comissões da Câmara retiraram logo 1,1 mil milhões de dolares antes mesmo do projecto ser apresentado ao plenário.

Até ao momento foram somente activadas 60 emendas ao projecto a maior parte delas relacionadas com assuntos económicos. No entanto, houve uma, aprovada na quarta-feira, que reduziu de 90 milhões de dólares a ajuda económica e militar à Síria, o que provocou uma viva reacção por parte da Casa Branca.

Antes do adiamento, foi aprovado, por 300 votos contra 29, uma emenda que retirou mais de 13 milhões de dólares da secção de crédito de venda de material de guerra a países estrangeiros. Este corte não afecta no entanto, a parte de Israel, com um crédito de mil milhões de dólares, nem os créditos militares, à Jordânia e Líbano.

No total, as reduções atingiram cerca de 2,2 mil milhões de dólares, abaixo da estimativa de Carter, faltando ainda discutir alguns assuntos controversos, como é a contribuição norte-americana para os bancos e organizações internacionais.

ORÇAMENTO MILITAR APROVADO

Entretanto, o Congresso dos Estados Unidos, autorizou ontem, 37.000 milhões de dólares de despesas de armamento durante o exercício de 1979, destinadas nomeadamente a construção de um super porta-aviões atómico e a conversão de «Boeings-747» para o transporte de misseis de cruzeiros. Contudo, estas autorizações são apenas formais e o Congresso deverá, agora, durante as próximas semanas, aprovar os orçamentos para cada programa.

O porta-aviões, se a sua construção for finalmente aprovada, custa 1,9 milhões de dólares (cerca de 85,5 milhões de contos). A transformação dos «Boeing-747» para o transporte de misseis «Plus» é um programa experimental que custará vinte milhões de dólares. (Oitocentos milhões de contos).

GRANDE AUMENTO DO DESEMPREGO

Por outro lado, o Governo Carter recebeu ontem mais uma notícia económica: as estatísticas oficiais mostram que a taxa do desemprego subiu acentuadamente durante o mês passado.

O Departamento do Trabalho anunciou que os americanos desempregados subiram de um total de 5,7 milhões para 6,2 milhões em Julho, o que corresponde a 6,2 por cento da força activa, mais do que o declínio inverso registado no mês anterior, quando a taxa desceu de 6,1 por cento em Maio para 5,7 por cento em Junho.

A percentagem de negros e de outras minorias bem como de adolescentes sem trabalho subiu consideravelmente em Julho, o que é um tanto mau para quem fala em Direitos Humanos.

Até, o mês passado, a melhoria da situação de emprego tinha sido o único «raio de sol» num panorama económico deprimente para o Governo e a inversão revelada pelas últimas estatísticas irá adicionar-se aos problemas crescentes da inflação, do enfraquecimento do dólar no estrangeiro e do presidente e avultado défice do comércio externo dos Estados Unidos.

AMÉRICA LATINA

CASO LETELIER

Provas incriminatórias em Santiago no dia 20

Alfredo Etcheverry, o advogado representante do Governo dos Estados Unidos na tramitação judicial pelo assassínio do ex-MNE da Unidade Popular Chilena, Orlando Letelier, informou ontem à noite que as provas acusatórias contra os três oficiais do Exército do Chile acusados pelo crime chegarão ao conhecimento dos Tribunais e da ditadura do Palácio Diego Portales, no próximo dia 20. Pensa-se que também nessa data, com a apresentação das provas, os Estados Unidos pedirão oficialmente a extradição do general, reformado, ex-chefe da Dina e cunhado de Pinochet, Manuel Contreras Sepulveda, do ex-chefe de operações da DINA, coronel Pedro Espinoza e do capitão e agente da polícia política chilena Armando Fernandez Larios.

Segundo um telegrama da IPS proveniente de Santiago Etcheverry antecipou que as provas estão contidas num documento de aproximadamente 300 páginas. Manifestou também que actuaria como requerente das extradições em representação dos Estados Unidos, «convencido da seriedade e da contundência das acusações». Acrescentou: «Não embarcaria nisso se o Governo do meu país não acreditasse que este procedimento é correcto e se as provas não fossem tão contundentes».

Etcheverry não descartou também a possibilidade da presença no Chile, proximamente, de representantes do Departamento da Justiça norte-americana para «cooperar nas conversações». Afirmou ainda que as implicações do «cunhado» e dos outros dois oficiais não são encaradas como «delito político», como tem sido tentado para evitar maiores escândalos e consequências mais graves.

Entretanto, o «Jornal do Brasil», dizia ontem em editorial que graças ao crime cometido na pessoa de Letelier, «o regime chileno está agonizante». Mais dizia este que é um dos principais jornais brasileiros que «o regime de Pinochet aproxima-se do fim à medida que o caso Letelier vai seguindo o seu curso natural, e, ao que parece, inexorável.» Comentando que não há nenhum sistema que possa sobreviver a tal abalo e a uma tão grande aproximação da sombra e da marginalidade política, o «Jornal do Brasil» acrescenta que a ditadura de Santiago está a recolher as consequências do caminho que escolheu «ao igualar-se nos métodos ao terrorismo e à subversão que pretendia combater».

Recorde-se que antes de 11 de Setembro de 1973, vários jornais brasileiros já noticiavam o golpe que acabaria por ser dado nesse dia.

AFRICA

UNESCO pede boicote contra a África do Sul

O Conselho das Nações Unidas para os Assuntos Económicos e Sociais (UNESCO), na sua reunião de ontem em Genebra, aprovou uma resolução por 35 votos contra 4, que solicita aos países membros para que deixem de fornecer petróleo e suspendam os investimentos à África do Sul.

Os Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e República Federal Alemã votaram contra, e houve nove países que se abstiveram.

A reunião pediu igualmente ao secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, para realizar um estudo sobre a extenção da colaboração das companhias multinacionais com o Governo de Pretória, e para apontar quais as companhias que se recusam a aceitar os sindicatos negros.

A resolução foi tomada na reunião plenária que encerrou a sessão anual desta organização, pela comissão, de 48 países, sobre companhias multinacionais.

O Irão, Iraque, Argélia e os Emiratos Árabes Unidos, aprovaram a moção, não fazendo parte do Conselho o maior exportador árabe de petróleo, a Arábia Saudita.

A reunião deu um prazo até o próximo mês de Maio a Waldheim para apresentar o estudo sobre as companhias que actuam na África do Sul incluindo as multinacionais que «colaboram no sector industrial, mineiro e militar».

Tagus
RUA EÇA DE QUEIROS 20 A TELEF 548685 LISBOA 1
ROMÉNIA
14 DIAS
Estadia em COSTINESTI
(Praia no Mar Negro)

MUNDO SOCIALISTA

China e Vietname reúnem-se em Hanoi

Uma delegaçaode Pequim partiu hoje para Honoi para conversaçoes com o Vietname sobre a questao de pessoas de etnia chinesa que têm causado crescente fricçao entre os dois vizinhos comunistas

Chung Hsi-Tung, subsecretário dos Negócios Estrangeiros, chefiará a delegaçao chinesa nas conversaçoes que se iniciam na capital vietnamita, na terça-feira

Mais de 160 000 pessoas de etnia chinesa atravessaram a fronteira do Vietname e a situaçao degradou-se, desde então.

Noticiário em colaboração com as agências ANO, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

"Os Machos" de Gilles Carle

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

FICHA.
Título original. Les mâles.
Realização, argumento e montagem. Gilles Carle (Canadá -1971)
Fotografia (eastmancolor). René Verzier
Música. Stéphane Venne.
Interpretação. Donald Pilon, René Blouin, Andrée Pelletier, Katerine Mousseau, etc.
Distribuição em Portugal. Animatógrafo.
Cinema: Camões
Classificação. Interdito a menores de 13 anos
Duração. 113 minutos.

Com **«Os machos»**, inaugura-se em Lisboa uma nova sala de estreia (o Cine Camões) morre um velho «nímas» de bairro (o Ideal), aí vamos nós. Não vale a pena chorar o que está morto e as velhas ideias românticas sobre os cinemas de **reprise** só existem na cabeça dos cinéfilos entradotes que dizem que faltavam à escola para ir ver uma filmalhada de **cow-boys**; e, a maior parte das vezes, até nem é verdade. De qualquer modo há uma constatação a fazer (de mero carácter sócio-económico): os velhos cinemas de bairro, a preços reduzidos e duplo programa, estão em extinção e, em sua substituição, surgem espaços pintados a tinta plástica, bastante mais caros, de onde uma certa camada populacional se vê, sem alternativa, afastada. Mas tal como não vale de nada «chorar» o destino das pequenas empresas (a médio prazo condenadas em qualquer sistema económico produtivo) também é óbvio que o futuro das velhas salas é fecharem ou serem remodeladas e não há investimento que se compadeça. E ponto final, neste campo.

«Os machos» é um filme que Gilles Carle fez em 1971 (anterior, portanto, a todos os outros que, dele, vimos em Portugal). É possível afirmar-se que isso se nota. Em primeiro lugar por um argumento bastante lacunar (dir-se-ia que o realizador não tem uma história, um percurso, a contar, mas tão-só situações que vai ligando de uma forma nem sempre muito consequente), em segundo por uma incapacidade em definir um clima coerente. Nomeadamente na sua segunda metade **«Os machos»** sofre de uma indefinição que faz o filme resvalar para a gratuidade. E, no entanto, episodicamente, é possível detectar-se a sombra de um realizador em gestação, é possível ver multiplicarem-se momentos em que tudo funciona dentro de uma indesmentível sarcástica harmonia. O que dá ao filme, durante uns bons 45 minutos, uma vitalidade contagiante; depois, porém, essa vitalidade começará a ser meramente espasmódica, reflexa e acabará numa agitação superficial e sem grande sentido.

Uma palavra para saudar o reaparecimento (após muitos meses de silêncio) da distribuidora Animatógrafo, responsável, no passado, por alguma da melhor programação cinematográfica que por cá chegou (desde Eisenstein e Syberberg, desde Tanner a Sanjines, desde Morrissey a Littin, muitos são os importantes realizadores que conhecemos graças ao seu critério) e que sei possuir alguns filmes urgentes (como os de Robert Kramer). Estaremos a assistir ao renascimento esperado ou apenas a um efémero fogacho?

Accionista n.º 1 da MGM quer "jogar" na Europa

LOS ANGELES (AP) — O principal accionista da «Metro Goldwin Mayer», Kirk Kerkorian, acaba de anunciar a intenção de vender 500 000 acções, a fim de facilitar a implantação das actividades da MGM na Europa.

Kerkorian explicou que a venda das acções, avaliadas em cerca de 19 milhões de dólares, seria efectuada principalmente na Europa, para que a firma possa inscrever-se em várias bolsas de valores do velho continente.

Recorda-se que a MGM, que já foi a primeira empresa cinematográfica dos Estados Unidos, anunciou em Janeiro passado a intenção de abrir vários casinos na Europa. Efectivamente, a maior parte dos actuais lucros da empresa provém dos seus dois grandes casinos, um em Las Vegas e outro em Reno, no Nevada.

Mesmo vendendo as 500.000 acções, Kerkorian ficará ainda com 6,8 milhões de acções, correspondentes a 48 por cento do capital da MGM.

Morreu o violinista austríaco Rudolf Kolisch

O violinista austríaco Rudolf Kolisch faleceu com 82 anos de idade, no seu domicílio em Wartoan (Estado de Massachussetts), perto de Boston.

Nascido em Klamm (Áustria), Rudolf Kolisch estudou violino na Academia de Música de Viena, onde recebeu o diploma em 1913. Começou a sua carreira como chefe de orquestra e primeiro violino, antes de fundar, em 1922, o «Kolisch Quartet». Este grupo, que viria a dissolver-se em 1939, apresentou-se na Europa, em África e na América Latina.

Kolisch, reputado como um dos melhores violinistas canhotos do mundo, era artista residente do Conservatório de Música da Nova Inglaterra, em Boston.

Cineastas não-profissionais tem festival marcado para Portimão

PORTIMÃO — Vai realizar-se no próximo dia 12 nesta cidade o VIII Festival Internacional de Cinema Não-Profissional do Algarve, uma promoção do Grupo Juvenil de Cinema do Boa Esperança Atlético Clube Portimonense.

O certame, que se prolonga até ao dia 15, conta com o patrocínio da Câmara Municipal de Portimão, FAOJ e Federação Portuguesa de Cinema e Audiovisuais. Conta com duas categorias: «A», para filmes de amadores iniciados sem distinções anteriores, ou ainda para grupos e clubes; e «B», para filmes realizados por cineastas que tenham obtido troféus noutros festivais ou concursos, ou para filmes patrocinados por uma organização de produção cinematográfica com cursos de realização e produção. Apesar de o número de filmes a apresentar ser ilimitado, a entidade promotora recomendou a todos os cineastas que lhe não remetessem obras com mais de 30 minutos de duração.

Amanhã é o último dia para a recepção de inscrições e filmes, reunindo entre 5 e 10 o júri de pré-selecção. Entre 12 e 14 haverá a projecção pública para classificação e debate. No dia 15 é a sessão final com os filmes classificados.

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

A CARRIS INFORMA

Elevador da Bica

Por motivo de reparação geral periódica, este elevador não funciona de 7 de Agosto a 11 de Setembro, aproximadamente

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

ABERTURA DE CONCURSO DE TRABALHOS EM CAVO VERDE

Está aberto concurso até 30 de Setembro de 1978 para apresentação de propostas para a electrificação do Aeroporto da Praia, na República de Cabo Verde.

O Caderno de Encargos poderá ser obtido ou consultado na Embaixada de Cabo Verde, Avenida do Restelo, 33, em Lisboa, ou na Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, no Aeroporto Internacional «Amílcar Cabral», em Cabo Verde.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, Junho de 1978
O Director-Geral
assinado
* Celso Estrela *

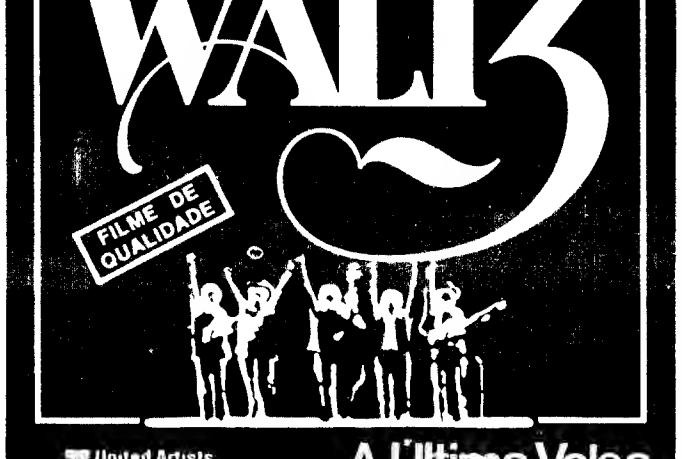
VOX LISBOA — OXFORD CASCAIS

2.ª SEMANA

FRENÉTICO!... EXCITANTE!... N. Y. POST
UMA GALÁXIA DE ESTRELAS!... DAILY NEWS
PILAR DA MÚSICA POP!... L'AURORE
O MAIS ACLAMADO FILME DO MOMENTO
EM PARIS, LONDRES, E NOVA IORQUE!

Um filme de Martin Scorsese

LAST WALTZ



United Artists — A Última Valsa

NÃO ACONS A MENORES DE 13 ANOS

UMA ONDA IRRESISTIVEL DE ALEGRIA E BOM HUMOR

O NOVO GRANDE EXITO DE MICHEL LANG, O REALIZADOR DE "O PRIMEIRO AMOR"

O HOTEL DA PRAIA
(LE HOTEL DE LA PLAGE)

A EXTRAORDINARIA COMÉDIA HÁ MAIS DE CINCO MESES EM EXIBIÇÃO EM PARIS COM UM EXITO VERDADEIRAMENTE INVULGAR

MYRIAM BOYER
DANIEL CECCALDI
MARTINE SARCEY
MICHELE GREILLER
GUY MARCHAND
FRANCIS LEMAIRE

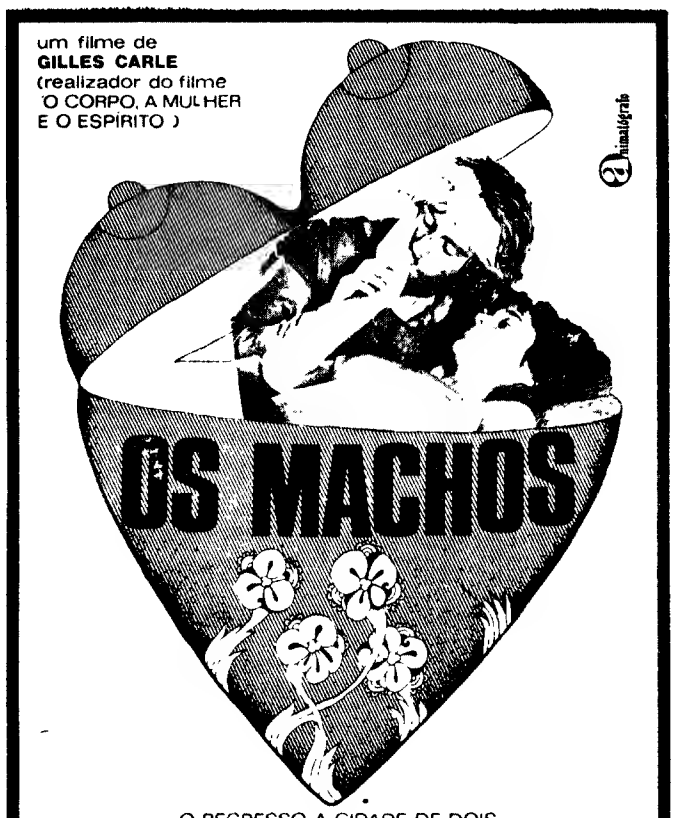
A maravilhosa musica de MORT SCHUMAN com os grandes exitos: "Un été de percelaine", "I got the feeling", "J'te vois plus" e outros

UM DIVERTIMENTO EM CHEIO!

Exclusivo Mundial Filmes
Não aconselhável a menores de 13 anos

5.ª SEMANA DE GRANDE ÊXITO
City Cine — STAR

um filme de GILLES CARLE (realizador do filme "O CORPO, A MULHER E O ESPÍRITO")



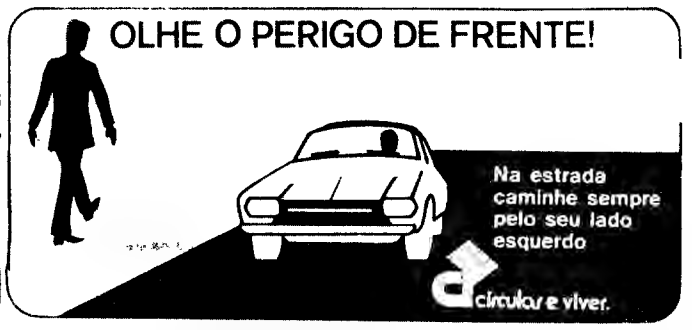
O REGRESSO A CIDADE DE DOIS MACHOS ESFOMEADOS DE TUDO

2.ª SEMANA — LOUCO E SENTIMENTAL

(Filme de qualidade)
As 14.15 16.30 21.30 de 2.ª a 6.ª f.ª
As 14.15 16.30 18.45 21.30 Sab. e Dom

Cine Camões

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



Hoje

Ray Miland, principal intérprete do filme que se exibe esta noite intitulado «O Rio do Ouro

I PROGRAMA

17.00 **Telejornal** – 1.ª edição.
17.15 **Desporto 78**
17.30 **Inglês a Sorrir**
18.05 **«Paddington»**
18.25 **«Uma Casa na Pradaria»** – 25.º episódio.
19.10 **Jogos Sem Barreiras** – 1.º programa.
20.25 **Cinema de Animação**
21.00 **Telejornal** - 2.ª edição
21.30 **O Tempo**
21.35 **Espelho dos Acácios** – com Nicolau Breyner
22.25 **Telejornal** - 3.ª ediçao
22.35 **Sábado Especial** – «O Rio do Ouro», intérpretes: Ray Miland, Dack Rampha, Roger Davis, Suzanne Pleshette e Melissa Newman. Realização: David Friedkin.
23.55 Fecho

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA
DESTAQUES
I PROGRAMA
Sábado Especial – «O Rio do Ouro» (22.35)

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período – 12.30 Missa de Domingo. **13.10** Fecho **2.º Período – 17.00** Telejornal – 1.ª edição **17.15** TV Rural **17.45** Desenhos Animados. **18.00** Entre Barreiras. **18.30** Reportagem do Exterior **19.30** Grande Encontro. **20.25** A Festa da Musica. **21.00** Telejornal - 2.ª edição. **21.30** O Tempo. **21.35** «Homem Rico Homem Pobre». **22.30** Volta a Portugal em Bicicleta – reportagem da etapa do dia. **22.45** Telejornal – 3.ª edição; **22.50** Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
- Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

INDIFERENÇA, UMA FORMA DE APODRECER

Parece incrível mas é verdade. Mais uma vez a Televisão portuguesa reincidiu na prática de exilar o António Vitorino de Almeida para o território do João Pestana, pois era quase meia-noite quando «Música e Silêncio» foi para o ar.

Isto não se faz com inocência. Ninguém na RTP se atreveria a sugerir, por exemplo, que os diálogos com qualquer dirigente político nas boas graças da RTP se transmitissem à meia-noite. Ou algum dos programas mais da simpatia do Lumiar. A atitude para com «Música e Silêncio» é tomada com perfeita consciência. A RTP não tem nenhuma atenuante.

Nem mesmo a de se dizer que o programa de António Vitorino de Almeida é um programa chato. Sabe-se, infelizmente, quanto se deve a esta pobre televisão o conceito público de que um programa cultural é uma chumbada. Ligar a ideia de chatice à ideia de cultura, eis um péssimo serviço que à cultura se presta.

A grande popularidade que sempre rodeou os programas de António Vitorino de Almeida assentou exactamente no facto de possuirem um elevado grau de «espectáculo» televisual em que o divertimento e a inteligência se combinam harmoniosamente. Com eles, tem a televisão portuguesa oportunidade para desfazer o tal péssimo serviço prestado à cultura. Pois a televisão, meus senhores, pois a Televisão recusa-a! É tola.

Ontem António Vitorino de Almeida falou contra a indiferença. Escolheu bem o inimigo, dado que a indiferença não é próprio do humano. Não sei se haverá alguma coisa mais difícil de ser combatido do que a indiferença, por definição, a indiferença se recusa ao combate. Isto não significa adesão total às teses, às noçoes e definições de António Vitorino de Almeida de instrução cultura e erudição.

Salvo o devido respeito, parece-me tratar-se de questões complexas de mais para um tratamento «a correr». Por outro lado, só se pode comungarno horror de António Vitorino de Almeida aos eruditos quando estes se arvoram em mestres de cultura. Salvo ainda o devido respeito, não foram os eruditos quem segregou Mahler, mas sim os inimigos da nova linguagem musical, viciados em formas artísticas já ultrpassadas ou cristalizadas. Esses – e também os indiferentes.

Uma nota importante acrescentada por António Vitorino de Almeida foi aquela de denunciar o cultivo da indiferença, utilizando caudais de informação superficial. A Televisão portuguesa é perita nesse negócio, como diariamente se pode comprovar.

Durante imenso tempo os povos do mundo ocidental mantiveram-se indiferentes por exemplo, face aos crimes praticados no Vietname pelos Estados Unidos. O próprio povo americano foi mantido na indiferença porque a Rádio, a Televisão, a grande imprensa enchiam as suas páginas com os escândalos mundanos, com aocontecimentos festivos ou desportivos, com sensacionalismos de fancaria. A indiferença alimentava-se dos hidratos de carbono do desconhecimento.

Desencadeado, porém, o movimento de solidariedade para com o povo vietnamita, face aos genocídios praticados pelos americanos, face aos seus crimes que não era mais possível esconder a indiferença ocidental quebrou-se, a resistência à gueera injusta ganhou cada vez mais adeptos até mesmo dentro dos Estados Unidos. Foi a vez de os dirigentes ianques reconhecerem que «não se pode governar contra a vontade persistente de um povo», e deram-se por vencidos diante de um pequeno povo resolvido a lutar, com todas as suas forças, pela sua liberdade e pela sua independência.

O documentário ontem transmitido sobre a vida no Vietname foi, acima de tudo, um acto de homenagem a esse povo. Tratava-se, na realidade, de um documentário datado de 1975, quando ainda o Vietname se preparava para sarar as feridas de uma dos mais bárbaras guerras da História. Em três anos, muito mudou, muito melhorou no Vietname. Foram dados passos firmes para o futuro. Importa ter isto bem presente para se compreender os ataques ao povo vietnamiano praticados por uma China chauvinista e irresponsável, amiga do Pinochet, do Holden Roberto, do Savimbi, do Casqueiro, dos dirigentes do CDS e por aí adiante.

O milagre do Vietname chama-se amor à liberdade, chama-se trabalho, chama-se participação dirigente dos trabalhadores, chama-se em resumo, socialismo. Não se pode sair do atoleiro enquanto não recusarmos o pé que, «amavelmente», nos empurra para o atoleiro. Não há um caso único de país capitalista donde o desemprego, a exploraçaõ, a miséria, a fome, o privilégio, a a corrupção organizada, tenham sido banidos ou combatidos eficazmente. Tal não é possível, pois tudo isso participa da própria essência do capitalismo.

No Vietname, depois da guerra, o trabalho **foi o caminho para sair do longo túnel da destruição e da morte.**

Desiludam-se os vendedores da banha de cobra (ou da serpente) dos empréstimos do FMI: não há outra via para chegar a ver brilhar a tal luzinha ao fim do túnel.

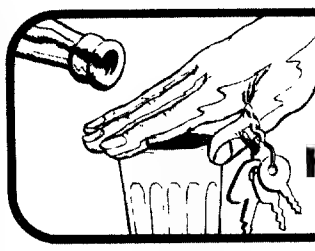
TEATRO ABERTO
telefone 77 09 69
PRAÇA DE ESPANHA (Metro PALHAVÃ)
grupo 4 APRESENTA
DE 3.ª A SÁBADO: ÀS 21.45
DOMINGOS: SÓ ÀS 16 HORAS
2.as FEIRAS: DESCANSO
4.º MÊS . EM CENA SÓ ATÉ 15 DE AGOSTO
a sátira musical
O caso da MÃOZINHA MISTERIOSA
UM CASO SÉRIO DE MORRER A RIR COM
HENRIQUETA MAIA · PAULO DE CARVALHO · RUI MENDES · MORAIS E CASTRO · PEDRO OSÓRIO · HELENA ISABEL · MANUEL CAVACO · JOSÉ BRAVO

ESPECTÁCULO NÃO ACONS. MEN. 13 ANOS
SUBSÍDIO do S.E.C.

GTH
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tr. S. Vicente 11 875626
PORTA FECHADA
(HUIS-CLOS)
de JEAN-PAUL SARTRE
(. Espectaculo altamente recomendavel) — Carlos Porto «Diario de Lisboa»
ANNA PAULA ■ JOAQUIM ROSA ■ JOSÉ MANUEL ROSADO ■ LIA GAMA
ENCENAÇAO JORGE LISTOPAD
DIARIAMENTE 21.45
DOMINGO SO 18.30
FOLGA 2.as-FEIRAS
INTERROMPE DIA 6
RECOMEÇA DIA 15

PUB
Rua Tenente Raul Cascais, N.º 1A - LISBOA
Telefones 66 15 15/669205
teatro do bairro alto

teatro da Cornucópia
Woyzeck de Georg Büchner
HOJE E AMANHÃ ÚLTIMOS DIAS ANTES DE FÉRIAS
Hoje às 17 e 21,45
Amanhã só às 17 h
Subsidio da SEC
ATENÇÃO
O espectáculo volta à cena em 24 de Agosto


CONDUZIR OU BEBER HÁ QUE ESCOLHER!
circular e viver

SÉRGIO AZEVEDO
apresenta no
TEATRO ABC
TELEFONE 36 67 45
HOJE 2 SESSÕES
Às 20.30 e 22.45
AOS DOMINGOS:
«Matinées» às 16 h.
Folga às 2.as-feiras

põe-te na bicha
A REVISTA QUE CERTOS DEMOCRATAS JÁ NÃO PRETENDEM FAZER CALAR...

VERA MÓNICA
Êxito em «A Filha de D. Afonso Henriques»
• FLORBELA
• OCTÁVIO DE MATOS
• ANABELA
• ANTÓNIO CALVÁRIO
• VERA MÓNICA
NINA FLORES
VICTOR NORTE
JOÃO LUÍS
LIA SARA
À frente de uma grande companhia

O MUNDIAL DE XADREZ (8.ª PARTIDA)

Karpov "massacrou" Korchnoi em 28 lances

Li algures que o teatro é a vida. Como o xadrez também tem algo a ver com a existência resolvi escrever uma peça em três actos. Uma vez que se trata da minha estreia neste difícil género literário, peço desculpa aos leitores pelo incómodo.

PERSONAGENS: dois bons jogadores, várias acompanhantes, três árbitros com muita paciência, jornalistas, fotógrafos, espectadores fartos de empates e um parapsicólogo tenebroso.

1.º ACTO –(o pano sobe e vê-se uma sala com um tabuleiro de xadrez. Árbitros e espectadores mantêm-se numa atitude de espectativa)

Entra Karpov e senta-se diante das peças brancas. Ajeita o cabelo e começa a preencher a folha de registo da partida.

Atingida a hora oficial do início do oitavo jogo do campeonato mundial de xadrez, o árbitro coloca o relógio das brancas em movimento. O campeão executa o seu lance preferido e o tempo começa a contar para o adversário.

Um minuto depois surge em cena Korchnoi, o pretendente a título. Estende a mão a Karpov. Este recusa o cumprimento e gera-se um clima de «frisson». As regras do «match» impõem que os adversários se cumprimentem, excepto quando um deles chega atrasado.

Entretanto o dr Vladimir Zoukhar, tenebroso parapsicólogo, senta-se entre os espectadores. Desta vez escolheu a quinta fila. Os membros da comitiva de Korchnoi e alguns assistentes observam-no de forma receosa, procurando lembrar-se qual o filme da meia-noite em que viram este sinistro personagem.

Minutos após o início do jogo, Alexander Roshal, porta-voz para a Imprensa da delegação de Karpov, lê uma declaração em que este afirma ter-se recusado a apertar a mão de Korchnoi, devido a todas as acusações e insultos proferidos contra ele e a sua delegação.

Karpov acusa o seu rival de inventar histórias escandalosas e classifica como míticas as acusações de Korchnoi, segundo as quais um parapsicólogo soviético o hipnotizaria para o fazer perder.

«Como dizem os russos, é impossível suportar qualquer coisa eternamente», acrescenta o porta-voz, que conclui: «o ataque contra o dr. Zuchar foi a gota de água que fez transbordar o copo».

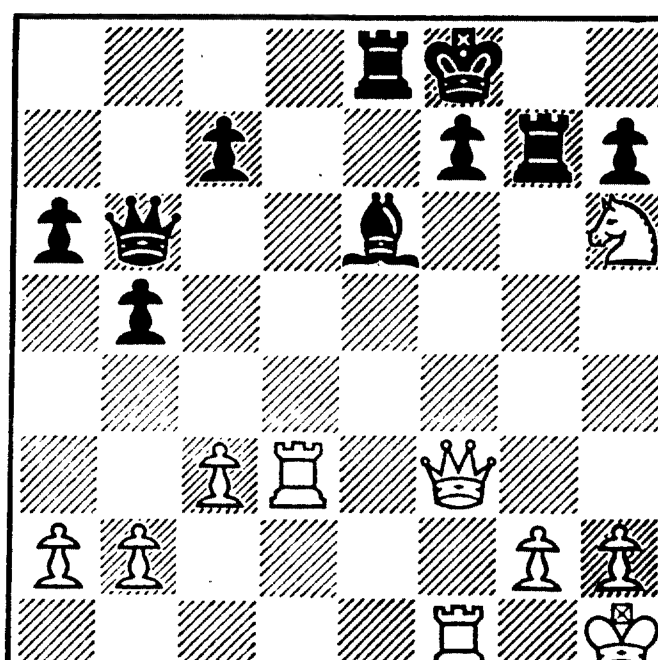
NOTA DO AUTOR: Como é óbvio, esta peça pretende ser de intervenção. O provérbio mencionado pelo porta-voz de Karpov também se aplica a nós, portugueses. Até quando os «korchnois» que temos por cá (dentro e fora do xadrez) continuarão a abusar da nossa paciência, infinita ao que parece.

Um jornalista pergunta se esta atitude de Karpov significa que o campeão do mundo deseja desculpas por parte de Korchnoi.

O porta-voz responde: «Cabe a este último chegar às suas conclusões».

Entretanto o grande mestre britânico Raymond Keene, que pertence ao campo de Victor Korchnoi, pelo seu lado diz, apenas: «Agora o Victor já não precisa de andar com sabão».

NEGRAS: KORCHNOI



BRANCAS: KARPOV

[illegible]

O sinistro parapsicólogo continua presente na sala. Apagam-se as luzes e a sua figura surge intensamente iluminada.

(O pano começa a cair, lentamente. A luz vai diminuindo e apenas se vê o vermelho brilhante dos olhos do temível dr. Zoukhar)

2.º ACTO: A PARTIDA

Brancas: Karpov
Negras: Korchnoi
Baguio – Filipinas
Abertura espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5
Karpov continua fiel a sua abertura preferida, a espanhola.

3... a6 4. Ba4 Cf6 5. O-O Cxe4
Korchnoi opta, de novo, pela variante aberta que dá origem a um simples jogo de figuras

6. d4 b5 7. Bg3 d5
Não convém 7... exd4 8. Te1 d5 9. Cg5, com ataque sobre o Rei negro, ainda no centro do Tabuleiro.

8. dxe5 Be6 9. Cbd2
Desta vez foi Karpov a variar. Nas partidas anteriores continuou com 9. c3

9... Cc5 10.c3 g6?!
Ao que parece uma inovação de Korchnoi. A ideia é atacar rapidamente o Pe5 com Bg7, seguido de Cd7. Karpov vai encontrar uma receita eficaz para combater este sistema.

11. De2! Bg7 12. Cd4!!
Brilhante sacrifício de peão que coloca as negras perante sérios problemas. Estas estão forçadas a aceitar o presente envenenado, uma vez que 12... Cxd4 13. cxd4 coloca o Pc7 atrasado em coluna aberta.

12... Cxe5 13. f4 Cc4
Não há melhor 13... Bg4 14. C2f3 ganha o Ce5; 13... Cd7 14. Bxd5 e no caso de 13... Cg4 14. f5 gxf5 15. Cxf5 ganha uma figura.

14. f5 gxf5 15. Cxf5 Tg8
A defesa mais activa. Mas Karpov encontra a melhor continuação de ataque.

16. Cxc4! dxc4 17. Bc2 Cd3
Pretendendo instalar-se no campo das brancas.

18. Bh6!!
Talvez o lance mais difícil da partida. Karpov, com esta troca de Bispos, pretende atacar pelas casas negras, de que o Bg7 é um sólido defensor. Uma jogada em que está vincado o estilo simples e eficaz do campeão mundial.

18... Bf8
Apontado pelos especialistas como o erro decisivo. Torna-se difícil encontrar defesa para as negras. Se 18... Bxh6 19. Cxh6 Tg7 (única para impedir Txf7) 20. Txf7!! (de todos os modos!) Txf7 21. Dxe6 + Te7 (se 21... De7 22. Dc6 + seguido de Dxa8 + e Cxf7) 22. Dc6 + Td7 (e não Rf8 23. Tf1 + Rg7 24. Df6 mate!) 23. Tf1!! e as negras estão perdidas. Podia seguir-se 23... Ce5 24. De6 + Te7 25. Tf8 +!! Rxf8 26. Dg8 mate

A melhor defesa parece consistir em 18... Bf6 evitando a troca desta figura

19. Tad1 Dd5
Tendo em vista o grande-roque.

20. Bxd3 Cxd3 21. Txd3 Dc6 22. Bxf8 Db6 +
Este xeque é necessário. Se 22... Rxf8 23. Cd4 Db6 24. Dxe6 ganha material

23. Rh1
Se 23. Cd4 Txf8

23... Rxf8 24. Df3! Te8 25. Ch6
Agora é claro o sentido do lance 18 das brancas. A jogada das negras é forçada uma vez que Karpov ameaça 26. Dxf7 + Bxf7 27. Txf7 mate.

25... Tg7 26. Td7!!
O golpe de misericórdia! A Torre não pode ser tomada em virtude do mate iniciado com 27. Dxf7 + e ameaça, por sua vez, o ponto f7 com o mesmo tipo de mate (27. Txf7 + Bxf7 28. Dxf7 Txf7 29. Txf7 mate).

Fernando Silva – campeão nacional

Bastos, Laranjeira, Marinho e o director sportinguista Adriano de Oliveira, na hora da partida dos «leões» para o estágio na Alemanha Federal

Nacionais de três paladares

Apesar de estarmos em plena época de Verão, há modalidades, quecontinuam em actividade, envolvias na disputa de títulos nacionais. É o que acontece com o xadrez (cuja fase preliminar do Campeonato Nacional principia amanhã), do atletismo (que tem este fim-de-semana, na pista de «tartan» do Estádio Nacional, o Campeonato Nacional por equipas (masculinas) além do triangular Portugal-Espanha-Grécia, em equipas femininas) e o hóquei em patins, que vê chegar ao fim os seus «Nacionais», da 1.ª e 2.ª Divisões.

XADREZ

Trinta e dois jogadores participam na fase preliminar do Campeonato Nacional Individual de Xadrez, que se realiza em Lisboa de 6 a 15 de Agosto.

Esta fase, a disputar pelo sistema suíço, em nove jornadas decorrerá no edifício Mobil, com sessões a partir das 19.30 nos dias de semana e das 14.30 no sábado e domingo. O dia 10 será dia de descanso.

Os oito primeiros classificados serão apuradoa para a fase final.

Participam nesta fase preliminar: o Vice-Campeão Nacional de Juniores, Pedro Palhares; o Capeão Nacional de Juvenis, Fernando Sequeira; a vice-Capeã Nacional Feminina, Ilda Miranda; os Campeões Distritais de Aveiro António Luís Campos, de Coimbra; Luís Quaresma, de Faro; Lamy Rocha, da Guarda; António Ferreira, de Leiria; Nelson Simões, de Portalegre; Nuno Amaral, de Santarém; Martinho Lopes, de Castelo Branco; António Horta, de Viana do Castelo; Firmino Silva, e de Viseu Manuel Pintor. Os vice-Cmapeões Distritais de Braga, Manuel Coelho, de Lisboa Luís Santos, do Porto Sílvio Santos, de Setúbal Manuel Almeida; e ainda representantes das Associações de Lisboa, Eduardo Casimiro, Renato Pereira, António Pereira dos Santos, Luís Ochoa, José Morgado, António Fernandes e Rodolfo Lavrador; do Porto: Fernando Castro, José Azevedo, João Andresen e José Abrunhosa; de Setúbal: Vitor Morais e Bernardo Coelho; de Faro: Hermenegildo Furtado; de Santarém: Frederico Ferreira.

Na primeira jornada defrontam-se: José Morgado – Luís Santos; António Pereira dos Santos – Manuel Coelho; Luís Quaresma – Renato Ferreira; Vitor Morais – Rodolfo Lavrador, Martinho Lopes – Frederico Ferreira, Sílvio Santos – Lamy Rocha, António Ferreira – Fernando Sequeira, Pedro Palahares – Nuno Amaral, Eduardo Casimiro – Luís Ochoa, António Fernandes – Hermenegildo Furtado, Ilda Miranda – Fernando Castro, Joao Andresen – Bernardo Coelho, António Campos – Manuel Almeida, José Azevedo – Nelson Simões António Horta – José Abrunhosa e Firmino Silva – Manuel Pintor.

HÓQUEI EM PATINS

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão termina este fim-de-semana com mais uma jornada dupla, que vai determinar o sucessor (ou o prolongamento) do Sporting como detentor do título máximo da modalidade. Leões e F. C. Porto que se defrontam esta noite em Alvalade são os «candidatos», já que quem ganhar o jogo de logo será campeão. Se se verificar um nulo, então haverá que esperar pelos resultados dos jogos de amanhã.

Eis o programa completo destes dois dias: hoje (21.45 – Sporting-F.C.Porto, Parede-Carvalhos, Valongo-Benfica e Infante de Sagres-Oeiras. Amanhã (18.45) – Sporting-Carvalhos, Parede-F.C.Porto Valongo-Oeiras e Infante de Sagres-Benfica. Todos os jogos se realizam nos recintos dos clubes indicados em primeiro lugar, excepto os do Valongo que actuará no Pavilhão das Antas.

Entretanto, termina esta noite em Sesimbra, com o jogo da 2.ª mão da final o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, defrontando-se a equipa local e a Académica de Coimbra. Os sesimbrenses, que venceram o jogo da primeira «mão» por 4-3 são favoritos.

ATLETISMO

A pista de «tartan» do Estádio Nacional vai voltar a animar-se com a disputa do Campeonato Nacional de equipas, no qual participam Sporting, Benfica e F.C.Porto. Os «leões» são francos favoritos, não devendo os «encarnados» ter dificuldades em relegar os portistas para o 3.º lugar. O grande interesse dos Campeonatos reside na possibilidade de alguns atletas conseguirem os mínimos para o Campeonato da Europa. Estão neste caso José Sena (F.C Porto) e Aniceto Simões (Sporting) nos 5000 metros e Carlos Cabral (Sporting) e Hélder de Jesus (Benfica) nos 1500 metros. O «grande ausente» será Carlos Lopes, ainda não completamente restabelecido de recente entorse.

Paralelamente com o Campeonato Nacional, disputar-se-á o triangular Portugal-Espanha-Grécia em equipas femininas, em que o comando deve pertencer às nossas vizinhas. Também aqui o principal motivo de interesse mora na hipótese de alguma das atletas portuguesas alcançar os mínimos para os «Europeus». Principais candidatas: Aurora Cunha (3000 metros) e Nora Araújo (comprimento).

Em qualquer dos dias as provas começam às 17.30, disputando-se o martelo e a vara esta tarde, às 16 horas.

Arbitros integrados na Federação de Futebol

Pronto. Aquilo de que tanto se falava, aconteceu. Por despacho do ministro da Educação e Cultura, Sottomayor Cardia, concretizou-se a integração dos órgãos da arbitragem na Federação Portuguesa de Futebol, conforme o desejo de uns e perante o repúdio de outros.

Segundo o despacho hoje divulgado, a Comissão Central passa a designar-se «Conselho Nacional de Arbitragem» e as Comissões Regionais, mudam para «Conselhos Regionais de Arbitragem», sendo os Conselhos «constituídos por um número impar de elementos, um terço dos quais designado pela Federaçao ou Associações, e dois terços eleitos de acordo com o regulamento de arbitragem que vier a ser aprovado.»

Resta saber se a «guerra» que se tem desenvolvido entre as duas facções, vai terminar ou recrudescer.

Modalidades em desfile

HIPISMO

Em Dinard, o cavaleiro português Manuel Malta da Costa classificou-se ontem em 6.º lugar sem faltas e com o tempo de 86.5 segundos no «Prémio de Port Blanc», prova especial com barragem integrada qualificativa para o «Grande Prémio» e que constituiu o último teste para os campeonatos mundiais de Aix La Chapelle.

No prémio do «Casino de Dinard» Malta da Costa classificou-se na 9.ª posição também sem faltas com o tempo de 6...

ROMÉNIA
1 OU 2 SEMANAS TUDO INCLUÍDO
PARTIDAS AOS DOMINGOS DE JUNHO A OUTUBRO
BUCARESTE E MAR NEGRO
CIRCUITO EM AUTOCARRO
MOSTEIROS DA MOLDÁVIA
IMPERADOR TRAJANO
12.400$
ROMÉNIA E BULGÁRIA
14.400$
ROMÉNIA E TURQUIA
17.750$
VIAGENS ACOMPANHADAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS P. GRUPOS
VA VIAGENS APOLO
operadores turísticos
consulte o seu agente de viagens

MAIS MODA
POR MENOS PREÇO
TOP ROSS
Tel. 365019
Rossio, 85

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

VOLTA NÃO VOLTA

Quando, ao bater das 16, o sangalhense Carlos Conceição, der amanhã a primeira pedalada, em Espinho nasceu a «Volta-78» incontestàvelmente a prova que vai dominar calendário desportivo ao longo de duas semanas em que o povo terá o espectáculo favorito servido gratuitamente à porta do cliente.

É incontestável que, esquecida a veleidade do alto profissionalismo muito episodicamente aflorado na história ainda recente do ciclismo nacional, houve que encontrar uma fórmula suave, pouco agreste para definir os homens que cá por estas bandas, pedalam competitivamente. Baptizados de «amadores» eles que (em muitos casos) vivem apenas e so dos seus; estimos como ciclistas (casos declarados de Fernando Mendes, Joaquim Andrade, Firmino Bernardino) lá vão alternando fugazes momentos de fama com incertezas estampadas nos horizontes mais imediatos.

Lado a lado com meia duzia de homens realmente com ambição e capacidade técnica para a duríssima estrada, pedalam lançam para a estrada pelotões cunhados de jovens movidos por sonhos mais ou menos ousados, cativados pelo desejo de mostrarem (a romanos e gregos de suas hercúleas) aptidões contestadas, como se fora fácil andar por montes e vales, cheirando o pó erguido pelos «cavalões» da louca máquina ancestral sem uma só vez conseguirem fugir ao anonimato da chegada em pelotão» ... por um único momento deixarem de avistar colado à roda traseira da bicicleta o focinho triste macambuzio da velha bruxa do carro-vassoura.

Dias largos dezenas que embarcam na nau poucas atingirão terra prometida, vencidos os rios e os desfiladeiros trepadas as serras ou queimados os corpos na fornalha alentejana. Desses dos que vão tombar na berma da estrada, raramente se voltará a falar antes de, doze meses decorridos, voltarem a pendurar a «pasteleira» para se apresentarem no emblema de ocasião, com uma bicicleta novinha em folha, conseguida em roubos ao estômago, em horas empoleiradas num escadote de onde o braço não consegue atingir a fortuna.

Um insólito exemplo vai na «Volta»: o dr. Joaquim de Sousa Santos, medico aporta de um adeus aos ciclismos, irmão de outro velocipedista de créditos firmados (José de Sousa Santos), ambos filhos do «velho» Sousa Santos que chegou a ser 2.º em «Volta» de outros tempos mas jamais conseguiu, como o filho Quim, trepar com assiduidade ao podium entre a admiração passiva ou embasbacada de quem não acreditaria que um clinico fosse capaz de passar tantas receitas a uma serpente alongada pela estrada. Joaquim de Sousa Santos, que se formou com o dinheiro ganho no ciclismo, é o modelo clássico do êxito na vida logrado mercê de um esforço e um sacrifício, uma tenacidade e uma aplicação dignas de quadro na sala primeira de qualquer casa. Padrão de desportivismo Sousa Santos mais qualificado fica após um dedo de conversa **pois se ele até estuda os percursos, lê de longe os letreiros nas curvas, conhece de mudanças e de carretos, nao há duvida que tem de ser melhor que a gente** (dizem os colegas das férias sobre o selim, rendidos ao proximo que se diagnostica a si próprio com inteira consciência dos produtos limpos ou dos nebulosos, das mil fugas possiveis ou dos meandros que rodeiam a negra sombra do «dóping», apenas controlado no ciclismo e vilmente atirado para as malvas, em tudo o mais, seja futebol ou atletismo, boxe ou natação).

Enfim: arranca a «Volta-78». Com favoritos, com desconhecidos, com muito dinheiro em seu redor, num jogo de interesses comerciais em que gravitam bons capitais. Oxalá nenhum traço menos belo macule aquilo que pode (deve) ser a grande festa desta terra de gente de brandos costumes.

NEVES DE SOUSA
nosso enviado especial

Fernando Mendes: o hábito de impor o passo

Flávio Henriques

Representando o Sangalhos, indiscutivelmente um dos emblemas mais prestigiosos do ciclismo destas bandas, flávio ciclismo destas bandas. Flávio Henriques tera em seu cunhado Manuel Durao o complemento perfeito do binomio que se exige para uma boa figura na «Volta»: tecnica-forca. Habituado a longas «fugas», avido de premios de passagem, Flávio e o nome superior do lote apresentado pela Mealhada na luta por um brilharete no nosso «tour»

Golpe de vista

Oitenta e quatro ciclistas de catorze equipas (embrulhados na capa de «amadores») procurarao percorrer os 2961,2 quilómetros do percurso (bastante duro) e chegarem no próximo dia 20 a Agueda, onde a «Volta» tem o seu epilogo. Somente poucos de entre eles poderao aspirar a verem incluido o seu nome na lista dos vencedores da nossa mais popular competiçao desportiva.

A edição de 1978 da «Volta a Portugal» apresenta um caracter internacional que andava arredio da competição. Seis ciclistas brasileiros em representacao da «Coloma» participarão na prova. Desconhece-se o seu valor mas e de crer que não desempenhe papel preponderante no desenrolar da competição.

O lote de concorrentes e magnifico estando presentes quase todos os melhores ciclistas portugueses. Os «emigrantes» (Joaquim Agostinho e José Martins) na qualidade de profissionais declarados nao estao (naturalmente) incluidos no lote.

Nada menos de cinco ciclistas poderao basear o triunfo na competição. Americo Silva, Joaquim Andrade, Fernando Mendes, Firmino Bernardino e Adelino Teixeira ja venceram anteriores edições da «Volta» e todos eles têm hipóteses de, uma vez mais, envergarem a «camisola amarela» no final da prova.

Além destes cinco, Venceslau Fernandes, Luís Teixeira, Marco Chagas e Joaquim Sousa Santos surgem também com hipóteses pelo seu reconhecido valor e pelas boas exibiçoes realizadas nas provas de preparação deste ano.

Venceslau Fernandes encontra-se bastante bem cotado na sequência dos seus recentes triunfos no «Grande Premio do Minho» e no «Grande Prémio da Associaçao de Ciclismo do Porto» as duas derradeiras provas por etapas realizadas antes da «Volta».

Por equipas o Futebol Clube do Porto surge como a turma mais favorita mas o Aguias/Clok, o Bombarralense e o Lousa terão, decerto, uma palavra a dizer.

Num percurso bastante selectivo podem apontar-se como etapas-chave a ligaçao Lisboa-Ferreira do Alentejo (que, com os seus 182 quilómetros é a mais longa) a 7.ª etapa Evora e Castelo Branco (igualmente pela sua extensao: 168 quilometros) e quase todas as da última metade da prova a disputar no Norte, onde assume particular relevo a que, no dia 16, ligará Guimaràes a Mondim de Basto, com três contagens em montanha de 1.ª categoria. A quatro dias do final da «Volta», esta poderá ser muito bem a etapa decisiva, muito embora as que se lhe seguem encerrem também dificuldades de monta. De qualquer forma, a etapa de fecho (um contra-relógio de 31.200 metros) ajudará a arrumar os lugares cimeiros da «Volta».

Luís Teixeira

Com o simbolo da Coelima, o pequeno mas atrevido Luís Teixeira vai colocar todas as suas potencialidades no duelo pelo titulo de melhor trepador. Numa corrida propicia a «roladores», que abdicou da vergastante subida para as Penhas, há que contar (todavia) com outros homens que podem esgueirar-se do pelotão, na tentativa de irem reunindo peculio na pequena montanha deste pais Luís Teixeira (porém) não é sujeito para se ficar nas covas

Metas

Para os entusiastas, aqui se indica onde ficam localizadas as metas das etapas:

Espinho: Av.ª 8 (junto à GNR)
Figueira da Foz: Av.ª Nuno Álvares Pereira (junto à Torre do Relógio)
Leiria: Pista do Estádio Municipal
Ferreira do Alentejo: Av.ª General Humberto Delgado (junto ao n.º 26)
Loulé: Pista «Bexiga Peres»
Beja: Rua da Boa Vista (junto aos Bombeiros Municipais)
Évora: Juntodas Piscinas Municipais
Castelo Branco: Av.ª Nuno álvares Pereira (junto ao n.º 44)
Seia: Estrada de S. Romão
Sangalhos: Estrada Nacional (junto à sede da A.C.)
Mealhada: (Circuito)
Guimaraes: pista do Estádio Municipal
Vila do Conde: (Circuito)
Mondim de Basto: Alto de [illegible]
Macedo de Cavaleiros: A[illegible]
Guarda: [illegible]
Manteigas: [illegible]
Aveiro: Av[illegible]
Agueda: [illegible]
Breda (frente a ABIMOTA)

Controlo anti-droga

A tempo e horas a Federação informa que haverá controlo anti-«doping» em várias finais de etapa. Como pode ver-se no plano seguinte:

LEIRIA, Centro de Medicina Desportiva; FERREIRA DO ALENTEJO, Bombeiros Voluntarios de Ferreira do Alentejo; LOULE, Bombeiros Municipais de Loule; EVORA, Bombeiros Voluntarios de Evora; CASTELO BRANCO, Bombeiros Voluntarios de Castelo Branco; SEIA, Hospital de Seia; MEALHADA, Sociedade [illegible] da Mealhada; VILA CONDE, Bombeiros Voluntarios de Vila do Conde; [illegible]

[illegible] controlo [illegible] qualquer etapa, o 1.º classificado nessa mesma etapa terá de comparecer ao controlo seguinte. Nas etapas de contra-relógio individual, serão controlados os quatro primeiros classificados e o «camisola amarela».

MAIS MODA
POR MENOS PREÇO
TOP ROSS
Tel. 365018
Rossio, 85

MAIS MODA
POR MENOS PREÇO
TOP ROSS
Tel. 365018
Rossio, 85

Quem vai pedalar

LOUSA: 1,Adelino Teixeira; 2,Abel Coelho; 3, António Brás; 4, Armindo Lúcio; 5, Elias Campos; 6, Firmino Bernardino.

CALOI (BRASIL): 7, Miguel Silva; 8, José de Lima; 9, João Lourenço; 10, Gilson Alvaristo; 11, Milton Giustina; 12, Joaraci Barros.

SPORTING DE BRAGA: 13, Américo Silva; 14,António Oliveira; 15, Benjamim Silva; 16, Carlos Raimundo; 17, Domingos Barbosa; 18, Manuel Marques.

COELIMA: 19, António Ferreira; 20, João Sampaio; 21, Luís Teixeira; 22, Manuel Martins; 23, Manuel Rego.

S. JORGE: 25, Américo Cardoso; 26, António Faria; 27, José Alves; 28, José Sá; 30, Jacinto Paulino (Manique de Baixo).

DRAMÁTICO DE RIO TINTO: 31, Diamantino Duarte; 32, João Ribeiro; 33, José Luís Pacheco; 34, Laurentino Silva; 35, Manuel Costa; 36, Wilson Sá.

COIMBRÕES: 37, Belmiro Silva; 38, Guilherme Rocha; 39, Joaquim Silva; 40, Manuel Carvalho; 41, Orlando Pereira; 42, Raul Carvalho.

ALMODOVAR MATIMAR CAMPINENSE: 43, Armindo Barradas; 44, João Silva; 45, Joaquim Colaço; 46, Aldomiro Nascimento; 47, João Costa; 48, José Afonso.

F. C. PORTO: 49, António Alves; 50, António Fernandes; 51, Venceslau Fernandes; 52, Manuel Gomes; 53, Fernando Mendes; 54, José Pinheirinho.

BENFICA: 55, Carlos Santos; 56, José Amaro; 57, José Madeira; 58, Manuel Gonçalves; 59, Manuel Oliveira; 60, Manuel Pereira.

ÁGUIAS/CLOK: 61, Alexandre Rua; 62, Alfredo Gouveia; 63, Anónio Marçalo; 64, Floriano Mendes; 65, Joaquim Andrade; 66, Marcos Chagas.

FACAR: 67,Herculano Oliveira; 68, José Monteiro; –(. Rui Pereira; 70, António Castro; 71, Carlos Pereira.

BOMBARRAL: 73, Francisco Miranda; 74, João Duarte; 75, João Marta; 76, Joaquim Sousa Santos; 77, José Sousa Santos; 78, Raul Terêncio.

SANGALHOS: 79, Álvaro Martins; 80, Flavio Henriques; 81, Herculano Silva; 82, Luís Gregório; 83, Manuel Durão; 84, Carlos Conceição.

O dr. Joaquim de Sousa Santos e Venceslau Fernandes: olho neles, minha gente

Próximas etapas

A «40.ª Volta a Portugal em Bicicleta» inicia-se amanhã, com um contra-relógio individual, corrido nas ruas de Espinho, num total de 3.6 km (2 voltas a um percurso de 1 8 km). A partida e chegada estao instaladas junto à GNR, passando os corredores pela Avenida 8, Rua 23 Rua 2, Rua 41 e Avenida 8.

A ordem de partida e os tempos de intervalo entre cada concorrente são determinados pela Comissão Executiva da «Volta», que fara a divulgação destes elementos ao fim da tarde de hoje.

Na segunda-feira, a «Volta» sai para a estrada, cumprindo as duas primeiras etapas: uma de manhã e outra de tarde.

De manhã, haverá ligação ESPINHO - FIGUEIRA DA FOZ, num total de 118 km. A partida será dada às 09.30, passando os corredores por Esmoriz, Ovar (9.57), Avanca (10.09), Estarreja (10.18), Salreu (10.24) Angeja (10.33), Cacia (10.37) Aveiro (Meta Volante - 10.45), Ilhavo (Meta particular - 10.54), Mira (Meta particular - 11.27), Tocha (11.48), Camarção, Ervedal (12.07), Quiaios (12.19), Serra da Boa Viagem (Prémio GALP: montanha de 3ª categoria -12.22). Serra (Meta 5 km) 12.24 e Figueira da Foz (12 37), estando a meta final instalada junto à Torre do Relogio

De tarde e cumprido o percurso FIGUEIRA DA FOZ - LEIRIA, com 68 km A partida esta marcada para as 17.30 (em Gala) depois de um quarto de hora antes ter tido lugar na Figueira da Foz uma largada simbólica. Sucessivamente os concorrentes atravessarão Bairro Alto (17.36), Outeiro (17.40), Marinha das Ondas (17.45), Louriçal (17.49), Guia (18.01), Monte Redondo (18 13), Coimbrão (18.19), Praia de Pedrógão (18.27), Praia de Vieira (18.34), Vieira (Meta volante - 18.39), Monte Real (18.49), Várzeas (18.54), Ortigosa (18.57), Ponte da Pedra (19.04, meta 5 km) Gandara dos Olivais (19.07) e Leiria (19.12). A meta está instalada no Estádio Municipal, terminando a corrida à segunda passagem pelo risco branco, sendo os tempos tomados à entrada do recinto.

Firmino Bernardino: capaz do melhor e sempre possivel de se perder

A corrida por aí fora

Dia 8 (3.ª feira): Lisboa-Ferreira do Alentejo (por Almada, Fogueteiro, Santana, Arrábida, Setubal, Marateca, Alcácer do Sal e Grândola), 180 km.

Dia 9 (4.ª-feira): 4.ª etapa: Ferreira do Alentejo-Loulé (por Ervidel, Aljustrel, Castro Verde, Ourique, Santana da Serra, Cruzt.º S. Bartolomeu de Messines, Portela de Messines, Alte, Benafim, Salir, Eira da Cevada, Porto Nobre e Clareandes), 153 km Neutralização: 83 km.

Dia 10 (5.ª feira), 5.ª etapa: Almodôvar-Beja (por Castro Verde, Vale de Açor e St.ª Clara de Louredo), 62 km.

6ª etapa – Beja- Évora (por Vidigueira, Portel e São Mansos), 78 km.

Dia 11 (6.ª feira) 7.ª etapa: Évora-Castelo Branco (por Estremoz, Fronteira, Alter do Chão, Crato, Alpalhão, Nisa e Vila Velha de Ródão), 175 km.

Dia 12 (Sábado) 8.ª etapa: Castelo Branco- Seia (por Fundão, Covilhã, Tortosendo, Unhais da Serra, Má Velha, Esteves de Baixo, Alvoco da Serra, Loriga, Valezim, e S. Romão), 125 km.

Dia 13 (Domingo) 9.ª etapa: Seia-Sangalhos (por Oliveira do Hospital e Santa Comba Dão), 100 km.

10.ª etapa: Circuito da Mealhada, 55 km

Dia 14 (2.ª feira) é para descanso.

Dia 15 (3ª feira) 11ª etapa: Espinho-Guimaraes (por Picoto Vila Nova de Gaia, Porto Agua Longa, Paços de Ferreira e Caldas de Vizela), 72 km, Neutralização, 46 km mais 46 km igual a 92 km

12.ª etapa Circuito de Vila do Conde, 55 km.

Dia 16 (4.ª feira) 13.ª etapa Guimaràes-Mondim de Basto (por Penha, Felgueiras, Lixa Amarante, Alto de Espinho, E.N 304, Alto de Velão), 114 km.

Dia 17 (5.ª feira) 14.ª etapa: Mondim de Basto – Macedo de Cavaleiros (por Cerva, Vila Pouca de Aguiar, Alfarela de Jales, Murça, Mirandela), 133 km.

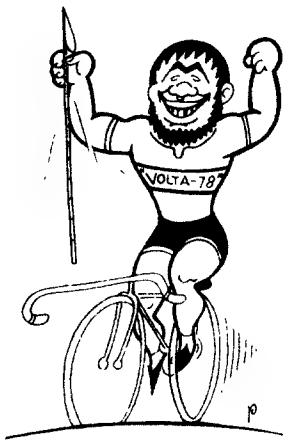
Dia 18 (6.ª feira) 15.ª etapa: Macedo de Cavaleiros – Guarda (por Vila Nova de Foz Coa, Freixo de Espada à Cinta, Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel, Freixedas, E N 221 e E N 16), 160 km

Dia 19 (sábado) 16.ª etapa Guarda – Mangualde (por Maçainhas de Baixo, Trinta, Gouveia, Vila Nova de Tasém, Nelas Tibaldinho e Vila Meã), 94 km

Dia 20 (Domingo) 17.ª etapa. Mangualde-Aveiro (por Viseu, S. Pedro do Sul, Oliveira de Frades, Albergaria-a-Velha e Angeja), 110 km.

18.ª etapa: Águeda-Águeda (c/relógio individual) 30 km.

O Traço de Pargana



A festa do Zé

O contra-relógio em Espinho

Ordem da partida para o contra-relógio amanhã em Espinho: Carlos Conceição (Sangalhos), 16.00; Raul Terêncio (Bombarralense), 16.01; António Marçalo (Águias-Clok), 16.02; Carlos Pereira (Facar), 16.03; Manuel Pereira (Benfica), 16.08; José Pinheiro (Porto), 16.09; José Afonso (Almodôvar -Camp.), 16.10; Manuel Carvalho (Coimbrões), 16.15; Manuel Costa (Dramático), 16.16; Manuel Marques (Braga), 16.17; Joaraci Barros (Caloi), 16.22; Elias Campos (Lousa), 16.23; Álvaro Martins (Sangalhos), 16.24; João Marta (Bombarralense), 16.29; Rui Pereira (Facar), 16.30; Alfredo Gouveia (Águias - Clok), 16.31; Manuel Gonçalves (Benfica), 16.36; António Fernandes (Porto), 16.32; Joaquim Colaço (Almodôvar -Camp.), 16.38; Orlando Pereira (Coimbrões), 16.43; Wilson Sá (Dramático), 16.44; Jacinto Paulinho (Manifel), 16.45; Manuel Rego (Coelima), 16.50; Domingos Barbosa (Braga), 16.51; Milton Giustina (Caloi), 16.52; António Bras (Lousa), 16.57; João Ribeiro (Dramatico), 16 58; João Duarte (Bombarralense), 16.59; José Monteiro (Facar), 17 04; Floriano Mendes (Águias - Clok), 17.05; Manuel Oliveira (Benfica), 17.06; Manuel Gomes (Porto), 17.11; João Costa (Almodôvar -Camp.), 17.12; Joaquim Silva (Coimbrões), 17.13; Laurentino Silva (Dramático) 17.18; José Alves (S. Jorge), 17.19; Manuel Martins (Coelima), 17.20; Carlos Raimundo (Braga), 17.25; Gilson Alvaristo (Caloi), 17.26; Armindo Lúcio (Lousa), 17.27; Herculano Silva (Sangalhos), 17.32; Francisco Miranda (Bombar.), 17.33; António Castro (Facar), 17.34; Alexandre Rua (Águias -Clok), 17.39; José Madeira (Benfica), 17.40; Venceslau Fernandes (Porto), 17.41; João Silva (Almodôvar - Camp.), 17.46; Armindo Barradas (Almodôvar - Camp.), 17.47; João Ribeiro (Dramático), 17 48; António Faia (S. Jorge), 17 53; João Sampaio (Coelima), 17.54; Benjamim Silva (Braga), 17.55; João Lourenço (Caloi), 18 00; Abel Coelho (Lousa), 18 01; Flávio Henriques (Sangalhos), 18.02; José S. Santos (Bombarralense), 18 07; Herculano Oliveira (Facar) 18.08; Joaquim Andrade (Águias - Clok) 18 09; José Amaro (Benfica) 18 14, António Alves (Porto) 18 15, Aldomiro Nascimento (Almodôvar - Camp.), 18 16 Guilherme Silva (Coimbrões) 18 21; Diamantino Duarte (Dramatico), 18 22 Américo Cardoso (S Jorge), 18 23 António Ferreira (Coelima) 18 28; António Oliveira (Braga), 18.29; José de Lima (Caloi) 18.30; Firmino Bernardino (Lousa), 18.35; Manuel Durao (Sangalhos), 18.36; Joaquim S Santos (Bombarralense), 18.37; Manuel Silva (Facar), 18 42; Marco Chagas (Águias - Clok), 18.43; Carlos Santos (Benfica), 18.44; Fernando Mendes (Porto), 18.49; Armindo Barradas (Almodôvar -Camp.), 18 50; Belmiro Silva (Coimbrões), 18 51; José Luís Pacheco (Dramático), 18.56, José Sá (S Jorge), 18.57; Luís Teixeira (Coelima), 18.58; Américo Silva (Braga), 19.03; Miguel Silva (Caloi), 19.04; Adelino Teixeira (Lousa), 19.05.

"Volta-1979"

Entretanto, começa já a trabalhar se para a «Volta -1979». Muito a tempo, a direcção da Federação de Ciclismo, resolveu nomear a «Comissão Executiva» para a «VOLTA-79», dando-lhe os poderes necessários para programar a prova, com vista aos trabalhos preliminares a efectuar durante a «Volta» deste ano. Eis os nomes fundamentais: IDALINO DE FREITAS (presidente), Mário Ferreira (adjunto), António Campos (secretário-geral), José Campino (secretário-adjunto) Aníbal Oliveira (tesoureiro), Jorge Lara e António Fernandes (departamento técnico) e Tomé de Barros Queiroz (departamento publicitário).

Adelino Teixeira: o pedreiro que venceu a Volta [illegible] amanhã vestido de amarelo

Metas-volantes

Metas-volantes um incentivo para os ciclistas que precisam de amealhar uns cobres e simultaneamente, a obrigatoriedade do pelotão acelerar em determinados locais. Ondem ficam localizadas? Aqui vai:

Prólogo: Casino de Espinho

1.ª etapa: Aveiro e Ilhavo

2.ª etapa: Monte Redondo, Praia de Pedrógão, Praia de Vieira e Monte Real.

3.ª etapa: Setúbal, Alcácer do Sal e Grândola

4.ª etapa: Castro Verde

5.ª etapa: Vale de Açor

6.ª etapa: Vidigueira e Portel

7.ª etapa: Estremoz e Nisa

8.ª etapa: Fundão, Tortosendo, Unhais da Serra; Alvoco da Serra e Loriga

9.ª etapa: Oliveira do Hospital e Santa Comba Dao

10.ª etapa: Cada 5 voltas

11.ª etapa: Porto e Paços de Ferreira

12.ª etapa: Cada 5 voltas

13.ª etapa: Felgueiras, Lixa e Amarante

14.ª etapa: Murça e Mirandela

15.ª etapa: Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhel

16.ª etapa: Trinta, Gouveia e Tibaldinho

17.ª etapa: Viseu e Oliveira de Frades

18.ª etapa: Melhor tempo em várias localidades.

Europeia
A EXPERIÊNCIA AO SERVIÇO DO TURISMO
LISBOA PRAIA DA ROCHA

Habite em ambiente de férias todo o ano nas torres de setúbal REBOREDA
Andares de 3 e 4 assoalhadas prontos a habitar
Excepcional vista panorâmica sobre a Cidade e Tróia
PREÇOS DESDE 800 CONTOS
ATENDIMENTO LOCAL TODOS OS DIAS NA AV. MAC DE BOMBARDA [illegible] LISBOA
RENTIFIX

Ainda o "Dicionário de Música" e as suas imprecisões

A pressa das redacções leva-nos, por vezes, a cometer grandes injustiças. Tal é o caso de um dos erros de tradução ontem inapelavelmente condenados no meu texto sobre a recente edição portuguesa do **Diccionário de Música** de Arthur Jacobs. É que, na referência à **Coroação de Popeia** falhara-me o confronto com duas das entradas do Diccionário (a da ópera propriamente dita e a de Monteverdi) onde o título vem correctamente grafado. Concluo, pois, que, neste caso, apontei como erro o que presumo ser apenas um lapso escapado à revisão (semelhante ao do **m** que ontem também se imiscuiu, a despropósito, no meu texto, por entre as letras do nome da amante de Nero).

Infelizmente, o remanso do lar fez-me descobrir mais umas tantas imprecisões e omissões, a saber: **Gurrelieder** de Schoenberg é traduzido por **Cantos de Guerra** em duas das entradas, quando Gurre é o domínio em que habita Tove, a amada de Waldemar; **Sprechgesang é canto** (acto de cantar) e não **canção** falada; **série** e não **termo (?)** é que é susceptível de inversão retrógrada (ou, talvez melhor, de retrogradação da inversão, segundo a consagrada abreviatura **RI**), **indeterminância** é coisa que não existe, creio, em português, pois já temos **indeterminação...**

E Th. W. Adorno – o autor da **Filosofia da Nova Música, do Ensaio sobre Wagner,** etc.– também não existe?

M.V.C.

Sociais-democratas exigem revisão do apoio aos estudantes

O PSD depois de manifestar a necessidade de criaçao urgente de um sistema de formação profissional a todos os niveis que permita atenuar as dificuldades do primeiro emprego e fomentar o desenvolvimento tecnológico do país, reivindica a revisao dos esquemas de apoio aos estudantes, de modo a que não seja o factor económico o impedimento do prosseguimento dos estudos.

O PSD condenou igualmente o encerramento de escolas nomeadamente as do Magistério Primário, decidido pelo MEC e as limitações postas ao funcionamento dos institutos universitários e institutos politécnicos para o início do próximo ano lectivo sob a desculpa de uma pretensa reestruturaçaõ inviável até Outubro».

Os sociais-democratas contestam igualmente o modo de funcionamento do ano propedêutico e exigem que sejam eliminadas todas as possibilidades de classificação insjustas, sempre com hipóteses de recurso por parte dos prejudicados. O PSD reivindica ainda a imediata preparação da lei de bases do sistema educativo, de forma a criar um sistema coerente e adaptado às necessidades nacionais e condições que permitam a concretização da liberdade de ensino, e, nesse contexto, a adaptação de uma política de apoio ao ensino particular.

GABINETE DA ÁREA DE SINES

Secretário de Estado da Habitação "desaloja" director transitório

Segundo notícia inserta hoje no semanário «Expresso», o ainda actual secretário de Estado da Habitação, eng.º Ferro Gomes, mandou transportar para as dependências destinadas ao director do Gabinete da Área de Sines a sua documentação pessoal o que levou o actual director, professor Novais Ferreira, face ao insólito da situação a mandar retirar do próprio gabinete a sua documentação.

O «Expresso» acrescenta que a nomeação definitiva de Novais Ferreira no cargo de director do GAS deveria ocorrer a breve prazo por forma a permitir àquele técnico assegurar na prática as funções inerentes ao cargo que vinha a exercer transitoriamente.

No respeitante ao regresso de Ferro Gomes ao cargo de director do Gabinete da Área de Sines, a notícia do «Expresso» afirma que, por parte dos meios técnicos daquele Gabinete, haverá contestação por não serem reconhecidas a Ferro Gomes condições exigíveis para o provimento no lugar.

Nesse sentido, o «Expresso» salienta que a anterior passagem do secretário de Estado da Habitação pelo GAS gerou vária polémica a partir de uma série de demissões de directores de serviço aos quais era reconhecida completa competência, polémica essa que viria a ser agravada com o caso do molhe do porto de Sines que ficou destruído pelo temporal no ano passado.

Uma das outras causas, avançada pelo «Expresso» da não aceitação, por parte dos meios técnicos do GAS, do regresso de Ferro Gomes, consiste no «completo fracasso e no desastre financeiro» revelados pela instalação do navio Infante D. Henrique numa bacia artificial de Sines no intuito de resolver o problema de alojamento para trabalhadores.

DIREITOS DE AUTOR

Portugal adere ao Acto de Paris

A Sociedade Portuguesa de Autores, pronunciando-se sobre o Decreto 73/78, de 26 de Julho passado, que aprova, para desão, o Acto de Paris pelo qual foi revista, em 24 do mesmo mês, a Convenção de Berna para a Protecção das Obras Literárias e Artísticas, afirma que a adesão de Portugal a esse diploma vem abrir novas perspectivas ao exercício do direito de autor entre nós representa «a concretização de um desejo de há muito sentido pelos autores portugueses».

Esta adesão havia sido proposta pela Sociedade Portuguesa de Autores aos ministros da Educação e dos Negócios Estrangeiros dos primeiros Governos Provisórios, como aliás foi anunciada pelo presidente da SPA, Luís Francisco Rebelo, na reunião da Organização Mundial da Propriedade Intelectual.

A Sociedade Portuguesa de Autores encontra-se esperançada a que a esta decisão se sigam outras de sentido idêntico nomeadamente a adesão do nosso País ao texto revisto em Paris, na mesma data, da Convenção Universal e à Convenção de Genebra para a protecção dos produtores de fonogramas contra a reprodução não autorizada destes.

Karpov-Korchnoi

Continuação da pag 16

26... Tb8
Para dar uma casa ao Rei mas...

27. Cxf7
A catástrofe é total!

27... Bxd7 28. Cd8 + e Korchnoi abandonou

O mate é inevitável 28... R joga 29. Df8 mate ou 28... Bf5 (o desespero) 29. Dxf5 + Re7 30. Df8 + Rd7 31. Td1 + Dd6 (ou 31... Rc8 32 Df5 + Td7 33. Dxd7 mate) 32. Dxg7 + Rxd8 33. Df8 + Rd7 34. Txd6 + Cxd6 35. Dxb8 e as negras perderam toda a «família».

3.º ACTO: (O pano sobe e vê-se novamente a mesa de jogo)

Korchnoi assina a folha de registo sem felicitar o adversário sai apressadamente pela porta do fundo.

O árbitro principal do «match», Lothar Schmid, dirige-se ao palco e anuncia que a oitava partida foi ganha por Anatoli Karpov. A assistência aplaude, de pé, a primeira vitória do campeão mundial.

O antigo campeão Miguel Thal, seguindo de Karpov, declara: «Karpov desta vez inovou a abertura. Korchnoi, como é seu hábito, quis surpreender o adversário, mas hoje este trocou-lhe as voltas. Karpov meditou demodradamente o 16. lance e a análise mostrará se esta jogada era a mais indicada. Korchnoi poderia talvez defender-se melhor no final da partida mas há que reconhecer que Karpov jogou maravilhosamente.

(Todos os presentes abandonam a sala, comentando as jogadas mais interessantes. O último a sair é o tenebroso parapsicólogo que, deixando o seu ar soturno, esboça uma hipótese de sorriso. Pano!)

Aviso do autor: No próximo sábado não deve haver representação em virtude de determinado personagem, talvez acometido de «doença» súbita, meter um regulamentar artigo 4.º

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo com excepção do Litoral Oeste a Norte do Cabo Mondego onde havia neblina ou nevoeiro e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	14.º
BRAGANÇA	19º
VILA REAL	17º
PORTO	12.º
PENHAS DOURADAS	16º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	19º
ÉVORA	18º
SINES	–
BEJA	18º
SAGRES	–
FARO	22º
P. DELGADA	20º
FUNCHAL	20º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.54	3,8 m	9.18	1,1 m
16.08	4,0 m	21.43	1,1 m
Dia 6			
4.27	3,8 m	9.52	1,1 m
16.39	4,0 m	22.16	1,1 m
Dia 7			
4.58	3,8 m	10.26	1,1 m
17.10	4,0 m	22.50	1,1 m

PREVISAO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHA

Céu geralmente limpo vento por vezes moderado de Noroeste durante a tarde junto à costa Ocidental a Sul do Cabo Carvoeiro neblina ou nevoeiro matinal no litoral a Norte do Cabo Carvoeiro.

AMANHÃ

NASCER AS 6.17
OCASO AS 20.42

DIA 11 DIA 18 DIA 25 DIA 2

rádio

1.º Programa

18.00: 1.ª parte de um programa de variedades realizado no Teatro S. Luiz e organizado pela Radiodifusão Portuguesa; **18.50**. Um solista; **19.00**. Conjuntos vocais; **19.30**: Orquestras; **20.00**: Jornal da noite, **20.30**. Música variada; **21.00**: 5.º episódio do folhetim «As Desencantadas», de Pierre Loti, tradução e adaptação de Maria Pereira da Silva; **21.20**. Contraponto; **24.00**: Último jornal **00.20**. Jazz; **00.30**: Conjuntos: **01.00** Som na madrugada

2.º Programa

18.20 Agrupamentos de câmara, **19.15**: Obras de piano; **20.00** Música sinfónica. **21.00** Ciclo Janaceck (2.º programa). **22.00** O Grupo de Música Contemporânea de Lisboa; **22.37**: Fantasia em dó maior, op 159, de Schubert; **23.00** Solos de cravo; **23.35**. Poemas sinfónicos; **00.25**: Cantata n.º 211. «Cantata do Café», de Bach. **01.00** Fecho

3.º Programa Nacional e Regionel (294m)

18.00 Vertical, **18.20** Prevençao e saúde, pelo dr José Matildes; **18.40**: O caso da semana por Silva Pires, **19.05**. Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa **20.15**: Top-vertical, **20.30** Quando o telefone toca; **22.00**. Suplemento, **22.05** Hóquei em patins, relato dos jogos Sporting-Porto e Infante de Sagres-Oeiras, **23.30**: Hora luterana; **24.00**: Suplemento (continuação) – suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer; **00.15** Dia a dia com o passado, **00.30** Enciclopédia por Francisco Mata. **01.05** Tempo internacional, **02.00** Fecho

3.º Programa Local (187,5m)

16.00: Convite, **18.00** Compasso, **18.15** Sal e pimenta (repetição); **19.03**: Implacavel, por Carvalho Ramos; **20.40** Serviço de agenda, **21.00** Fecho

4.º Programa Emissão Total em Estereofonia

16.00: Gong, **19.00**: Em óbita; **20.00** Forum realização de Jorge Lopes; **22.00** Auditório, **00.00**. Prisma, realização de Fernando Quinas, **02.00** Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

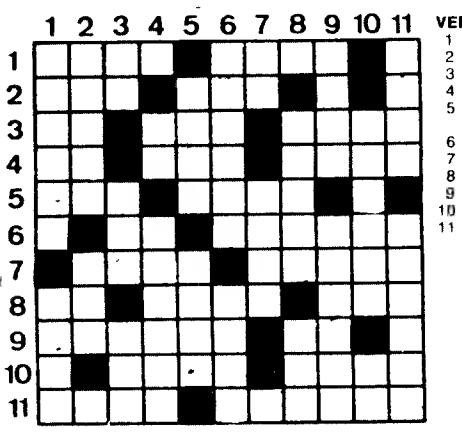
18.08 Apelos; **18.15** Ao encontro da palavra **18.20** Transmissao do terço (Porto) **19.00**. Programa da Liga dos Amigos de Radio Renascença, **20.00** Objectivo, **20.53** Apelos, **21.05** Pentagrama, **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30** Temas vivos **23.30** No mundo do trabalho, **23.55** Fecho

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 108

HORIZONTAIS:
1 Mamifero desdentado espécie de tatu. Aquele que.
2 Coragem Álcool de melaço Tempo do verbo ser
3 Prefixo que designa afastamento Transpira Prendei.
4 Abreviatura da palavra inglesa mister Rio de França Vaso pouco fundo e de boca larga
5 Prefixo que designa ar. Nome de homem
6 Seguia. Rezavam
7 Nascido Passa pelo crivo
8 Autores Especie de gato-bravo. Cabelos brancos
9 Embotara Letra grega
10 Divindade do amor, entre os gregos. Cidade de Italia
11 Espírito Velhas

VERTICAIS:
1 Cais à cama. Descerre
2 Necessitado. Recusa
3 Aparência Esteiro Possui
4 Saudável Avivara o lume
5 Caia com estrondo. Metal precioso de cor amarela
6 No tempo em que Rasoira
7 Artigo indefinido Baú
8 Levar à toa. A favor de
9 Limite Maus hábitos
10 Recuava. Miriare
11 Derrota (pop) Mastigas sem engolir

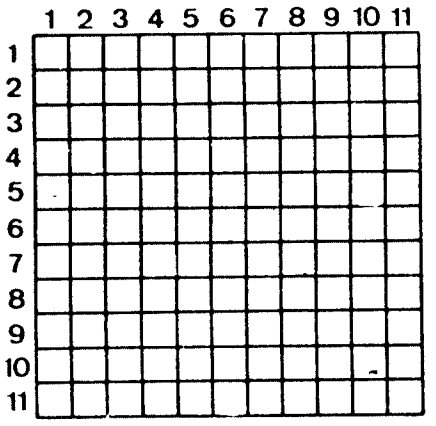


Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8168

HORIZONTAIS:
1 Peixe também conhecido por sargueta Peia
2 Ave pernalta Sua Majestade Odor.
3 Emblemas Emprega
4 Oculta Moço
5 A Escória Preposiçao latina que designa movimento Sapo do Amazonas.
6 Redimi Raer
7 Desabar Pedra de altar Brisa
8 Cabo (naut) Zombar Nota musical
9 Batráquio Terreno que tem água de rega
10 Invertido Bário (s q)
11 Sufixo que designa abundância (pl) Cortem com serra.

VERTICAIS:
1 Pôr sela em. Rio de Portugal
2 Planta ornamental também denominada lírio-do-campo Lavrais.
3 Ramalhete Cento e um em romano (inv). Letra grega.
4 Engatilharas.
5 Serra de Portugal. Espera defenimento.
6 Tristes
7 Teceria
8 Nome de flor Sabor picante
9 Esconder
10 Verso. Praia Berilo (s q).
11 Clima. Ornearam



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 107

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Arrataís	1 Amargar QUE
2 MAIS VALE	2 Rapa. Asia.
3 Apa Crá Sir	3 Ria Ca.
4 Rá TARDE Ad	4 Ás. Torn nto
5 Coser	5 Castelo
6 Apartariam	6 Terreal. Tal
7 Mel Iman	7 Adir Maça
8 Anel Mia	8 IV III Ri
9 Qs Nota Dan	9 Sas Camadas
10 Ui Acra	10 Lia Má
11 Ea Orlais	11 Perde NUNCA

Provérbio: MAIS VALE TARDE QUE NUNCA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8167

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Alvas Campo	1 Amola Amais.
2 Me. Falir EC	2 Legas Rolão
3 Og. Amial La	3 Única.
4 Laro Renas	4 Afagar. Amor.
5 As Aa Ata	5 Samoanos.
6 Rn Medo	6 Li Vás
7 Aru Ou Ala	7 Ciaram Cat
8 Monas Cargo	8 Arlete. Arou
9 Alm. Variar	9 Nadariam
10 Iacc Atoa	10 Péla Olga
11 Soares Umas	11 Ocaso Aoros

Farmácias

Lisboa
TURNO 52

Até às 22 horas

ARNALI — Rua Escolas Gerais, 88-A. Tel. 863940. **ASCENSO** — Pr.ª Norte, 11-A (B.º da Encarnação). Tels. 311216-310172. **AVENIDA — (das)** — Av. República, 27-A. Tel. 533688. **CELTA** — R. Moura Girão, 3-B. Tel. 890621. **CENTRAL DO LUMIAR** — Rua do Lumiar, 77. tel. 790480. **COMBRO — (do)** — Calçada do Combro, 78. Tel. 326059. **DIMAR** — Rua Conde Monsaraz, 17-B. Tel. 842533. **G. SILVA** — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C. Telef. 771873. **GUERRA** — Rua Andrade, 32.36. telef. 845513. **J. RIBEIRO** — Estrada da Luz, 199-A. Tel. 780969. **JOÃO XXI** — Av. João XXI, 16-A. Tel. 726462. **MARLUZ** — C.ª da Picheleira, 140-B-C. Telefones 720703-728395. **MENDES GOMES** — C.ª Ajuda, 222. Tel. 46858. **NACIONAL** — Rua Actor Vale, 53. tel. 842152. **NOGUEIRA** — Rua de Alcântara, 5-A-B. Tel. 637563. **OLIVEIRA** — Rua de Campolide, 54-A. Tel. 684424. **OLIVEIRA VIEGAS** — Rua Viriato, 29-A. Telefone 548966. **ORIENTAL DE LISBOA** — Rua Alves Torgo, 2B. Tel. 45079. **PORFÍRIO** — Rua Francisco Metrass, 59-B. Telef. 663349. **RAINHA SANTA** — Rua Afonso Lopes Vieira. 57-B. tel. 765262. **S.A. E. SILVA, F.os.** — Rua S. João da Mata, 72-74. tel. 661010. **SALTER** — Rua de Xabregas, 63-65. Tel. 381185. **SANEX** — Av. da Igreja, 31-C. tel 897505. **UNIÃO** — Est. de Benfica, 592-594. Telefone 700092. **VALADAS, SUCR.** — Rua da Madalena, 235. Tel 872060.

Permanente

AVENIDAS — Aven. da República, 27-A tel. 533688. **ASCENSO** — P.ª Norte, 11-A (B.º Encarnação) Tels. 311216-310172. **DIMAR** — Rua Conde Monsaraz, 17-B Tel 842533. **G. SILVA** — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C. Tel. 771873. **NOBEL** — Rua Actor Vale, 53. tel. 842152. **PORFÍRIO** — Rua Francisco Metrass, 59-B. Tel. 663349 **SANEX** — Av. da Igreja, 31-C. Tel. 381185. **VALADAS, SUCR.** — Rua da Madalena, 235. Tel. 872060. **CENTRAL DO LUMIAR** — Rua do Lumiar, 77. Tel 790480. **MENDES GOMES** — Calç da Ajuda, 222. tel. 638256

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076); **COVA DA PIEDADE: Cerqueira Afonso**, P. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254); **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 84 (T. 2490305); **CASTA DA CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A, Quinta de St.º António; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **Piçarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771). Até às 19 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2218580); **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 3210032); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Cascais

ALGÉS: Almeida Nifo, Av: Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE: Macau**, R. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (t. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 2 (T. 933613). Permanente; **Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, E. Militar, lote D (T. 9710231); **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 29 (T. 950117); **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 6 (T. 2518669); **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (t. 2940034); **MEM MARTINS: Química**, E Mem Martins, 285 (T. 2910012). Até às 24 horas; **AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra**, P. N, Torre, 310. Até às 20.30; **MERCÊS: Claro Russo**. Permanente; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA: Gomes da Silva**, Portela. Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

MARTINHO, SUCR. — Praça Marquês de Pombal, 122. T. 480147. **POMBEIRO** — Campo dos Mártires da Pátria, 152. Tel. 311295. **PRELADA** — Rua Central de Francos, 316. Tel. 64312. **AMEAL** — Rua do Ameal, 1227. Tel. 483550. **CAMPO ALEGRE** — Rua do Campo Alegre, 723. Tel 62245. **PENINSULAR** — Rua Chã. 100. Tel. 20707. **S. LÁZARO** — Avenida Rodrigues de Freitas, 297. Tel. 27043.

(De dia e toda a noite)

MELO TAVEIRA — Rua Alcaide Faria, 77. **S. ROQUE DA LAMEIRA** — Rua de S. Roque da Lameira, 111. Tel. 51739. **SA DA BANDEIRA** — Rua de Sá da Bandeira, 236. Tel. 22169. **FERREIRA DA SILVA** — Rua dos Mártires da Liberdade, 150. Tel. 24023.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

SILVA SOARES — Rua M. de Albuquerque, 26-28. Tel. 71454. **SITÁLIA** — Largo da Sé Velha, 13. Tel. 23234.

Cartaz de cinemas e teatros

abCINE — 803055
Centro Comercial de Alvalade
Sala A — As 14 30, 16 30, 18 30, 21.30 e 23.30
MEIA BOLA E FORÇA
Não acons. men. 13 anos
Sala B — As 15, 17, 19, 21 30 e 23 30
AUDREY ROSE
Maiores 18 anos

ALVALADE — 897480
Av de Roma
4.ª semana
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Para todos (Maiores 6 anos)
O HOMEM ARANHA
com Nicolas Hammond

APOLO — 763319
Av. Julio Dinis, 10-A
As 13.30, 15.30, 17 30, 19.30 e 21.30
FUGA DO ESPAÇO
com Peter Fonda, Blythe Danner e Yul Brynner
Hoje, às 23.30 h — Ficção Ciontífica
18 anos
O MUNDO DAS TREVAS
de R. Baker

AVIS — 547163
Av. Duque D'Avila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Pata todos (6 anos)
OLHOS NEGROS
Cor, música, bailados, cações
Edward Balser, Johannay Koczian e Ivan Desny

BERNA — 776098
Av. Marquês de Tomar
3.ª semana
Às 14.00, 16 30, 19 e 21.30 h
Desopilante!
O GENDARME EM NEW YORK
Com Louis de Funes
Um filme de Gean Girault
Para todos — Colorido

CALEIDOSCOPIO — 795093
Campo Grande
FESTIVAL WESTERN
Sessões, às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
O ÚLTIMO DESAFIO
Grupo C (14 anos)
Amanhã, às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Festival Western
VAGABUNDOS SELVAGENS
Grupo C (14 anos)

CASTIL — 580194
Rua Castilho
Às 15, 17, 19 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
O HOMEM DA MÁSCARA DOURADA (Who)
com Elliot Gould e Howard real Jack Gold

CINEBOLSO — 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
A mais bela caricia do cinema francês:
EMMANUELLE
Int. men 18 anos
Contém cenas eventualmente chocantes
Às 24 h — Grupo B — 10 anos
O REGRESSO DE ALELUIA
com Agata Flori e George Hilton

CITY CINE
Rua Tomas Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.
«O HOTEL DA PRAIA»
Não acons. men. 13 anos
23.45 — Cinencontro não acons. men.
Às 23.45 — Cinencontro
Maiores 18 anos
2 HOMENS E UM DESTINO
de George Roy Hill

CINE CAMÕES — 324194
Rua do Loreto, 15
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 h
Int. a men. 13 anos
OS MACHOS
ANTOLOGIA DO CINEMA
As 18.45 (18 anos)
Nota: Esta película foi classificada pela Comissão de Espectáculos como filme de qualidade

CONDES — 322523
Av. da Liberdade, 2
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
(10 anos)
A MANIA DAS GRANDEZAS
com Louis de Funès

DOIS MIL — 2100055
Av. Bombeiros Voluntários
Lote 113 — Algés
As 15.30, 18.00 e 21.30
AS AVENTURAS BREJEIRAS
de Tom Jones
Nao acons Men 18 anos

D. JOAO V — 971794
Praca Centro Comercial — Damaia
As 16 h — Nao ac men 6 anos
ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA
Às 21 15 h — Int a men. 13 anos
O COLOSSO DE PEQUIM
Às 23.45 h — Int. men 18 anos
SUSPIRIA

EDEN — 320768
P. dos Restauradores, 21
2.ª semana
As 14, 16 30, 19.00 e 21.30 h
cada músculo do seu corpo, uma arma mortal!
BRUCE LEE E EU
com Li Hsiu Hsie e Betty Ting Pei
Colondo — Int. men. 13 anos

ESTUDIO — 555135/5
Al Afonso Henriques, 35
As 14 45, 18 15 e 21 30
O filme começa após o inicio das sessões
Não acons. men 13 anos
Ryan O'Neal, Marisa Berenson e a obra prima de Stanley Kubrick
BARRY LYNDON
4 óscars

ESTUDIO 444 — 779095
Av Defensores de Chaves, 83
As 15.30, 18.30 e 21.30
Int men 13 anos
A passagem do estado de virgem ao estado de iniciado chama-se
A PRIMEIRA VEZ
Um filme de Claude Berri

EUROPA — 661016
R. Almeida e Sousa, 35
As 15 15 e 21 30 h
FILHOS DE NINGUEM
com Amadeo Nazari e Yvonne Sanson
Nao acons men 18 anos
Hoje e amanha as 24 h
BARBARELLA
com Jane Fonda
Nao acons men. 13 anos

IMPÉRIO — 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
As 15.15, 18.30 e 21.30 h
10 anos
Alan Bates, Peter Finch, Terence Stamp e Julie Christie
LONGE DA MULTIDÃO
70 mm. écran gigante
A história ardente duma mulher apaixonada e dos três homens que a amam

LONDRES — 801313
Av. de Roma, 7-A
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
O OVO DA SERPENTE
com Liv Ulmann e David Carradine
Int. a men. 13 anos

MONUMENTAL — 555131
P. Duque de Saldanha
ÀS 15.15, 18.15 e 21.30
AVENTURA É AVENTURA
Com Lino Ventura
Não acons. men. 13 anos

MUNDIAL — 538743
R. Martens Ferrao, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30 h
ASSASSNIOS POR COMPUTADOR
com Jean-Louis Trintignant e Mireille Darc
Int. men. 13 anos

NIMAS — 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
15, 18 e 21 15 horas
5.ª semana
NASHVILLE
de Robert Altman
Int menores de 13 anos

NOVOCINE — 840678
Av. General Rocadas, 7
As 15 15 e 21 15 h
UM HOMEM, UMA MULHER
com Stuart Whitman e John Saxon
Hoje as 00 15 h — Int. men. 18 anos
SEXO NA MADRUGADA

ODEON — 326283/4
R. Condes, 12 a 20
A 15 15, 18.15 e 21 15 h
O DESTINO MARCA A HORA
Com Tony de Matos
Grupo B — 10 anos
(Reposição de um filme português)

PATHE — 821933
R Francisco Sanches, 122
As 14 15, 16 30, 18 45 e 21 30 h
Sanjay Zeenat Aman, Deven Verma em
SOMBRAS DO PASSADO
um filme de B R Chopra
Eastmancolor
Nao acons men 13 anos

POLITFAMA — 326305
R Portas de St.º Antao
3.ª semana
As 14 15, 16.30, 19 e 21.30 h
PROSTITUIÇAO CLANDESTINA
Com Claudine Beccaire
Int men 18 anos
A Empresa considera este filme pornográfico

QUARTETO — 771378
R Flores do Lima 16
SALA 1 — As 14 30, 16 45, 19, 21 15 e 23 30 h
Nao acons men 18 anos
BONNIE E CLYDE
SALA 2 — As 14 30, 16.45, 19, 21 15 e 23 30 h
FRANKENSTEIN JUNIOR
SALA 3 — As 14 30, 16 45, 19, 21 15 e 23 30 — Nao ac men 13 anos
UMA VIDA DIFÍCIL
Real Dino Risi
SALA 4 — As 15, 17, 19, 21 e 23 h
Int men 18 anos
CONTOS IMORAIS

RESTELO — 810375
Av Torre de Belem
Encerrado para obras e beneficiações durante o corrente mes de Agosto

ROMA — 887778
Av. de Roma, Lote JRB
As 15.15, 18.15 e 21.30 h
Grupo C — 14 anos
SODOMA E GOMORRA
As cidades gémeas do pecado!
Stewart Granger, Stanley Baker e Pier Angeli

ROXY — 548560
Av. Almirante Reis, 20
As 14, 16.30, 19 e 21.30
O PASSAGEIRO DA CHUVA
com Charles Bronson e Marlène Jobert
Não acons. men. 18 anos

SÃO JORGE — 579144 - 579344
Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.30 e 21 30 h
Yvette Mimieux num filme de Michel Miller
O LABIRINTO DA VIOLÊNCIA
Int. men. 13 anos

SATÉLITE — 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
5.ª semana
Às 15, 17, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
SORRISOS DE UMA NOITE DE VERÃO
com Ulla Jacobsson e Hamete Andersson
N.B. — Projecção do filme cinco minutos após o inicio do espectaáculo

STAR — 804210
Av Guerra Junqueiro, 14-C
3.ª semana
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O HOTEL DA PRAIA
Myrian Boyer, Francis Lemaire
Não acons a men de 13 anos
Às 24 h — Não acons. men 18 anos
TÃO AMIGOS QUE NÓS ERAMOS
de E Scole

TERMINAL (CINE-ESTUDIO) — 371573
Estaçao do Rossio
às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h
Int. a men. de 13 anos
A PRIMEIRA VEZ
de Claude Berri
a passagem do estado de virgem ao de iniciado chama-se a primeira vez
Alain Cohen, Charles Denner e Zonca Lozic

TIVOLI — 570595
Av. da Liberdade, 188
As 14, 16.30, 19 e 21 30 h
A sensaçao real de uma hecatombe
TERRAMOTO
em SENSURROUND
com Charles Heston
um filme de Mark Robson
Nao acons men 13 anos

VOX — 880808
Av Fr Miguel Contreiras lote 879
As 15 15, 18 30 e 21 30
Nao ac men 13 anos
O mais excitante espectaculo musical
O filme de qualidade
LAST WALT — A ULTIMA VALSA
Um filme de Martin Scorsese
Metro Roma

circular é viver

Lisboa

TEATRO DA GRAÇA — «Porta Fechada», às 21 45 (13 anos)
ABC — «Põe-te na Bicha», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO ABERTO — «O Caso da Mãozinha Misteriosa» às 21 45 (13 anos)
LAURA ALVES — «A Minha Amiga Gorda», às 21 30 (13 anos)

OUTROS CINEMAS

Lisboa

OLIMPIA — Sessões permanentes — «Coxas quentes» (18 anos)
CAPITÓLIO — «Paraiso sexual» às 19, 21 e 23 h (18 anos)
CINEARTE — «O comboio do Inferno» às 21.30 (13 anos)
PARIS — «Perigo planetario», às 21 30 (13 anos)
PROMOTORA — «Jovens apaixonadas», às 21 15 (18 anos)
ROYAL — «Uma ponte longe de mais», às 21 30 (13 anos)
MOSCAVIDE — «Bruce Lee volta ao ataque», às 21.15 (18 anos)
LUMIAR — «Em busca da identidade» às 21.30 (18 anos)
JARDIM — «O Festival Rocky do Terror», às 21 15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «Violette e François», às 21 30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS — Chaplin — «Canção da Noruega», às 21.15 (6 anos).
OEIRAS — Oeiras Cine — «100 Quartos em Barafunda», as 21.15 (13 anos).
ESTORIL — Casino — «Barafunda no Faroeste», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL — Palácio — «O Homem do Terminal», às 21.15 (18 anos).
CASCAIS — S. José — «Sete Noivas para Sete Irmãos», às 21.30 (6 anos).

Linha de Sintra

AMADORA — Recreios Desportivos — «Ave de Rapina» às 21 15 (13 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Quando Acaba a Inocência», às 21 30 (18 anos)
MEM MARTINS — Cine Chaby — «Zorro», às 21.30 (13 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «O Homem da Maratona» às 21 30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Vícios Privados, Públicas Virtudes», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «Os Dias Impuros de um Marinheiro», às 21.15 (6 anos)

SACAVÉM — S. José — «A Força para um Homem» às 21.30 (18 anos)
ALHANDRA — Salvador Marques — «Os Terríveis», às 21 30 (13 anos)

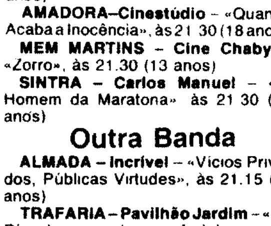
Porto

AGUIA DE OURO — «El macho» as 21 30 (13 anos)
BATALHA — «O Tigre de Mompracem» as 21 30 (13 anos)
TRINDADE — «O Mundo Maluco» às 21 30 (10 anos)
RIVOLI — «Adêus amigo» às 21.30 (13 anos)
COLISEU — «A voz do silêncio», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL — «Império dos sentidos», às 21 30 (18 anos)
CARLOS ALBERTO — «Viva Kniével», às 21 30 (18 anos)
CHARLOT — «Adeus Norma Jean», às 21 30 (13 anos)
SA DA BANDEIRA — «Paraiso Sexual» às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS — «Sol vermelho», às 21.30 (18 anos)
S. JOÃO — «Barafunda no Far-West» às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO FOCO — «Noite de terror rastejante», às 21 30 (18 anos)
ESTÚDIO — «Aleiçao» as 21 30 (13 anos)
CHAPLIN — «O corpo do meu inimigo», às 21 30 (18 anos)
OLÍMPIA — «Doces penetrações», às 21.30 (18 anos)
TERÇO — «O Corsario Negro», às 21.30 (6 anos)
SALA BEBE — «A confisao», às 21 30 (13 anos)
VALE FORMOSO — «Uma luz nas trevas» às 21 30 (13 anos)
ESTÚDIO 400 — «A corrida dos malucos» as 21 30 (13 anos)

Coimbra

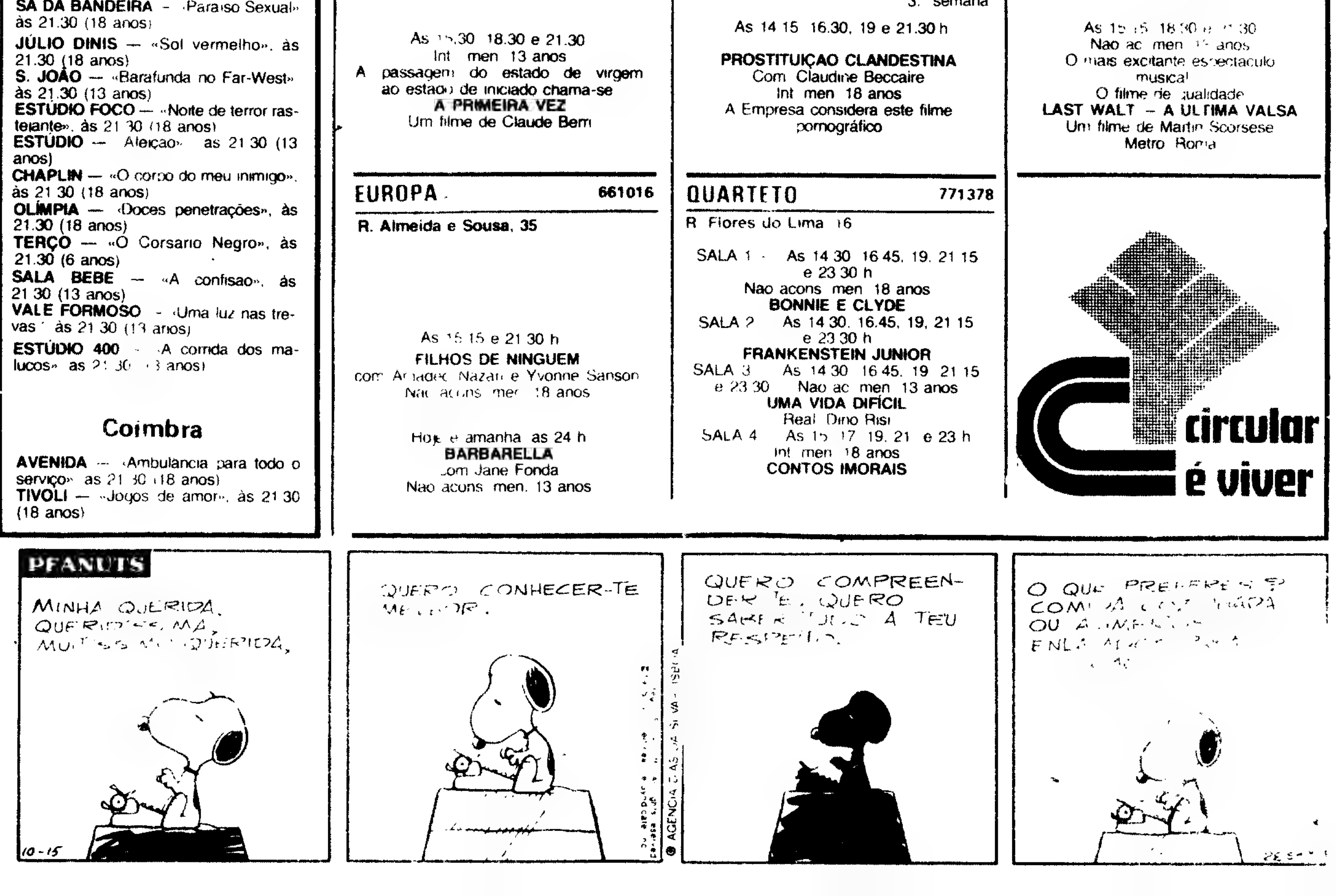
AVENIDA — «Ambulancia para todo o serviço» as 21 30 (18 anos)
TIVOLI — «Jogos de amor», às 21 30 (18 anos)

PLÁTANO EDITORA



BABAR EM FAMILIA
os livros do Babar
revelam-nos a intimidade
e o delicioso mundo
de um elefante tranquilo

PEANUTS



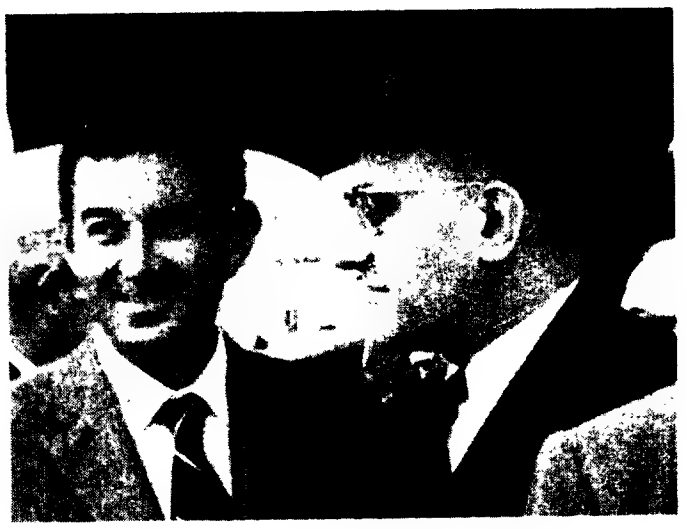
DL
RENASCENÇA GRAFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 185 1
TELEFONES 654631/273
REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TECNICOS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5, 320271-2/3 320229, 372781/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21): PORTEIRO 321154, PUBLICIDADE 368740 MENSAGENS GRAVADAS 320229
ENDEREÇO TELEGRAFICO DIBOA, TELEX 12363
LISBOA — PORTUGAL

MDM (com José Manuel de Mello) quer investir em Portugal

Na sequência da nossa notícia de ontem, o «Expresso» na sua edição de hoje informa também ter sido constituída no princípio desta semana em Lisboa a empresa MDM (Estudos Técnicos e Financeiros, Lda), com um capital de 10 mil contos subscrito em partes iguais (33,3 por cento) por José Manuel de Mello, pela Morgan Guaranty Trust Company (subsidiária da J.P. Morgan and Company, que tem o activo de 31,66 biliões de dólares) e pelo Deutsche Bank AG (o maior banco da Alemanha Federal).

Esta empresa, cuja sigla é composta pelas iniciais dos nomes dos três componentes, inclui nos seus objectivos estatutários «promover o estudo e implementação de projectos de investimento em Portugal; elaborar estudos técnicos, industriais, económicos e financeiros, bem como estudos de viabilidade, e prestar serviços ligados à localização, análise e implementação de investimentos; exercer quaisquer outras actividades envolvendo assistência e apoio técnico e financeiro, canalizando, deste modo, investimentos produtivos para Portugal».

Ainda segundo o semanário dirigido por Pinto Balsemão, a constituição desta empresa assenta na «convicção» dos três associados de que «uma série de factos aponta já no sentido de se tornar possível o apoio ao relançamento da actividade económica em Portugal». Sejam: o pedido de adesão ao Mercado Comum, a Lei das Indemnizações, a definição das áreas de actuação reservadas à iniciativa privada e a regulamentação do Código de Investimentos Estrangeiros.



José Manuel de Mello com Marcello Caetano (foto do Arquivo «DL»)

Ainda segundo informação daquele semnário, a empresa nasce de um acordo assinado em 5 de Junho deste ano entre os três sócios e apresentado há cerca de um mês a Mário Soares, que lhe deu «luz verde».

QUASE NO FIM EXPOSIÇÃO SOBRE O TARRAFAL

PORTO, 5 — A exposição sobre o campo de concentração do Tarrafal, que está patente ao público no Palácio de Cristal, graças ao apoio de um largo numero de democratas, terminará amanhã à noite com uma sessão pública em que usarão da palavra um sobrevivente do Tarrafal e um membro da Comissão de Apoio.

A exposição documenta alguns dos mais hediondos crimes do fascismo em Portugal, sendo exibido também o filme sobre a jornada nacional de homenagem às vítimas do campo da morte lenta.

(Hoje 28 páginas)

"Boeing" da TAP faz-se à pista do Funchal e regressa a Lisboa

Um avião da TAP da carreira Lisboa-Funchal não aterrou ontem à primeira no Aeroporto de Santa Catarina, vendo-se o piloto do «Boeing» obrigado a retroceder ao ponto de partida, isto é à Portela.

Naõ foi possível ao «DL» apurar esta manhã, com o sector das Relações Públicas da TAP fechado, e o de Coordenação, desconhecendo o problema e o CCL (Centro de Controlo Operacional) endossando-nos para as Relações Públicas, o que se passou concretamente.

De acordo com o nosso correspondente no Funchal, o aparelho da TAP teria, por aparente avaria no trem de aterragem, evitado aterrar em Santa Catarina dado que o aeroporto não comporta condições nem as medidas indispensáveis para uma operação de emergência desse tipo. Ante a situação que se lhe punha, o piloto terá optado por regressar a Lisboa, de modo a substituir o trem de aterragem afectado.

Esta manhã, todavia, informaram-nos da TAP que o retorno do «Boeing» a Lisboa se terá devido ao facto de o Aeroproto do Funchal ter fechado às 22 horas e, por razões que ali (na Portela) eram desconhecidas, haver descolado de Lisboa ligeiramente atrasado, com escassas possibilidades portanto, de estabelecer a ligação com Santa Catarina ainda aberto.

Perante esta reserva (e silêncio) a que as fontes indicadas da Portela se remeteram, sem esquecer que as Relações Públicas fecham ao sábado, fica-se na dúvida: quantos teriam sido os aviões que ontem, por uma ou outra razão, não aterraram à primeira em Santa Catarina?

Adesão de Portugal à CEE não será discutida no Parlamento francês

O primeiro-ministro francês recusou-se a convocar o Parlamento para discutir a questão da adesão dos países mediterrânicos ao Mercado Comum.

O gabinete de Raymonde Barre anunciou ontem que este recusara o pedido de François Mitterrand, do Partido Socialista, para discutir a adesão de novos países à CEE no âmbito do Parlamento, com fundamento no facto de só ao Presidente da República compertir a negociação e ratificação dos tratados internacionais, conforme determina a Constituiçaõ francesa.

Recorde-se que a adesão de Portugal, Espanha e Grécia ao Mercado Comum tem sido vivamente contestada por várias forças políticas francesas, tanto da maioria (caso dos gaulistas do RPR) como na oposição (caso do PCF), recebendo somente o apoio quase incondicional do Presidente da República, Valery Giscard d'Estaing, que há algumas semanas visitou oficialmente Portugal e a Espanha.

DE CARA DESCOBERTA

Três assaltantes "limparam" agência do BNU no Porto

PORTO, 5 — «Aqui ninguém se mexe. É um assalto a sério». Assim começou ontem, às 14.45, o assalto a mais uma agência bancária, neste caso do Banco Nacional Ultramarino, sita à Rua Santos Pousada, realizado por três assaltantes que aparentavam idades entre os 25 e 30 anos.

Actuaram de cara descoberta e empunhavam pistolas e uma metralhadora para manter em respeito os cinco funcionários e cerca de meia dúzia de clientes. Sacaram da caixa n.º 1 cerca de 200 contos (em dois ou três minutos) e tentaram forçar o cofre, mas, como o tempo escasseava, abandonaram a agência fugindo num «Renault 16» que os esperava à porta.

Um funcionário ligou ainda o alarme. Contudo, quando a PSP chegou ao local já os três assaltantes tinham desaparecido em direcção à Areosa.

Tudo leva a crer que os autores da proeza sejam os mesmos que da parte da manhã, na Avenida da Boavista, junto à Rotunda do Castelo do Queijo, assaltaram o gerente comercial José da Costa de Sousa Campos, roubando-lhe o carro (um «Renault 16» com a matrícula OS-18-81), onde se encontravam, além de diversos documentos, 20 contos em dinheiro.

A Polícia Judiciária informou-nos esta manhã que o automóvel ainda não foi localizado e que as investigações prosseguem.

Cinco milhões de contos de empréstimo à EDP

A Caixa Geral de Depósitos assinou ontem escritura do financiamento de cinco milhões de contos à EDP (Electricidade de Portugal) e de um milhão e meio à EPUL (Empresa Pública de Urbanização de Lisboa). O financiamento à EDP destina-se a investimentos programados dentro do plano de actividades respeitante a 1978 e o da EPUL ao apoio à habitação, no âmbito do plano de investimento no sector empresarial do Estado (FISEE).

Na cerimónia da assinatura das escrituras estiveram presentes, pela Caixa Geral de Depósitos os administradores geral e substituto, respectivamente Manuel Jacinto Nunes e Júlio Rodrigues, por parte da EDP, Fernando Gonçalves e Carlos Alberto Oliveira e Cruz, membros do Conselho de Gestão, e pelo EPUL, Aquilino Ribeiro Machado, presidente da Câmara Municipal de Lisboa e Pool da Costa, em representação daquela empresa.

Mário Marques desbloqueou impasse no Hospital de Faro

FARO, 5 — Os médicos do Hospital Distrital de Faro decidiram anular a decisão que haviam tomado, de a partir de segunda-feira, cumprirem o horário legal de 36 horas semanais, por não terem sido atendidas as suas propostas para aumento do quadro de forma a garantir apoio às populações e um ensino médico eficiente.

Esta atitude foi decidida na sequência de uma visita do dr. Mário Marques, director-geral dos Hospitais, que se reuniu com o corpo clínico. No caso de se cumprir a decisão dos médicos, o serviço de urgência do HDF seria seriamente afectado.

Depois de informado sobre a situação contestada pelos médicos, o dr. Mário Marques declarou responsabilizar-se pela inclusão imediata de dois lugares de internistas e dar seguimento à abertura de concursos de admissão, em relação a quadros a apresentar pelo corpo clínico do hospital de Faro, no prazo de 30 dias.

Enquanto não se resolverem os pormenores burocrático dos concursos, a comissão do HDF pode contratar médicos eventuais para a prestação dos serviços indispensáveis ao bom funcionamento do estabelecimento.

De acordo com as afirmações do porta-voz dos médicos, dr. Castel-Branco, o problema dos clínicos não é uma mera questaõ de salários, mas um conjunto de reivindicações essenciais ao funcionamento do HDF, que deverá encontrar solução com a efectivação das medidas anunciadas pelo director-geral.

Menos turistas na Madeira

FUNCHAL, 5 — No primeiro semestre de 1978, o movimento dfe hóspides nas unidades oteleiras da Madeira foi de 139 305, tendo-se verificado 1 011 964 dormidas, o que corresponde, relativamente a idêntico período do ano anterior, a um decréscimo de 12,7 por cento do número dos hóspedes e de 12,6 por cento nas dormidas.

Segundo dados do INE, os principais geradores de turismo para a Madeira foram o Reino Unido, a Alemanha, e a Suécia. Enquanto aumentou o número de turistas ingleses em relação ao mesmo período do ano anterior, em contrapartida houve quebras de 14,6 por cento e 42 por cento, respectivamente, nas dormidas dos alemães e suecos.

Também o turismo interno, dos portugueses continentais na Madeira, registou uma diminuição de 20,3 por cento.

FERNANDO NAMORA
AS FRIAS MADRUGADAS
6.ª EDIÇÃO

Prefácio de
ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

«UM DOS MAIS BELOS E CONFORTANTES LIVROS DE VERSOS QUE PODEM HOJE LER-SE NA NOSSA LÍNGUA»
ALVARO SALEMA

uma edição
LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — AMADORA

PENINHA
BREVEMENTE
NO
TERMINAL DO ROSSIO

MOBÍLIAS

Vemdem-se salas de jantar quartos estilos, Renascença, Império XV e XVI, D. José e D. João V, louceiros, armários de vidrinhos, cantoneiros, estantes, papeleiras, cómodas de salão, camas de bilros, roupeiros, móveis para TV consolas e credenciais lacadas e douradas, jogos em veludo e pele, sofás-cama, lustres, candeeiros, estatuetas, biblots, quadros a óleo etc., Av. da República nº 12 (Junto Praça do Saldanha)

Já saem da proveta

5 DE AGOSTO
DE 1978

sete
PONTO
sete

AGENDA SEMANAL DOS TEMPOS LIVRES

ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSÕES

sete PONTO sete
suplemento semanal

livros
luís de miranda rocha ——3

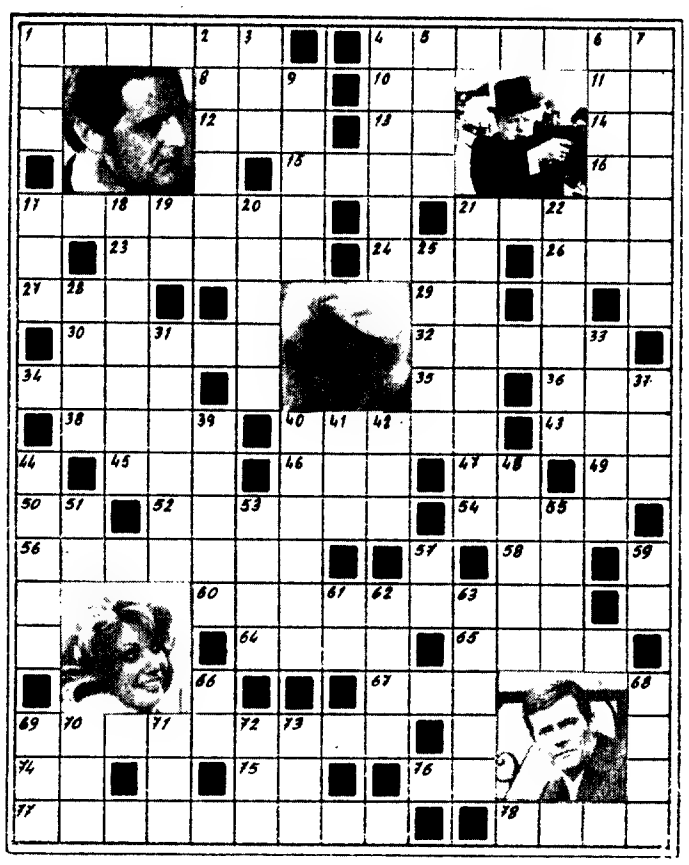
teatro
carlos porto ——5

cinema
jorge leitão ramos ——7

televisão ——8

Lisboa, 5
a 11 de Agosto de 1978

palavras cruzadas



um dos objectivos de Richard Bloomfiel, agora por terras daquele arquipélago. 4/69: Ele foi um dos protagonistas da vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. 8: Despida. 10: Caminhar. 11: Utensílio doméstico. 12: Espécie de pandeiro usado pelos povos do N. de África. 13: Tratamento dado na China a certas pessoas. 14: Preposição. 15: Espécie de corça corpulenta da América. 16: Letra grega. 21/40: Foi o «Santo» na TV, e é o novo «James Bond» no cinema. 23: Palmeiras da Amazónia. 24: Bêbado (Gir. Bras). 26: Governanta. 27: Medida de capacidade hebraica (litro). 29: Antiga unidade monetária da Alemanha. 30/77: Actriz cinematográfica americana, também conhecida por «a loira explosiva», ou o «busto». 32: Cidade da Bélgica. 34: Mulher velha e feia (Bras). 35: Antigo Testamento. 36: Rio de Portugal. 38: Unidade de força no sistema CGS. 43: Enguia. 45: Ilha da Polinésia. 46: Herdade delimitada por marcos. 47: Rádio (s.q). 49: Amónio (s.q). 50: Sufixo que designa estado. 52: Oráculos. 54: Içar. 56: Resmungara (fig). 58:Preposição. 60: Túmulo. 64: Undécimo mês do calendário árabe. 65/78: É a elegante editora da revista feminina «Play-Girl», que visitou Paris e o seu guia, ao longo de toda a cidade luz, foi o célebre cantor-empresário Johnny Halliday. 67: Sapo do Amazonas. 74: Flauta chinesa de três buracos. 75: Érbio (s.q). 76: Aqui.

VERTICAIS:

1: Primeira parte do nome do rebelde inglês que dirigiu a revolta dos camponeses em 1381 e foi morto pelo prefeito de Londres, em presença de Ricardo II. 2: Penetrar. 3: Renque. 4: Político inglês, dirigente do Partido Trabalhista em 1963 e mais tarde em 1974 e 1976 primeiro-ministro. 5: Tempo do verbo ir. 6: Realizem. 7: Requestam. 9: Equipes. 17: Sigla do partido político Movimento Democrático Brasileiro. 18: Bispo de Reims sobre o túmulo do qual se construiu uma célebre abadia. 19: Quinto filho de Jacob. 20: Limpes com água. 21: Enviara. 22: Foi presidente da República de França em 1959. 25: Arejar (Bras). 28: Acrescentando uma vogal, é euxílio. 31: Um dos antigos estabelecimentos franceses da Índia, na costa de Coromandel. 33: Dar oiro a. 37: Ruído. 39: Brisas. 40: Cidade da Grécia no ístmo de Corinto. 41: Rogo. 42: Ecoo (inv). 44: Cidade de Portugal. 48: Aduzo em defesa. 51: Letra grega. 53: Vale espanhol, nos Pirenéus. 55: Deus egípcio do Sol. 57: Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. 59: Post-scriptum. 61: Cento e um em romano. 62: Verbal. 63: Tolera. 66: Sentidas Condolências. 68: Nome de dois estreitos. 69: Preposição. 70: Ave da Amazónia. 71: Freguesia do concelho de Penafiel. 72: Tempo do verbo haver. 73: Irrite.

HORIZONTAIS:

1/17: Corrigir a «má impressão» deixada pela recente passagem pelos Açores deste vice-presidente dos Estados Unidos, parece ser

SOLUÇÃO

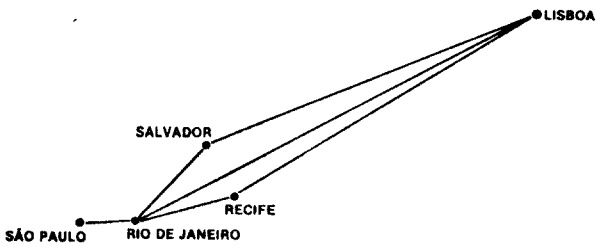
HORIZONTAIS:
1/17:- WALTER MONDALE. 4/69: WINSTON CHURCHILL. 8: Nua. 10: Ir. 11: Pá. 102: Tar. 13: Li. 14: Em. 15: Mosa. 16: Ro. 21/40: ROGER MOORE. 23: Iaras. 24: Noé. 26: Ama. 27: Cab. 29: Rm. 30/67: JAYNE MANSFIELD. 32: Eekio. 34: Cuca. 35: AT. 36: Lis. 38: DINA. 43: Ero. 45: Oaú. 46: Ero. 47: Ra. 49: Am. 50: Or. 52: Orágos. 54: Alar. 56: Rosnara. 58: Em. 60: Sarcófago. 64: Nair. 65/78: Toni Holt. 67: Aru. 74: Io. 75: Er. 76: Cá.

VERTICAIS:
1: Wat. 2: Entrar. 3: Rua. 4: WILSON. 5: Iria. 6: Operem. 7: Namoram. 9: Armes. 17: MDB. 18: Nicácio. 19: Dá. 20: Laves. 21: Remetera. 22: GAULLE. 25: Orear. 28: Ajud. 31: Yanson. 33: Oirar. 37: Som. 39: Auras. 40: Megara. 41: Oro. 42: Soo. 44: Porto. 48: Alego. 51: Ro. 53: Aran. 55: Amon. 57: If. 59: PS. 61: CI. 62: Oral. 63: Atura. 66: SC. 68: Belt. 69: Com. 70: Hia. 71: Rãs. 72: Hei. 73: Ire.

De Portugal para a América do Sul

nas rotas da TAP

A TAP é a Companhia que, à partida de Portugal, lhe oferece mais destinos na América do Sul. Para além da ligação às Comunidades Portuguesas e aos principais centros comerciais sul-americanos, a TAP está sempre a seu lado, através de 13 escritórios no Brasil e Argentina. Voando para qualquer dos 4 destinos da TAP na América do Sul, encontra sempre o acolhimento e o conforto que sabemos proporcionar aos nossos passageiros. E, acima de tudo, voar com a TAP é contribuir para o progresso económico do país.



voe no que é seu. voe com a TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

ESPIRAL TP0112

PONTO e virgula

Há quem parta para férias levando na bagagem uma mala cheia de livros para ler e volte depois sem ter lido mais que as primeiras páginas de dois ou três livros que experimentou em vão. E então aí está: mais onze meses de trabalho sem tempo para veleidades de ler, de vez em quando um salto à livraria, um que outro livro comprado e levado para casa onde vai ficar à espera do ano que vem, talvez de novo inutilmente. Porque para o ano é muito capaz de suceder a mesma coisa, ou bem pior. Lamentamos a pouca sorte dos concidadãos, que é também evidentemente a nossa. Compete-nos no entanto dizer que não foi em vão que levámos para o remanso de algumas semanas numa vila da província uns tantos livros ainda não lidos ou apenas começados a ler nos últimos tempos sobrecarregados de tarefas e cansados de viagens à volta dum quotidiano de autocarros, comboios, jornais, telefones, máquinas de escrever, S. Bento, Belém, PS, CDS, PSD, PCP, outros assim, Soares, Cunhal, Sá Carneiro, Freitas do Amaral, Chiado, Rua do Carmo, Bairro Alto, tintos naturais, brancos frescos, as análises políticas às quintas, sextas e sábados, o futebol aos domingos e às segundas, o Argentina-78, a impossível evasão, o massacre permanente. Ponto final, pausa. Recuperando o fio já perdido do discurso, não foi em vão, quer dizer, não foi de todo em vão que levámos para férias uns tantos livros para ler, para acabar de ler, para ler uma segunda vez e anotar e tirar notas se tal se nos proporcionasse. Olhando por alto, e entre os livros que nos cercam, o lido e o por ler, vê-se que os primeiros são muito menos do que os outros. Muito menos, muito pouco, quase nada, se comparado com o que por ler ficou. E os livros que nos cercam são apenas alguns poucos dentre muitos e muitos, tantos, que nos últimos tempos foram aparecendo nas livrarias. Cada vez mais um leitor tem de seguir critérios selectivos, se não quiser perder-se nesta confusão indescritível, pôr de parte algumas hipóteses, optar somente por algumas. A título de exemplo, e falando aqui do nosso caso pessoal, se tal se nos permite. Pode-se hesitar algum tempo diante duma segunda versão de «O Amante de Lady Chatterly», de D.H. Lawrence, que a Inova nos propõe num volume de 600 (seiscentas) páginas intitulado **John Thomas e Lady Jane**, contendo, além de 16 desenhos eróticos de José Rodrigues, «as vinte mil palavras que tinham sido cortadas na versão conhecida e todas as passagens de natureza sexual explícita». Pode-se hesitar, hesitar. Mas, enfim, pensando um pouco nas disponibilidades de tempo que há, acaba-se por cometer esta contrafacção que é a recusa à partida dum prazer fácil calculado, a leitura do texto. Mesmo em férias uma pessoa não deixa de fazer a contabilidade do seu tempo, e os resultados das contas não consentem o adiamento de leituras cometa-se aqui o crime simbólico de dizer que mais urgentes. Exemplos destes, alguns, dão-se a seguir, com referências ou sem elas, numa tentativa apressada de fazer alguma coisa o ponto da situação no tocante a livros que ultimamente apareceram nas livrarias, livros de poesia, desta vez. A próxima talaremos de livros de outro teor.

LIVROS DE POESIA

Alguns livros de poesia ultimamente publicados e a que aqui não fizemos qualquer referência. Faz-se hoje e aqui esta referência elementar, fica prometido que a eles voltaremos dentro de dias. A importância deles justifica-o plenamente. **Memória Doutro Rio**, de Eugénio de Andrade (Limiar). É uma sucessão de «prosas de amor» (como lemos algures ou ouvimos dizer não nos lembra de quem ou onde), vem na linha de outras sequências do autor já antes publicadas («Verão sobre o Corpo» e «Rente à Faia», em «Limiar dos Pássaros»), mas também a demora mais funda duma atenção da linguagem à sua potencialidade criativa de relações com as referências, os sinais, os pretextos, os apelos atractivos da fala, do dizer de que esta escrita assim é uma exercitação permanente (da qual resulta um abrir progressivo de vias e perspectivas sempre novas e diferentes).
Outro poeta hoje, e de há muito no topo duma carreira progressiva e ascencional, em plena posse dos seus vastos recursos, trabalhando-os insistente, persistente, obstinadamente: António Ramos Rosa – ler **A Nuvem Sobre a Página**. Raul de Carvalho publicou (ele mesmo, ó editores!) dois livros recentemente. A **Casa Abandonada** e **Duplo Olhar**. Ainda neste caso é a imagem dum poeta que aparece reforçada por uma reafirmação onde o risco tautológico não é tanto que os melhores motivos de interesse duma obra feita e ainda a fazer-se, a refazer-se.

Deve referir-se um livro novo de um poeta que é – ressalve-se o lugar comum – das mais importantes revelações dos últimos anos, nesta década de 70: António Manuel Pires Cabral. **Trirreme** (Centelha), dele, não atingirá como livro o nível conseguido por «Solo Arável», de há dois anos. Mas é um conjunto de poemas que vem garantir a continuidade viva e aberta de umacarreira iniciada em 75 com «Algures a Nordeste». Atenção a **Trirreme**, que é o primeiro livro do autor lançado no circuito comercial e deve constituir a primeira possibilidade mais prática de o leitor conhecer uma trajectória discursiva e uma laboração textual alguma coisa de original e diferente na poesia portuguesa hoje superpovoada de modelos tutelares e de seguidores mais ou menos obedientes, de heranças pesadas e de herdeiros dotados de poucas energias para táctica e estrategicamente se libertarem desse peso
Falando de novos, havera ainda livros de outros a referir. De João Miguel Fernandes Jorge, **Direito de Mentir** (Arcádia), que desfolhámos com ligeireza nas livrarias, de Joaquim Magalhães, **Pelos Caminhos da Manhã** (Arcádia), texto densamente elaborado numa singular planificação discursiva onde haveria pistas a seguir (numa oportunidade melhor, de mais disponibilidade da nossa parte – e certamente, também, se se desse o caso de termos competência para isso) decerto suscepíveis de nos esclarecer algumas perplexidades que a obra já relativamente numerosa do autor há muito nos produz. De Fiama Hasse Pais Brandão, **Área Branca** (Arcádia).
Fiama: este nome vem dos anos sessenta parecia-nos a nós que firmado por alguns trabalhos de grande audácia num confronto com a situação do discurso e do texto da poesia portuguesa a que pertencia. Fomos sabendo depois, já nos mais recentes anos de 70, como Fiama ia sendo capaz de muito mais do que isso: a verdade é que a obra de Fiama aparece-nos hoje muito mais importante a partir de **O Texto de João Zorro** (de 74, salvo erro) e **Novas Visões do Passado** (um ano ou dois depois) e **Homenagemaliteratura** (em 77). Isto é uma suspeição e não é difícil para quem, lendo agora **Área Branca** vá por curiosidade desfolhar, por exemplo, um livro como «Barcas Novas» (salvo erro, de 67).
Referiríamos ainda um livro de Eusébio Cardoso Martins, editado pela Centelha (uma das poucas editoras que actualmente mantêm vivas e publicando regularmente uma colecção de poesia). O livro é **Corpo de Delito** e não se nos impõe como resultado de um trabalho muito fecundo (vendo-se logo que por negligente desinteresse por autor) que representa no processo progressivo da obra a que pertence (este é, se bem nos lembra, o quarto livro de poemas do autor) um avanço à primeiras impressões muito assinalável. De qualquer modo, é resultado de um trabalho interessante e com algumas soluções (escriturais, textuais, discursivas) novas em relação aos trabalhos precedentes, com perspectivas potencialmente diferentes em relação à situação do texto e do discurso da actual poesia portuguesa.
Mudando agora de referências, alguns registos a fazer de reedições recentes, interessantes até pela possibilidade que oferecem ao leitor de contactos com textos que estavam esquecidos em livros há muito esgotados e fora do alçance tácil nas livrarias. Apenas dois exemplares. O primeiro é **Poesia, 1956-1978**, de Pedro Tamen (na Moraes) e reúne, além da obra poética completa dum autor que é referência de topo nos anos 50 e 60, e ainda um livro inédito, de factura mais recente.

O segundo é **O Poeta Descalço**, de João Apolinário (na Fronteira) e trata-se também da obra toda do poeta de «Morse de Sangue». Só que, tratando-se da poesia toda do poeta, é um livro novo pela organização (pela ordenação) que o autor fez das centenas de poemas que aqui vêm – subtraindo-os à inserção dos livros onde apareceram inicialmente e dispondo-os neste volume criteriosamente numa actual seriação. Além dos poemas que já tinham saído em livros aparecem ainda muitos outros inéditos. João Apolinário não é da primeira linha das nossas referências quando se trata da poesia portuguesa dos últimos 20-30 anos, mas o nome discreto e julgávamos nós que um pouco esquecido duma certa obra que fez algum relativo e oportuno impacto público aqui há umas duas décadas, mais ou menos. Hojeç estas centenas de poemas recuperados dos livros que o fácil gosto do público esgotou na altura, ou das gavetas, outros, onde o poeta os guardou, fosse pelo que fosse? São qualquer coisa que se lê com um certo enfado, na melhor das hipóteses com alguma complacente compreensão capaz de passar por cima de tantas ingenuidades processuais, de tantas inabilidades construtivas, de tantos tropeções na linguagem (na elaboração, da articulação), de tanta falta de destreza, de agilidade, etc, etc. É certo que se trata duma poesia datada, e apresentada hoje ainda assim com alguma humildade. No entanto, neste caso, um pouco mais de exigência auto-crítica deveria reclamar, por exemplo, uma antologia, de preferência à obra toda, onde os mais dos poemas não têm um mínimo de interesse que os faça recomendar a um público que certamente tem à mão coisas muito mais interessantes para ler.

Pedro Tamen

Eu[illegible] de A[illegible]

João A[illegible]

Antonio Ramos Rosa

Eduardo Lourenço

REPENSAR PORTUGAL

E a um nível invulgar de reflexos: **O Labirinto da Saudade-Psicanálise Mítica do Destino Português**, de Eduardo Lourenço (propõem Publicações Dom Quixote). São alguns textos reunidos criteriosamente de acordo com o âmbito específico (mas largo e fecundo, certamente) do tema proposto e que título e subtítulo indicam ou sugerem. Trata-se de Portugal, dos portugueses, da nossa «imagologia», como o autor diz, podendo dizer-se também «imaginologia»; quer dizer, é (o livro, a matéria dele, e o seu objecto) «um discurso crítico sobre as **imagens** que de nós mesmos temos forjado. EXSTAS IMAGENS SÃO DE DUAS ESPÉCIES – acrescenta o autor: : uma diz respeito àquilo que por analogia com o que se passa com os indivíduos, se poderia chamar «esquema corporal», imagem condicionante do agir colectivo cuja leitura só **à rebours** pode ser feita, pois são os actos decisivos dessa colectividade que permitem induzi-la; a outra, é de segundo grau e constituem-na as múltiplas perspectivas, inumeráveis retratos que consciente ou inconscientemente todos aqueles que por natureza são vocacionados para a autognose colectiva (artistas, historiadores, romancistas, poetas) vão criando e impondo na consciência comum. Por gosto, por vocação, mas também por decisão intelectual fundamentada, este nosso primeiro esboço de **imagologia portuguesa** é quase exclusivamente centrado sobre imagens de origem literária e em particular para a época moderna, naquelas que por uma razão ou por outra alcançaram uma espécie de estatuo mítico, pela voga, autoridade e irradiação que tiveram ou continuam a ter.»
Imagens da segunda espécie capta-as e organiza-as reflexivamente o autor sobre textos de Camões, Pessoa, e muitos cutros nossos familiares de nome. Imagens da primeira cria-as o autor (com base em referências que remontam aos primórdios da nossa nacionalidade) num texto cujo título passa para subtítulo do livro: «Psicanálise Mítica do Destino Português». Um texto de leitura indispensável para todos aqueles (e não serão tão poucos como isso) que se contentam cada vez menos com a pobreza que lhes oferecem os discursos políticos do nosso quotidiano sobrecarregado ainda tanto de comícios, sessões de esclarecimento, declarações de ministros, comunicados de comissões e secretariados, tomadas de posição pública partidárias.

Uma cidade que se afunda sete centímetros por ano

CIDADE DO MÉXICO (IPS) – Segundo estudos realizados pela Comissão deÁguas do Vale do México referidos pelo diário «Unomasuno», desta capital, a quantidade excessiva de água extraída do subsolo da zona está a provocar um afundamento de 7 centímetros por ano.
O eng. Luís Robledo Cabello, da mencionada comissão, explicou que são actualmente extraídos do subsolo da Cidade do México 44 mil litros de água porsegundo, quase o dobro da que absorve dos rios de superfície, fontes e precipitações pluviais.
Cerca de 80 % da água extraída do subsolo do vale provém da área metropolitana (35 mil litros por segundo). Por sua vez ésta área metropolitana consome 20 mil litros por segundo obtidos noutras fontes de abastecimento.
A perda de humidade origina a desagregação dos componentes do solo, que se torna mais frágil, rompendo-se assim o equilíbrio que deve haver entre o «peso» da cidade e o «piso» que a suporta.
Uma das consequências mais graves do afundamento da Cidade do México, que é uma das mais populosas capitais do Mundo, consiste na fracturação das turbinas do sistema de água potável e da própria rede de esgotos, acidentes que levam à contaminação a curto prazo, com o seu cortejo de doenças gastrointestinais de toda a espécie, doenças essas com carácter endémico.
De acordo com estimativas da Comissão de Águas, a zona do vale, em cujo centro se encontra localizada, a Cidade do México, 2240 metros acima do nível do mar, só poderá aguentar esta drenagem maciça ate ao ano 2000.
A partir de 1981 projecta-se transportar para a capital um caudal de 5 mil litros por segundo proveniente do rio Cutzamala a mais de 200 quilómetros de distância. O custo do projecto é de 600 milhões de pesos mexicanos (26 mil dólares) por cada mil litros. Estes 5 mil litros de reforço deverão obrigar a um investimento, só para instalação de tubagem e bombas, da ordem dos 133 milhões de dólares, números talvez ultrapassáveis se nos lembrarmos de que uma das razões do desequilíbrio hídrico na região do Vale do México é a impermeabilização do solo, originada pela desflorestação e pelo crescimento da área urbana.
Tendo em conta que esta capital devera alojar 25 milhões de habitantes no ano 2000, o que pressupõe uma extensão terrível da área de cimento (e consequente redução das zonas verdes), cabe perguntar se não diminuirá progressivamente a capacidade de absorçao de água, agravando o desequilíbrio hídrico e forçando investimentos cada vez maiores – até ao insuportável.
De momento a única quase certeza é que a Cidade do México vai ter a breve prazo um esquema qualquer de racionamento de águas. A alternativa correcta seria, sim, criar fortes pólos de desenvolvimento agro-industriais capazes de aliviaram a pressão demografica sobre a capital do país, já hoje, com arredores incluídos asfixiada por 13 milhões de habitantes.

AÍ ESTÁ LOUISE BROWN
QUE HÁ-DE TER MUITO QUE CONTAR

Bebé-proveta uma nova fronteira

LUCIEN NEUWIRTH

Menos espectacular do que a chegada do homem à Lua, mas sentida muito mais profundamente pela opinião pública, o nascimento deste primeiro fruto da Biologia humana não será esquecido.

Claro que nos meios iniciados se sabia que este dia havia de chegar, mas estar-se-á preparado para tirar dele as necessárias consequências?

Em Setembro de 1976 a Fundação Internacional Humanum e o Grupo Prospectiva tinham a iniciativa de reunir em Bruges um colóquio internacional com cerca de cinquenta participantes: religiosos, políticos, biólogos e moralistas. Gabriel Fragnière, director do colóquio, tinha desenhado então, com nitidez, os contornos da interrogação feita aos homens do nosso tempo, nos termos seguintes: **«Perante as recentes achegas da Biologia nos domínos do saber e da acção, e mais particularmente perante as possibilidades de manipulação da vida humana que os conhecimentos mais recentes podem provocar, novas questões se põem àqueles cuja principal tarefa é esclarecer e conduzir as decisões autónomas e colectivas: dirigentes da igreja, legisladores, moralistas, responsáveis pela Informação, pela educação e pela política. Porque as ciências da vida se não contentam em afastar as fronteiras do saber para novos horizontes, tornam-se, elas próprias, fonte de novas possibilidades de acção e fazem nascer novos poderes.Há um certo número de factos, revelados pela interrogação científica, que inevitavelmente conduzem a modificar o modo de colocar os problemas éticos...»**

Assim, este êxito inglês é uma advertência de que é urgente encontrar uma linguagem, uma temática das ideias novas que permitam a homens diferentes pelas suas especialidades, responsabilidades e opções empreender em comum uma reflexão sobre o essencial, isto é, o esforço humano para proteger e promover o mais possível a vida.

Esta criança não é frutode uma manipulação diabólica: ela existe devido à vontade, à investigação e, no que diz respeito aos pais, devido ao amor. Possui a sua unidade morfológica e fisiológica, como todos nós. Dependerá da nossa sociedade que a sua relação com os outros, que éo complemento necessário à sua pessoa, seja salvaguardada a todos os níveis da organização social.

Era fatal que um dia tivéssemos que acertar os relógios, isto é, repensar as nossasdefinições da natureza humana em face das descobertas da Biologia, entre outras as anunciadas no livro do professor Jean Bernard,**«L'homme changé par l'homme.»** Devemos estar prontos a fazê-lo com toda a honestidade, direi mesmo com toda a humildade. Oimportante é não tentarmos fixar uma linha rígida entre o humano e onão humano, e aceitarmos o inexplorado tal como ele é presentemente.

Nada nem ninguém, nem mesmo o futuro da humanidade, têm a ganhar com a nossa eventual recusa em aceitar uma nova visão das coisas. Há, na verdade, um sentimento de medo, ainda difuso, pelo futuro da raça humana. Esse medo é legítimo na medida em que pesa sobre nós a ameaça de uma má utilização de experiências neurofarmacológicas e a imcopreensão perante as manipulações genéticas de alto nível, portanto herméticas à maioria das pessoas.

Hoje está provado que os biólogos têm a capacidade de intervir activamente nos mecanismos da existência. Podemos então perguntar se o poder público pode manter-se indiferente aos problemas que o progresso dos seus poderes sobre a vida póe ao individuo. Se o homem se sente ameaçado, não é tanto pelo progresso da Ciência como pelo mau uso que faz desse mesmo progresso. Mas em nome de que valores é possível impor, proibir, legislar? Dito isto, há uma tensão entre os direitos das pessoas e a preocupação pelo bem comum.

Ora, a vida é cada vez mais objecto de decisão colectiva e entrou no campo de acção, a falar verdade, político. No que diz respeito à Ciência, a investigação fundamental, a liberdade dos biólogos só pode ser limitada pela sua própria consciência. Pelo contrário, no que diz respeito às aplicações práticas, deve ser feita uma reflexão pelos representantes de outras disciplinas e pelos responsáveis políticos. O presidente Giscard d'Estaing disse recentemente, durante o discurso de encerramento do Encontro «Biologia e Futuro do Homem»: **«Creio que o progresso virá antes de um entendimento dos homens de Ciência com os outros hoens, e principalmente com os políticos, do que de uma reflexão à porta fechada entre os sábios.»**

Há uma grande similitude entre a posição moral de um médico e a de um político: tanto para um como para outro a responsabilidade de não fazer nada não é menor do que a responsabilidade de agir.

Penso que o legislador deve ter a sua parte de responsabilidade para que a lei apoie os poderes da Biologia. Todo o poder que não é protegido por um direito resulta numa tirania, e a Biologia não foge a regra. Podemos perguntar que lugar podia ter a liberdade do homem num universo que podia ser simplesmente fruto do acaso ou de manipulações desordenadas.

O que é certo é que a humanidade vai a caminho de uma concepção do homem cuja verdade biológica já não se poderia desconhecer. Resta o conflito de valores e de poderes entre a Biologia e a Moral, que têm um fundo comum e uma mesma interrogação sobre o ser humano e o sentido da vida.

No meio da agitação das sociedades, do prodigioso desenvolvimento das técnicas, quando descobrimos novas geografias no espaço e a análise científica nos dá uma visão cada vez mais precisa do homem no universo, saberemos nós atravessar esta nova fronteira, isto é, encontrar uma linguagem comum que traduza as nossas solidariedades e as nossas complementaridades que, ao fim e ao cabo, condicionam a sobrevivência da espécie?

LE MONDE

Daily Mail

And here she is...

THE LOVELY LOUISE

«E aqui esta ela ... a encantadora Louise» — era o título bombástico do «Daily Mail

The Exclusive Miss Brown

Uma foto que ia foi exclusiva a sra Brown e o marido com o bebe entre ambos

TODA A MEMÓRIA DO TEATRO

A desgraça de ser autor em Portugal

CARLOS PORTO

Se, por gosto ou necessidade, o leitor quiser formar na sua biblioteca uma secção consagrada ao teatro português, minimamente representativa, vai ter que saltar alguns obstáculos, investir bastantes escudos, suar algumas estopinhas, com a agravante de chegar ao fim não diremos com as mãos vazias, mas pouco menos...

Foi essa a aventura que corremos há tempos quando nos propusemos organizar uma pequena biblioteca para oferecer a uma Universidade estrangeira. Como nos fora concedida uma verba para o efeito, não foi sem dificuldades e canseiras que conseguimos gastá-la! Venha daí connosco para ver como é!

DESDE OS PRINCÍPIOS DO TEATRO, CALCULE-SE!

Chiça! Pior do que ser poeta neste país à beira (quê) plantado, é ser autor de comédias, dramas e quejandos. Um drama! Basta pegar no verbete (sinistro) referente à palavra CENSURA do Dicionário do Teatro Português do Rebello (outra obra aziaga!) para verificar o que tem sido, ao longo dos séculos, esse drama. Antes disso, porém, recuemos um pouco e sigamos ainda Rebello numa das suas últimas obras: «A carência de textos escritos – e o carácter oral de todas as literaturas nos seus primórdios pode muito bem explicá-la, com especial adequação no que ao teatro se refere – está longe de constituir um óbice intransponível a que haja um teatro pré-vicentino» (1).

Na realidade, o desaparecimento da quase totalidade dos vestígios, e sobretudo dos possíveis textos, de um teatro anterior a Gil Vicente que indiscutivelmente existiu como refere Luís Francisco Rebello, embora seja inerente a outras literaturas, não deixa de representar um prejuízo incalculável e irreparável.

AO PRINCÍPIO ERA A PROIBIÇÃO

Voltemos, porém, ao Dicionário. Diz assim: «Obstáculos e interdições de toda a ordem têm, desde as suas mais remotas origens, travado e dificultado a evolução do T. português, que apesar de tudo se obstina em sobreviver». Depois de citar o escritor Ruben A que escreveu que o nosso teatro «pelo menos tem uma constante única, certa metódica, de estar sempre a levar na cabeça» – e que «a maior virtude dos dramaturgos portugueses é a sua capacidade de ressuscitar», Rebello escreve:

«É sintomático que as notícias mais recuadas acerca de manifestações teatrais em Portugal digam respeito, precisamente, a medidas proibitivas: a partir do séc. XIII abundam os documentos de origem eclesiástica (...) em que se contêm referências explícitas a manifestações dessa natureza, cuja interdição se decreta. E a insistência na sua proibição constitui sinal inequívoco de que tais manifestações eram frequentes, resistindo aos esforços para as suprimir. Assim, já em 1281, nuns estatutos promulgados pelo arcebispo de Braga, D. Frei Telo, se advertia o clero de que não deverá ter contactos com «jograis, mimos e histriões»; e numa constituição do arcebispo de Lisboa, D. Esteves Esteves de Azambuja, decretada entre 1402 e 1414, determinava-se que «não cantassem, nem dançassem, nem bailassem, nem trebelhassem nos mosteiros e igrejas cantos, danças, e trebelhos desonestos. A partir dos finais do séc. XV, porém, e decerto pela força coactiva de uma tradição persistente, a par da proibiçô oficial dessas práticas havidas por desonestas, autoriza-se a repr. de cenas relacionadas com o cerimonial litúrgico». (2)

GIL VICENTE, A GRANDE VÍTIMA

O primeiro índex impresso em Portugal, escreve mais adiante o director do Dicionário do Teatro Português, refere-se a sete autos de Gil Vicente dos quais cinco são totalmente proibidos («Auto dos Físicos», «Clérigo da Beira», «Jubileu de Amores», «Auto da Vida do Paço» e «Auto da Aderência do Paço», dos quais os três últimos desapareceram para sempre), e dois (D. Duardos» e «Lusitânea») são mutilados.

A «Copilaçam» de 1586 da Obra de Gil Vicente é considerada por um estudioso de Gil Vicente, Ós car de Pratt, «o monumento mais mutilado da nossa Literatura de Quinhentos». E Rebello acrescenta: «Basta referir que apenas cinco obras de Gil Vicente conseguiram escapar incólumes à sanha inquisitorial, e nas restantes, além de nove autos proíbidos, «in totum», são em número superior a mil os versos cortados. Nesse índice, aliás, condenavam-se, em termos gerais, as «comédias, farsas e autos onde entram por figuras pessoas eclesiásticas e se representa algum sacramento ou acto sacramental, ou se repreende ou pragueja das pessoas que frequentam os sacramentos e os templos, ou se faz injúria a alguma ordem ou estado aprovado pela igreja» (e com razão observa A.J. Saraiva que «dificilmente se encontraria em toda a Idade Média e no séc. XVI peça de teatro que ficasse fora do alcance desta proibição»). (3)

E a propósito da «Copilaçam» já referida, vejamos como Teófilo Braga refere o assunto: «No verso do frontispício aparece-nos a licença inquisitorial assinada por Fr. Bertolomeu Ferreira, o qual licenciou os «Lusíadas»; diz ele, descrevendo o que fez e que não o honra:

«Por mandado do ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo, Inquisidor Geral destes Reinos, vi um livro cujo título é «Copilaçam de todas as Obras de Gil Vicente». As quais emendadas conforme ao Catálogo do Reino e tirada a Carta que vai no cabo, com o mais que se tirou e censurou: Não tem nada contra a Fé e bons costumes, nem cousa escandalosa, nem temerária e malsoante. E assim se poderão imprimir da maneira que aqui vão. Quatro de Fevereiro de mil e quinhentos e oitenta e cinco».

FREI BERTOLOMEU FERREIRA

E assinado pela autoridade episcopal segue-se: «Vista a informação pode-se imprimir com as emendas do padre revedor». Vamos a ver o que fez o Pe Fr. Bertolomeu Ferreira: eliminou a Carta que Gil Vicente dirigiu em 1531 a D. João III, descrevendo as prédicas fanáticas dos frades em Santarém por ocasião do terramoto; cortou o Prólogo, dirigido por Luís Vicente a D. Sebastião; riscou completamente todos os Autos em que Gil Vicente satirizava os vícios do clericalismo, desaparecendo da edição de 1586 o «Auto das Fadas», as farsas do «Clérigo da Beira», da «Romagem de Agravados», o «Sermão» pregado nos paços de Abrantes pelo nascimento do Infante D. Luís. As amputações foram inúmeras, sobretudo os versos que roçavam pela samarra e cugula monacal; basta percorrer o «Auto da Feira» em que apaga estrofes completas. (...) Por isso mesmo no terrível «ndex Expurgatório de 1624» a obra de Gil Vicente foi atacada Auto por Auto, para assim ficar apagada sob a rasoura do obscurantismo». (4)

A FOGUEIRA PARA UM DRAMATURGO

Se dermos um salto até ao séc. XVIII voltaremos a encontrar a Inquisição, essa Santa Instituição, que não contente em destruir, eliminar, mutilar, queimar na fogueira um dos três maiores dramaturgos portugueses de todos os tempos, António José da Silva (O Judeu). Lembra Rebello que, «no mesmo ano em que o «Judeu» era queimado (1739), o padre João Pacheco publicava um «Divertimento Erudito» em que comparava os actores aos mendigos que mostravam os aleijões pelas estradas, chamando-lhes «gazuas universais para abrir as bolsas», e se insurgia contra as «comédias em que há mil desonestidades e escândalos», mediante as quais «se perde o respeito aos príncipes e o decoro às princesas» e «se mesclam inumeráveis torpezas, e assuntos impróprios para a decência cristã» (5).

A VEZ DA GUILHOTINA

Deixemos por agora a Inquisição pois nem so de censura sofreram os nossos autores

Peguemos num caso típico: o do dramaturgo setecentista Manuel de Figueiredo. Sendo um dos mais importantes dramaturgos portugueses, segundo os historiadores, conseguiu escrever algumas das peças mais ilegíveis do nosso teatro (opinião que, no entanto, talvez possa ser revista). Pois Manuel de Figueiredo que escreveu muito e de quem quase nada foi representado publicou em vida apenas três volumes do seu teatro que é composto por dezasseis. Os restantes foram editados posteriormente por seu irmão, Francisco Coelho Figueiredo, que consagrou a sua vida a tentar tornar conhecida a obra do irmão, numa atitude de dedicação que Teófilo justamente sublinhou.

Pois, lemos já não sei onde, os exemplares por vender desses volumes estavam arrecadados numa qualquer sala da Imprensa Nacional. Como essa sala fosse necessária para outro fim, os responsáveis não estiveram com mais aquelas: lá vai o Teatro de Manuel de Figueiredo para o lixo.

Não nos espantemos nem incriminemos os que tal fizeram. Já no nosso tempo, há poucos anos, coisa semelhante se passou. Um dos administradores da Sociedade Nacional de Tipografia («O Século») resolveu **limpar** as instalações da Sede e para isso nada melhor do que mandar guilhotinar algumas obras em armazém, entre elas dois volumes de ensaios de Redondo Júnior. Além de ser autor da casa, Redondo Júnior por acaso até escreveu alguns dos mais lúcidos e interessantes ensaios que se escreveram em Portugal neste século sobre a matéria. Devemos esclarecer, sublinhando, que o facto se passou antes do 25 de Abril (antes, não depois).

Falar das obras destruídas, dos manuscritos irremediavelmente perdidos (desde Gil Vicente a Manuel Laranjeira e Raúl Brandão), já nem sequer vale a pena.

E VEIO O TEMPO DOS RATOS

O que foi o teatro em Portugal durante o fascismo já os leitores sabem. As peças escritas e publicadas e não representadas; as peças escritas e não publicadas, as peças não escritas, as peças não publicadas e não representadas.

«Os Desesperados» e «O Quarto», de Costa Ferreira- «A Promessa», «O Judeu», «O Inferno», «A Traição do Padre Martinho», de Bernardo Santareno; «Os Degraus», de Augusto Sobral; «Os Chapéus de Chuva» e «Quem Move as Árvores», de Fiama Hasse Pais Brandão; «A Palavra é de Ouro», de Augusto Abelaira; «O Encoberto», de Natália Correia; «O Render dos Heróis, de José Cardoso Pires; «Nos Jardins do Alto Mar», de Jaime Salazar Sampaio; «Três Fósforos», de Teresa Rita; «A Bengala», de Prista Monteiro; «Felizmente Há Luar» e «O Barão», de Luís Sttau Monteiro; «Bocaje, Alma sem Mundo, de C.M. Martins, «Q Motim» e «A Legenda do Cidadão Miguel Lino», , de Miguel Franco»; «O Dia Seguinte» e «Condenados à Vida», de Luis Francisco Rebello. (além de outros de que de momento não temos notícia.) Esta lista parece-nos já bastante elucidativa, mesmo tendo em consideração que a proibição de algumas dessas peças foi levantada.

Acho graça quando alguns intelectuais (?) a armar em espertos ironizam com o facto de as gavetas dos nossos escritores não estarem, **afinal**, abarrotadas de originais proíbidos!...

E AGORA, JOSÉ

Deixemos a Inquisição, deixemos a Censura, deixemos os vários facismos que têm atravessado, **hélas**, a História da cultura portuguesa.

Pensemos apenas na biblioteca que o leitor pretende neste momento formar. De posse da sua lista bibliográfica onde couberam muitos nomes e muitos títulos, começa o leitor por visitar as livrarias. Primeira desilusão. Convencidos de que o teatro não se vende (o que não corresponde à verdade), os nossos livreiros de uma maneira geral estão-se nas tintas para ele, como o estão para a poesia, e outras coisas assim mais ou menos malucas. Por intermédio do seu livreiro, o leitor descobre, além disso, que grande parte, talvez a maior parte, dos livros que pretende não estão á venda. Os livros estão esgotados, irremediavelmente esgotados. Aí o leitor é enviado para alfarrabistas, e em certos casos pode ter sorte, e, finalmente, para os leilões onde vai encontrar, esportulando boas notas, algumas raridades.

Vamos dar-lhe alguns exemplos.

A «História do Teatro Português», do Teófilo Braga, que, devidamente filtrada, continua a ser uma obra monumental, aparece em leilões, quando aparece, e custa uns contos. Dizem-me que a «História» da Luciana Stegagno Picchio está também esgotada. Terá, pois de contentar-se, com a «História» do Rebello, da colecção Saber (aliás, um útil manual). Do Rebello, já não encontrará no mercado normal a antologia «Teatro Moderno», que ajudou tanta gente a gostar e até a fazer teatro, nem a «Antologia do Teatro Português», nem encontrará os volumes do Teatro que reuniam a maioria das peças daquele autor. Quanto ao citado «DICIONÁRIO», a sua publicação deverá terminar lá para o ano 2000.

De Romeu Correia, Santareno, Sttau Monteiro é quase certo que o leitor não encontrará à venda a totalidade das obras porque normalmente algumas delas estão esgotadas; como também não encontrará o «Teatro» de Raúl Brandão, aliás, fundamental, e que ainda recentemente se encontrava esgotado. Também as «Três Peças em Um Acto», de José Régio, estava esgotado.

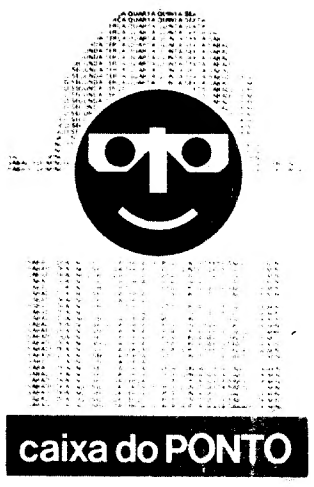
O teatro de Alfredo Cortez aparece nos alfarrabistas – e cada vez mais caro. Trata-se, no entanto, de um autor indispensável para o estudo do teatro português do séc. XX. Não será necessário dizer-lhe que o mesmo se passa em relação ao teatro dos autores do romantismo e dos autores naturalistas. Com ou sem interesse, a verdade é que esse teatro faz parte do património cultural do País. Onde estão as edições acessíveis e devidamente estudadas de D. João da Camfa,Manuel Laranjeira, Marcelino Mesquita (de quem «Dor Suprema» é um melodrama genial), Henrique Lopes de Mendonça, Carlos Selvagem? «A Carteira de Artista» e o «Dicionário» de Sousa Bastos, onde estão?

Para ler Manuel de Figueiredo, só nas bibliotecas públicas. Ao António José da Silva dos Clássicos da Sá da Costa falta um volume. Isto para não falar das edições que era necessário fazer do teatro de cordel, que continua por estudar. Acrescente a isto, leitor, um grande ETC.

QUEM NOS PODE VALER?

Se houvesse secretário de Estado da Cultura, dirigir-lhe-iamos daqui um apelo (certamente inútil, admitimos) no sentido de fazer alguma coisa pelos autores de teatro. Uma colecção barata e bem feita que incluísse clássicos e modernos, dramas e história, ensaios e comédias, uma colecção que fosse como que a antologia viva do teatro português, que nos permitisse estudar o bom e o menos bom que nele existe, que tirasse do gueto da desmemória aquelas obras onde cintila ainda a luz que um dia as justificou – eis uma ideia que não seria muito dispendiosa (não se arranjaria um emprestimozinho?) e seria um serviço prestado ao teatro português, que é como quem diz à cultura portuguesa, que é como quem diz ao País.

(1) L.F. Rebello «O Primitivo Teatro Portugês» Col. «Biblioteca Breve»
(2) L.F. Rebello «Dicionário do Teatro Português» Prelo Editora.
(3) Idem.
(4) Teófilo Braga «Gil Vicente e as Origens do Teatro Nacional» Ed. Liv. Chardron
(5) Idem.



O leitor tem dois espectáculos para ver. Na Graça ainda está a peça de Jena-Paul Sartre, «Porta Fechada», traduzida por Fiama Hasse Pais Brandão, encenada por Jorge Listopad, interpretada por Lia Gama, Anna Paulo e Joaquim Rosa. Cá por nós, achamos que vale a pena ver embora a peça não nos diga grande coisa, muito pelo contrário.

Quanto ao «Woyzeck», de Buchner, que vai para férias de 6 a 22 deste mês, o leitor já sabe o que nós pensamos: trata-se de qualquer coisa que foge às nossas medidas comuns. Não o ver seria grave, por mais reservas que se lhe ponham **depois de o ter visto.**

Com este espectáculo o Teatro da Cornucópia meteu-se talvez no impasse. Aos espectadores compete ajudá-los a sair dele, demonstrando que o teatro se faz com o público e não contra o público. Este espectáculo pode ser, e talvez seja, ao mesmo tempo genial e insuportável. Mas é indispensável saber porquê.

PLANETA NÃO HABITÁVEL

Soube-se recentemente pela Imprensa que dois ministros franceses, muito preocupados com a ecologia, vão dispor de duzentos e cinquenta milhões para lutar contra a poluição marítima. Nada será negligenciado para evitar, num futuro ainda próximo, uma catástrofe como a do «Amoco Cadiz» ou qualquer outra do mesmo género. Nada será esquecido.

Nada, a não ser um pormenor secundário, de pequena importância: a formidável poluição quotidiana das terras, dos mares e dos ares, devido ao poder industrial que não cessa de aumentar. É enorme a urgência de dotar as fábricas com estações de depuração ou eliminação dos desperdícios tóxicos que são anualmente de milhões de toneladas, e foram autênticos riachos e até rios. Um tema de terror que é necessário estudar a todo o preço. Mas sanear as águas custaria fortunas e os negócios neste momento não corem às mil maravilhas. Tudo o que não diga directamente respeito ao lucro não pode ter grande importância. Depois de nós oapocalipse.

O essencial é fazer como a avestruz, dar a entender que tudo corre bem, que o alarme ainda não tocou. O futuro é daqui a vinte anos e então se verá, talvez até já tenhamos morrido. E os nossos filhos, e os nossos netos?

Estamo-nos nas tintas. Vão fazer como nós, hão-de arranjar uma saída.

Falar disto tudo não é somente inútil, também é perigoso. Quem cita números assustadores arrisca-se a ser processado por difamação ou pior ainda. E quem se atreveria a afirmar, por exemplo que a fábrica X lança 690 toneladas de sulfato de ferro na Mancha quando essa mesma fábrica pode provar que só lança 680, o que modifica tudo e não compromete, evidentemente, o equilíbrio ecológico de uma região?

Seja, visto que a realidade faz medo e só traz aborrecimentos graves, deixemo-nos ficar no sonho. Neste plano, a ficção científica é muito prática. Podemos sair do pesadelo convencendo-nos de que nada daquilo é verdade, simples delírio, literatura.

Foi em 1977 que, no maior dos segredos, alguns seres vindos de longe desembarcaram no nosso planeta.

Eram quatro, e não tinham, está bem de ver, nenhuma intenção de conquistar a Terra. Também não vinham para fazer simples turismo. Pareciam-se, no entanto, connosco como irmãos e teriam podido passar despercebidos em qualquer multidão. Mas a multidão e as cidades era precisamente o que eles queriam evitar. Tinham desembarcado em silêncio, sem luzes suspeitas, sem OVNI que desse nas vistas. E, sobretudo, tinham aterrado em plena noite, num lugar particularmente deserto: na areia molhada de uma praia do mar do Norte, à hora da maré baixa.

Numa dessas praias que é impossível transformarem em local de férias. Costa ainda selvagem que a construção civil tivera de deixar à natureza, mas que a indústria pesada ia devorando a pouco e pouco, até por precisar cada vez mais de mar para lhe servir de caixote de lixo para os resíduos envenenados.

Os extra-terrestres não tinham por missão entrar em contacto com os terrestres. Só a Terra os interessava, o planeta, enfim, o seu solo, a sua água, o seu ar. Não tinham nenhuma mensagem para transmitir à Humanidade, e, na realidade, agiram exactamente como os primeiros homens mandados à Lua. Tiraram amostras de areia molhada e de areia seca. Apanharam conchas e pedras. Arrancaram alguns litros de água ao mar. E alguns centímetros cúbicos de ar ao céu. Encontraram nas dunas próximas das praias, algumas magras plantas e dois pedacinhos de madeira.

Uma hora depois tinham partido.

Durante a viagem de regresso ao seu planeta, analisaram com cuidado as amostras que levavam consigo. A conclusão, segundo eles indiscutível, limitava-se a três palavras: «Planeta não habitável».

(Le Monde)

BICICLETAS
"VILAR"

para homem,
senhora e criança
DISTRIBUIDORES
CICLO AREEIRO
Av. Alm. Gago Coutinho 3-B Tel. 886870-890342 LISBOA

AVISO
EMIGRANTES
AS FÁBRICAS DE MÓVEIS
DARTY E CONFIANÇA
FABRICAM E VENDEM DIRECTAMENTE OS SEUS MÓVEIS
POUPE 40%
VISITANDO OS NOSSOS SALÕES DE EXPOSIÇÃO
R. LUCIANO CORDEIRO, 18-A - TEL. 573521 - LISBOA
AV. 5 DE OUTUBRO, 55 - TEL. 546860 - LISBOA
AV. 25 DE ABRIL, 45 - TEL. 2769001 - ALMADA
R. CONCEIÇÃO SAMEIRO ANTUNES, 13
COVA DA PIEDADE - Junto ao Pão de Açúcar
R. REINALDO FERREIRA, 6-A - TEL. 802475 - LISBOA
R. ELIAS GARCIA, 25 - TEL. 976597 - V. NOVA - AMADORA
R. GUILHERME GOMES FERNANDES, LOTE 13
TEL. 917336 - ODIVELAS
AV. S. JOSÉ, LOTE 1 - TEL. 2510029 - SACAVÉM
R. PALHA BLANCO, 73 - TEL. 09322081 - V. FRANCA DE XIRA
FEIRA POPULAR DE LISBOA, PAVILHÃO DE EXPOSITORES

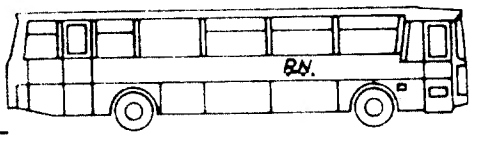
CURSOS DE VERÃO
cial
CENTRO DE LINGUAS
JULHO AGOSTO — SETEMBRO
FRANCÊS • INGLÊS • ALEMÃO
PORTUGUES PARA ESTRANGEIROS
AV. DA REPUBLICA, 14 — TEL. 53 37 33

FÉRIAS ECONÓMICAS
COM
- ATRELADOS-TENDA 1, 2 E 3 QUARTOS
- TENDAS DE 1, 2 QUARTOS E CANADIANAS
- ATRELADOS DE CARGA E CAÇA
- TUDO PARA CAMPISMO, DESPORTO, CAMPO E PRAIA

terá descontos sensacionais
se apresentar este anúncio
na
LUARCAMPO
dias úteis: 9,30 às 20 h – Sábados: 9 às 13h
RUA PROJECTADA A – LOTE 2 – LOJA A
(Ao fim da Estrada do Desvio, ao Lumiar)
(Autocarros n.º 7, 7-A e 36)

DE FERIAS COM O
Diário de Lisboa
Aceitam-se assinaturas de férias
pelo período de 10 dias,
ao preço de 7$50 por exemplar
NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

R.N. RODOVIARIA NACIONAL E.P.
C.E.P. 8
SERVIÇOS RÁPIDOS



LISBOA	PORTIMÃO
Partida	Partida
7,30	7,10
17,00	15,00
PORTALEGRE	LISBOA
Partida	Partida
8,45	14,30
VILA VIÇOSA	LISBOA
Partida	Partida
8,45	14,10

"A última valsa" de Martin Scorsese

FICHA:

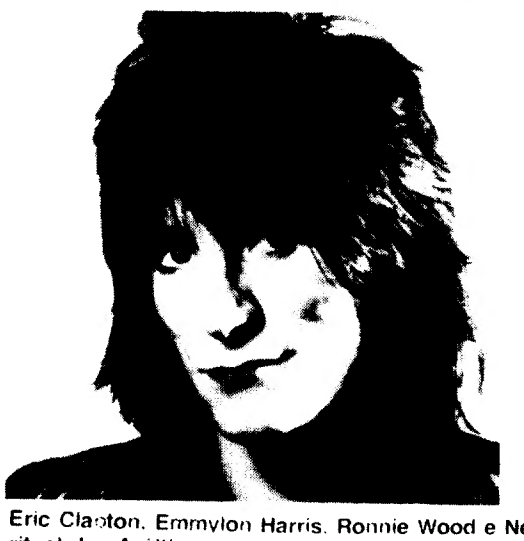
Título original: The Last Waltz.
Realização: Martin Scorsese (USA-1978).
Fotografia (Color De Luxe): Michael Chapman, Laszlo Kovacs, Vilmos Zsigmond, David Myers, Bobby Byrne, Michael Watkins,Hiro Narita.
Montagem: Yeu-Bun Yee, Jan Roblee.
Operadores de câmara: Fred Schuler, Joe Maruette, Ray J. De La Motte, Sean Doyle, **assistidos por** Hans Baumgartner, Gary Boren, Lawrence Gruenberg, W. Steven Peterson, **Anthony Rivetti, Tibor Sands, George Stevenson,** Ted Sugiura, John Toll, Ronald Vargas, **e ainda por** Charles Colegrove, Joseph Cosko Jr., Alan Disler, Edward L. Rich.
Interpretação: «The Band» (**formado por** Rick Danko, Levon Helm, Garth Hudson, Richard Manuel e Robbie Robertson),Ronnie Hawkins, Dr. John, Neil Young, The Staples, Neil Diamd, Joni Mitchell, Paul Butterfield, Muddy Waters. Eric Clapton, Emmylou Harris, Van Morrison, Bob Dylan, Ringo Starr, Ron Wood, Michael McClure, Lawrence Ferlinghetti e Martin Scorsese (**o entrevistador**).
Distribuição em Portugal: Rank/Unite Artists.
Cinemas: Vox e Oxford (Cascais).
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.

Para o espectador que viu Scorsese crescer dentro da grande produção americana e assinar filmes do custo e da estatura de **Taxi driver** ou **New Yorkl New York**, poderá parecer bizarro que, de um salto, ele apareça como realizador deste documentário sobre o derradeiro espectáculo dos «The Band», na Winterland Arena de S. Francisco, em 1976. Porém, se atentar com um pouco mais de cuidado, poderá verificar algumas coisas que tornem (em termos do percurso de um autor, classificação já com pouco sentido, em geral, mas que convém não esquecer) não só este filme enquadrável como o faça sair do lugar «menor» (adentro das categorias da indústria do espectáculo) que o documentário invariavelmente ocupa.
Para um homem que tem, como constância de realce, penetrado no espaço americano, seria quase impossível que, um destes dias, não topasse com uma das suas componentes culturais de maior peso nas últimas duas ou três décadas: o **rock.** Ou seja, este aparente desvio na carreira de Scorsese não é senão uma repescagem de algo que faltava no seu **puzzle** americano.
Mas não só nisso este filme é de Scorsese. Sabendo como a morte, ou, talvez melhor, o

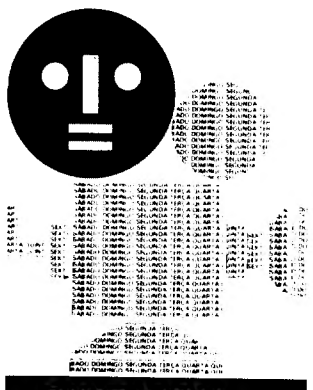
JORGE LEITÃO RAMOS

desgosto é um dos fulcros que norteiam o seu cinema, é curioso verificar que este ritual **rock** tem qualquer coisa de funéreo, qualquer coisa de amargo sob a capa do suor, do som e da luz, como se no fim (ou no fundo) de tudo se estivesse numa celebração dos amores perdidos, dos sons que se vão, das esperanças que já houve. Não me parece ser por acaso que o público esteja quase sempre fora de campo enm, por outro lado. que Scorsese faça dois cortes no «documento» para ir rodar outras tantas sequências (canções) em espaços de estúdio. Nelas, os músicos e cantores recortam-se num vazio, num «coisa nenhuma» despovoado (só alguns técnicos, indiferentes), como se já não houvesse ninguém para ouvir estes sons, para entender esta linguagem. Por isso, também, a pontuação dos fkndidos em negro.
Com efeito, os expoentes do **rock** que desfilam no palco (e não só da música, mas da cultura **rock**, como Ferlinghetti) são, na totalidade, os gpgantes de uma geração que está a passar, a geração que hoje tem trinta anos
que fez o Vietname e o Watergate, que assistiu aos traumas dos Kennedy e de Luther King, que se envolveu com Thimoty Leary e descobriu, no fim, Charles Mason. Deste concerto está ausente, quer-me parecer, a alegria, mas há muita raiva, muita irónica desilusão: veja-se , só como exemplo, a forma como Bob Dylan ataca «Forever Young» ou o «peso», a sobrecarga vocal e instrumental (como um grito imenso e rouco), com que todos interpretam (ainda com Dylan) «I shall be released».
A realização de Scorsese (servido por uma desmesurada equipe de fotografia: sete directores, quatro **cameramen** e catorze assitentes) é. a este título, sóbria, eficaz e significativa. Filmando sem um único efeito de facilidade (como os famigerados e tão comuns **zooms**) , montando com uma justeza inigualável (sabendo fazer durar o plano quando é necessário, como com Muddy Waters, ou cortando-o cerce), conseguindo uma beleza de imagem que atinge, com alguma frequência, uma contemplação transfigurada, Scorsese fez, porventura, a mais espantosa cinematização de um concerto **rock** jamais realizada.
É um 0rincípio ou é o fim? Sem trocadilhos fáceis (de resto, é curioso verificar como as declarações dos membros de «The Band», apesar de vulgares e insignificantes, vão ponteando este filme num contínuo oscilar de fluxo e refluxo, de mito e desmitificação) talvez se possa, em epígrafe, pôr neste filme uma legenda: o fim de uma época em que éramos, para sempre, jovens quando os tempos estavam a mudar. Ou, como diria Ferlinghetti,

(...) Ela pôs o disco a girar
Ela pôs a outra face do disco
Ela pôs-me a girar
para tocar a minha outra face
Os seus seios florescem
os figos rebentam
o sol é branco
Não voltarei (...).



Eric Clapton. Emmylon Harris. Ronnie Wood e Neil Diamond. alguns dos nomes que oficiam no ritual de «A última valsa»



CINE/PONTO

NASHVILLE
de Robert Altman
(USA – 1974/75)

O espectáculo da América, uma classe média, com Trausmas na memória, que se enovela na música, no amcr, na política e na morte, tal o universo de **Nashville,** um filme que está a ser, em Lisboa, um reconhecido êxito de público.

Cinema Nimas (15, 18, 21.15h)
(Interdito a men. 13 anos)

BONNIE E CLYDE
de Arthur Penn
(USA - 1967)

Um filme mítico que pode hoje ser visto com a atenção lúcida que a distância ajuda a provocar. Importante, não tanto pelo que é mas pelo que marca, **Bonnie e Clyde** tem espaço para o muito bom (Faye Dunaway, Gene Hackman, o trabalho fotográfico...) e para o sofrível (Warren Beatty).

Cinema Quarteto - sala 1 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
(não acons. men. 18 anos)

BARRY LINDON
de Stanley Kubrick
(G.B. - 1975)

Um filme tão perfeito tão perfeito que acaba por ganhar a majestática frieza de um mausoléu de mármore. Por mim prefiro outras obras de Kubrick não menos exemplares mas menos arrogantemente exibicionistas.

Cinema Estúdio (14.45, 18.15 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

O OVO DA SERPENTE
de Ingmar Bergman
(USA - 1977)

Bergman, na teia do cinema multinacional escorrega imparável e assina aquele que é, quase seguramente, o seu filme mais infeliz. Pouco à vontade, na política como no estrangeiro, Bergman às voltas com o nazismo em incubação é o discurso metafísico, artificial e inconvincente que se espelha. Nem Liv Ulman escapou à derrocada.

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)

UM FILME DOCE
de Dusan Makavajev
(França - Canadá - RFA -1974)

Uma provocação feroz, total, desesperada e nihlista aos mitos da Esquerda, feita por um cidadão jugoslavo emigrado que, obsessivamente, vem «matando o pai» – Estaline a golpes de sucessivos filmes. Por vezes irritante, a deixar colérico o espectador, este filme é porém um facto que é preciso nem escamotear nem esquecer.

Cinema Quarteto - sala 4 (15, 17, 19, 21 e 23h)
(interdito a men. 18 anos)

SORRISOS DE UMA NOITE DE VERÃO
de Ingmar Bergman
(Suécia - 1955)

Enquanto o mais recente Bergman se «espalha» em **O ovo da serpente**, este outro, «velho» de mais de vinte anos continua vigoroso e deliciosamente justo. E não pense o leitor que é saudosismo. Apenas, e só, sentido da medida.

Cinema Satélite (15, 17, 19, 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

UMA VIDA DIFÍCIL
de Dino Risi
(Itália - 1961)

A comédia italiana através de um dos filmes mais significativos da carreira do «patriarca» Dino Risi. O percurso da Itália, do pós-guerra ao «milagre» económico, viagem amarga em torno de um homem vulgar que teima em não se vender. Alberto Sordi e Lea Massari indiscutíveis.

Cinema Quarteto - sala 3 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
(não acons. men. 13 anos)

FRANKENSTEIN JÚNIOR
de Mel Brooks
(USA - 1974)

Uma divertida comédia de cinéfilo que continua a ser o ponto mais alto da carreira de Mel Brooks. Um riso inteligente de volta aos **écrans** «nobres» (?) de Lisboa.

Cinema Quarteto - sala 2 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
(não acons. men. 13 anos)

AUDREY ROSE
de Robert Wise
(USA - 1977)

Apesar de Wise ser um experimentado realizador, apesar de ser no espaço do cinema «fantástico» que atingiu alguns dos seus melhores momentos, **Audrey Rose** é um filme que, certamente hábil, não consegue o entusiasmo nem a inquietação.

Cinema ABCine - sala B (15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 18 anos)

FUGA DO ESPAÇO
de Richard T. Heffron
(USA - 1976)

A primeira surpresa entre os pequenos filmes do Verão. Certamente menor, **Fuga do espaço** tem, no entanto, lugar para a imaginação e para um certo prazer lúdico adolescente. Um simples **entertainment** em ambiência de **luna park.**

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

TERRAMOTO
de Mark Robson
(USA - 1974)

Se não fosse o **Sensurround** (de resto, uma desilusão) a gente adormecia. Robson tem a subtileza de um búfalo em jardim francês e tudo neste filme o demonstra, dos diálogos à direcção de actores. Só no campo dos efeitos especiais (ressalva para o apenas ruidoso **Sensurround**) este filme se aproxima do aceitável.

Cinema Tivoli (14, 16.30, 19, 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

A ÚLTIMA VALSA
de Martin Scorsese
(USA - 1978)

Um concerto **rock** quase **all-stars** filmado com a exactidão de um ritual mágico e fúnebre. (Ver crítica mais detalhada neste (**7 . 7**)

Cinema Vox (15.15, 18.30 e 21.30h) e Oxford – Cascais
(não acons. men. 13 anos)

O HOTEL DA PRAIA
de Michel Lang
(França - 1977)

Um senhor oportunista repete a receita de primeiro amor para pior, se possível. Falemos de outra coisa.

Cinemas City e Star (14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

OS MACHOS
de Grilles Carle
(Canadá - 1971)

Um filme que engrena (mal) meia dúzia de situações exemplarmente divertidas e justas, num todo que acaba por ser um pouco gratuito. Pressente-se porém o nervo de um realizador que nos iria dar, logo a seguir, essa pequena jóia que foi **La vraie nature de Bernadette.**

Cinema Camões (14.15, 16.30, 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)

TV/PONTO

DOMINGO, 6

12.30 Abertura e Missa de domingo (fecho às 13.10)
16.45 Reabertura e Telejornal
17.00 TV-Rural
17.30 Grande encontro
19.30 Kan Chung, o justiceiro
20.30 A festa da música
(magazine da lavra de João Martins)
21.00 Telejornal
21.30 Boletim meteorológico
21.35 Homem rico, homem pobre
(o oitavo episódio da segunda série, em que, sempre segundo as Relações Públicas da RTP, «Sara Hunt está disposta a revelar a Rudy Jordache os segredos que conhece acerca de Charles Estep, mas vem a pagar por isso ...»)
22.40 Entre barreiras
23.10 Volta a Portugal em Bicicleta
23.25 Telejornal

SEGUNDA, 7

18.25 Abertura e Telejornal
18.32 Lições de natação
(nesta quinta lição falar-se-á das bases fundamentais para nadar de bruços e dar mergulhos: «com o mergulho conquista-se um mundo novo» diz o «slogan» do dia, mas nós pomos uma pequena reserva: convém não bater com a testa no fundo)
18.55 Paddington
(as aventuras de um ursinho em Inglaterra: narração de José Raymond)
19.00 [illegible]
19.35 Cientificamente
20.00 Telejornal
20.30 O Casarão
(o folhetim a dar as últimas: morreu o simpático Atílio e tudo se conjuga para que Carolina e João Maciel um dia destes reatem a velha amizade dos tempos em que ele era escultor incipiente: a coisa tá que esquenta)
21.05 Boletim meteorológico
21.15 Teatro
(o chamado «Arquivo», a que costumamos pôr antes o nome de «Enlatados», e que hoje à noite é o «Knock», de Jules Romains, traduzido por José Sinde Filipe e adaptado e realizado por Oliveira Costa, com um elenco formado pelo mesmo Sinde Filipe e ainda por Pedro Lemos, Augusto de Figueiredo, António Montez, Luís Pinhão, Pedro Pinheiro, Maria José, Susana Prado, Cecília Guimarães, Josefina Silva, Maria Emília Correia e Lynne Motta)
23.05 Volta a Portugal em Bicicleta
(o pessoal da RTP, a propósito, soma quinze homens só para estes breves apontamentos: aqui está uma deixa que o telespectador não sabia)
23.20 Telejornal

TERÇA, 8

18.00 Abertura e Telejornal
19.05 Natação
(em directo da piscina dos Olivais, em Lisboa, [illegible] dos Campeonatos de Portugal [illegible] nomes a fixar desde já [illegible] Abreu, Paulo e Jacob [illegible] Paula Santana, Liliana [illegible] Pereira, Teresa Figueira e [illegible])
19.30 Culinária
(programa apresentado por Filomena de Abreu [illegible] que tal como Mestre Silva [illegible] pratos dispendiosos; ainda bem, diz a gente de casa, forçada a rebuscar nas meninges uma solução prática para o agregado familiar não ficar com a impressão de que amanhã é que vai ser bom, abundante e bem confeccionado)
20.00 Telejornal
20.30 O Casarão
(cujo desfecho parece evidente: Carolina e João Maciel estão cada vez mais perto um do outro, vem aí um encontro «fatal» à porta da Colombo – e mais não contamos por hoje)
21.05 O Boletim Meteorológico
21.15 Herculano um ano depois
22.10 Os inquéritos do comissário Maigret
(com Jean Richard no protagonista, a adaptação televisiva de argumentos de Georges Simenon, o tal «série negra» francês que André Gide e outros leitores privilegiados descobriram ser bastante mais do que isso – o equivalente ao romancista dos «Tough Guys» tipo Horace McCoy)
23.45 Volta a Portugal em Bicicleta
(no tempo em que os profissionais passavam a amadores e os amadores queriam imitá-los à viva força)
00.00 Telejornal

Viver com a TV que temos

Esta é a TV que temos e com a qual o telespectador tem que viver: um «cheirinho» de natação, um «enlatado» de teatro («Knock»), um filme de «chacha» («Cinco mulheres em apuros») e «O Casarão» (que acaba no dia 10).

QUARTA, 9

18.25 Abertura e Telejornal
18.32 Issi Noho
(sexto episódio: «a família Martins vai para férias e Issi, que ficou sozinho em casa lá no jardim, decidiu fazer uma pequena surpresa para mostrar a sua gratidão»)
18.45 Paddington
(outro urso, este inglês: não será ursada a mais, mesmo para o público de calções, óh RTP?)
18.50 Corrida ao ouro
(«Scott não consegue provar a inocência do pai nem saber nada dele...»)
19.20 «A bela moleira»
(o terceiro programa, com a música de Schubert para as vozes de Alcino Soares, barítono, e acompanhantes; realização de Correia Alves)
20.00 Telejornal
20.30 O Casarão
(o episódio n.º 158, quase, quase a dizer «acabou-se»)
21.05 Boletim Meteorológico
21.15 O pão que o diabo amassou
(série baseada no romance homónimo de Georges-Emmanuel Clancier: «A fmília Chanon deixou a quinta onde trabalhava para ir para outra granja; Robert e Mariette vão para longe. Tempos depois o sr. Maneuf exige de Chanon um falso testemunho. Jean Chanon recusa, e mais uma vez tem de partir para principiar a vida noutro lugar...»)
23.10 Programa cultural
23.34 Volta a Portugal em Bicicleta
(esta noite ainda mais tarde, à hora a que os ciclistas já ressonam e os mecânicos oleiam as máquinas para o dia seguinte)
00.00 Telejornal

QUINTA, 10

18.25 Abertura e Telejornal
18.30 O mundo da música
(onde se fala de uma varinha chamada batuta: mais há mais – uma rapariguinha de 13 anos dirigirá a Orquestra Sinfónica da Televisão Espanhola e ouviremos os solistas Erner Kriales e Luis Elizalde no belo «Adagio» de Albinoni)
19.00 Ideias e mãos
(a rubrica hoje é sobre tecelagem: o que é o tear, como se tece, o que são a teia e a trama)
19.30 A ideia e a imagem
(por Álvaro Manuel Machado)
20.00 Telejornal
20.30 O Casarão
(atenção, silêncio: a telenovela acaba hoje. Carolina e João Maciel dão-se as mãos, «happy end», rouxinóis cantam nos raminhos, isto é, sabiás cantam, etc., e está já na forja outra telenovela que, por não fazermos ainda tal produto, será ainda desta vez brasileira, com todos os ingredientes para agradar ao telespectador luso, incluso a língua)
21.05 Boletim Meteorológico
21.15 Açores
(um filme da RTP sobre o Arquipélago)
21.45 «O último dos Moicanos»
(realização do «routier» francês Pierre Gaspard-Huit, com Helmut Lange, Pierre Massimi e Sybil Mass no «cast»; a história é a de James Fenimore Cooper, autor americano do século passado, perfeitamente dentro do «estilo pioneiro» que fez época e que o cinema recuperou para o «Western»)
23.10 Volta a Portugal em Biciclista
23.25 Telejornal

SEXTA, 11

18.25 Abertura e Telejornal
18.30 Paddington
(o ursinho inglês, hoje sem a concorrência do Issi Noho)
18.45 Telejuvenil
19.25 Ilhas perdidas
(«O primeiro-ministro das Ilhas Perdidas aproveita a ausência do Q, que vai a Malo passar uns dias, para se vingar de um rapazinho...»)
20.00 Telejornal
20.35 O nosso tempo
21.30 Boletim Meteorológico
21.40 O caminho das estrelas
(mais aventuras do «Entreprise» e da sua peregrinante tripulação, com estranhos e terríveis acidentes no espaço intergaláctico)
22.45 Melomania
(programa de João de Freitas Branco e Augusto Cabrita)
23.15 Volta a Portugal em Bicicleta
23.35 Telejornal

SÁBADO, 12

17.00 Abertura e Telejornal
17.15 Desporto 78
17.30 Inglês a sorrir
18.05 Paddington
18.16 Especial Desporto
(o desporto na neve tal como se pratica lá fora: por cá, tirando uns teimosos que costumam ir para a serra da Estrela, não se passa nada de nada)
19.10 Uma casa na pradaria
20.05 Cinema de animação
(«Dois italianos em Lisboa»: os italianos são Cristina, Lastrego e Francesco Testa, e o que lhes aconteceu foi irem um dia ao Centro de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian conviver com a malta miúda, com quem fizeram uma história vivida ao vivo ali mesmo:
coordenação de Vasco Granja)
20.35 Tropicália
(aquele cheirinho de Brasil, agora ainda mais cheirinho depois que a telenovela de Lauro César Moniz regressou à TV Globo)
21.00 Telejornal
21.30 Boletim Meteorológico
21.35 Jogos sem fronteiras
(com comentários de Fialho Gouveia)
22.35 Volta a Portugal em Bicicleta
22.35 Telejornal
22.45 Sábado especial
(«Cinco mulheres em apuros», de Ted Post, com Anjanette Comer, Robert Conrad, Bradford Dillman, Joan Hackett, Denise Nichols, Stephanie Powers e Julie Sommars: «Cinco antigas colegas de colégio encontram-se numa reunião de curso. Instalam-se numa ilha, numa bela mansão. Inesperadamente abate-se sobre elas um pesadelo de medo, perigos e angústia...» – se o telespectador depois quiser dormir, conte carneiros, mesmo dos pequenos, que faz muito bem essa aritmética)